



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

**INTER-AÇÃO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO
BRASIL EM TEXTOS ESCRITOS DO EXAME CELPE-BRAS**

Ailana Assis Cota

Orientadora: Profa. Dra. Viviane C. Vieira Sebba Ramalho

Brasília
2013



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Ailana Assis Cota

**INTER-AÇÃO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO
BRASIL EM TEXTOS ESCRITOS DO EXAME CELPE-BRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestra, área de concentração *Linguagem e Sociedade*.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane C. Vieira Sebba Ramalho

Brasília
2013

Ailana Assis Cota

**INTER-AÇÃO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO
BRASIL EM TEXTOS ESCRITOS DO EXAME CELPE-BRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestra, na área de concentração *Linguagem e Sociedade*, defendida à Banca Examinadora constituída pelas professoras:

PROFA. DRA. VIVIANE CRISTINA VIEIRA SEBBA RAMALHO

Universidade de Brasília (UnB) – Presidente

PROFA. DRA. JULIANA ROQUELE SCHOFFEN

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Membro Efetivo

PROFA. DRA. JULIANA DE FREITAS DIAS

Universidade de Brasília (UnB) – Membro Efetivo

PROFA. DRA. VIVIANE DE MELO RESENDE

Universidade de Brasília (UnB) – Membro Suplente

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos bons espíritos por permitirem que tantas pessoas maravilhosas cruzem meu caminho.

Em especial, gostaria de agradecer:

Aos meus pais e ao meu irmão, por serem as primeiras pessoas a me ensinarem a conviver em sociedade e pelas imensuráveis influências positivas em minha vida;

A minha tia Bernadete, meu tio Rolins e a minha prima Ana Paula, pela acolhida calorosa na minha mudança para Brasília;

Às outras pessoas da minha família, pelo carinho, apoio e vibrações positivas;

Ao meu marido, Paulo, pela companhia, companheirismo, compreensão, generosidade, paciência, apoio e amor nesses anos que estamos juntos. Sem isso, com certeza nenhum de meus planos seria possível;

A minha orientadora, Dra. Viviane Ramalho, pela compreensão, paciência e acompanhamento nesses dois anos de mestrado;

À Paula, Simone, Felipe, Deivison, Patrick, Libby e demais amigos/as, pela amizade segura e verdadeira;

À Escola das Nações, pelo apoio e compreensão durante o mestrado, especialmente à Ms. Lisa e Frederico;

Aos/Às excelentes profissionais e verdadeiros/as amigos/as da Escola das Nações, pela oportunidade da convivência diária, que me é tão essencial. Em especial, à Semíramis, Lúcio, Fernanda, Andréa, Cláudia Merçon, Jorge, Jin, Cláudia França, Henrique, Diana, Antonio, Ana Paula Garcia, Melissa, Getúlio, Rita, França, Teresa, e Regina Nonemaker;

À Ana Paula Chianca e Leila Barros, pelo apoio e torcida;

À Ivana e à Regina Maria, pela confiança e exemplos de profissionalismo;

Aos/Às exímios/as pesquisadores/as e estudantes Gersiney Santos, Risalva Bernardino, Fátima Carvalho, Vângela Vasconcelos, Nara Batista, Pilar Acosta, Anna Clara Viana, entre outros/as, pelas trocas e companheirismo nessa caminhada acadêmica;

À Dra. Marcia Niederauer, pelo exemplo, apoio, troca de ideias e confiança constantes;

Às pessoas que colaboraram neste trabalho, professora Matilde Scaramucci, membros da equipe de correção e elaboração do exame Celpe-Bras e pessoas do INEP (MEC);

Aos membros da minha banca, Dra. Juliana Schoffen, Dra. Juliana Dias e Dra. Viviane de Melo Resende, pela leitura atenta do meu trabalho;

Às demais pessoas que me ajudaram direta e indiretamente durante o mestrado, meu muito obrigada.

A cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação.”

Renato Ortiz

Resumo

Nesta pesquisa, investigo (inter)ações, representações e identificações do Brasil em 12 textos escritos do exame Celpe-Bras que compuseram as edições de 2009/2 a 2012/1. Com base em pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 2003; FAIRCLOUGH, 2003, 2008; RESENDE & RAMALHO, 2006; RAMALHO & RESENDE, 2011), busquei explicar criticamente sentidos potencialmente ideológicos nesses textos que compõem o único exame de proficiência em português língua estrangeira reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro, o exame Celpe-Bras. Para tanto, a partir do entendimento de que a elite econômica é uma das mediadoras na construção de uma cultura nacional (KRAMSCH, 1998; ORTIZ, 2003; VANNUCCHI, 2006), retomo o que seria a ‘imaginação’ do Brasil com base em temas sociológicos relacionados a rituais, casa, rua, comida, família e religião (DAMATTA, 1997a; 1997b; 2000; FREYRE, 2006; HOLANDA, 1995) e concebo que eventos sociais concretos e práticas sociais mais abstratas são parte da realidade. Sendo assim, neste trabalho, a imagem de brasilidade está mais estabilizada no nível da estrutura e é potencialmente veiculada em textos, situados no nível dos eventos sociais, e, ainda, intermediada pela prática social particular específica desta pesquisa, ou seja, pelo exame Celpe-Bras. Este estudo é predominantemente qualitativo, documental e sincrônico e tem como foco a composição do exame escrito do Celpe-Bras, uma vez que traz as análises interacionais dos textos que compõem as edições do exame, interpretados à luz da crítica-explanatória, nas quais a identificação de gêneros, discursos e estilos é realizada por meio das categorias linguísticas estrutura genérica, estrutura visual, interdiscursividade, intertextualidade, pressuposição, relações semânticas entre sentenças e avaliação. O nível da produção do exame Celpe-Bras também é parcialmente contemplado, pois as análises interacionais dos textos escritos do exame são apoiadas em questionários abertos autoadministrados respondidos por colaboradores/as que participam, ou já participaram, de eventos de elaboração e avaliação do exame Celpe-Bras. Os resultados da pesquisa indicam veiculação no exame de representações do Brasil conformadas por relações e instituições características do capitalismo tardio e da globalização neoliberal, a exemplo da pressuposição de que idosos/as deveriam ser economicamente ativos/as. As imagens e representações dos/as jovens brasileiros/as nos textos tendem a não contemplar a diversidade cultural do Brasil e, quando o tema se relaciona à ciência e à tecnologia, as análises indicam que o Brasil não possui acesso discursivo e autorização para discutir tais assuntos (VAN DIJK, 2010; FAIRCLOUGH, 2003). Esse tipo de discurso/representação (disseminado em gêneros/inter-ações e com potencial para ser inculcado em estilos/identidades) pode contribuir para a sustentação e instauração de crenças e valores ideológicos sobre o Brasil, que têm estreita relação com legitimação por relações de dominação serem apresentadas como legítimas e universais (THOMPSON, 2009).

Palavras-chave: discursos; textos escritos do exame Celpe-Bras; (inter)ação, representação e identificação; ideologia.

Abstract

In this research, I investigate the action, representation and identities of Brazil in 12 written texts that belong to Celpe-Bras exam, found in the composed editions from 2009/2 to 2012/1. Based on Critical Discourse Analysis framework (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 2003; FAIRCLOUGH, 2003, 2008; RESENDE & RAMALHO, 2006; RAMALHO & RESENDE, 2011), I found to explain in a critical way potentially ideological directions in these texts that are part of the only proficiency exam recognized by Brazil's government, Celpe-Bras exam. Therefore, from the understanding that economic elite is mediator in the construction of an idea of national culture (KRAMSCH, 1998; ORTIZ, 2003; VANNUCCHI, 2006), I work on what could be Brazilian 'imagination' based on sociological issues related to 'rituals', 'house', 'street', food, family and religion (DAMATTA, 1997a; 1997b; 2000; FREYRE, 2006; HOLANDA, 1995) and I understand concrete social events and abstract social practices are part of reality. Thus, in this work Brazil's imagination is stabilized in structure and is potentially aired in texts, situated in social events and intermediated by particular social practice of this research, in other words, Celpe-Bras exam. This research is principally qualitative, documentary and synchronic and brings to a focus Celpe-Bras written exam's composition since brings analysis of texts that are part of edition of this exam, interpreted by explanatory critique, which identification of genres, discourses and styles are operationalized by linguistics category genres and generic structure, visual structure, discourses, intertextuality, assumptions, meaning relations between sentences and clauses and evaluation. Celpe-Bras production is partly considered because textual analysis is supported by questionnaire answered by people who participate, or participated, in Celpe-Bras events, elaboration and evaluation. This research's results indicated Brazil's representation established by institutions and relations of new capitalism and globalization, for example an assumption that elderly might be economically active. Brazilian young people representations on texts inclines to not include the cultural diversity of Brazil and the Science and technology issues indicated that Brazil does not have discursive access and authorization to discuss it (VAN DIJK, 2010; FAIRCLOUGH, 2003). This kind of discourse/representation (inculcated in genres and potentially in styles/identities) may contributed to support and establish ideological beliefs and values about Brazil, that build a relation to legitimation because domain relations are introduced as legitimate and universal (THOMPSON, 2009).

Key words: discourses; Celpe-Bras written texts; action, representations and identities; ideology.

Lista de Ilustrações

FIGURA 1.1.: Examinandos/as inscritos no exame Celpe-Bras de 1998 a 2012/1..	27
FIGURA 2.1.: Relação entre estruturas sociais e discursivas, segundo Fairclough (2003).....	49
FIGURA 2.2.: Momentos da prática social, segundo Chouliaraki e Fairclough, 1999.....	50
FIGURA 2.3.: Recontextualização da LSF na ADC.....	55
FIGURA 2.4.: Modos gerais de operação da ideologia, segundo Thompson (2002).....	56
FIGURA 4.1.: Apresentação dos conceitos da GDV utilizados neste trabalho.....	77
FIGURA 4.2.: Apresentação visual da estrutura genérica do exame Celpe-Bras (Caderno de questões do exame Celpe-Bras – edição 2012/2).....	84
FIGURA 4.3: Texto 3-09/2.....	86
FIGURA 4.4: Texto 4-09/2.....	87
FIGURA 4.5.: Texto 3-10/1.....	88
FIGURA 4.6.: Texto 4-10/1.....	88
FIGURA 4.7.: Texto 3-10/2.....	89
FIGURA 4.8.: Texto 4-10/2.....	90
FIGURA 4.9.: Texto 3-11/1.....	90
FIGURA 4.10.: Texto 4-11/.....	91
FIGURA 4.11.: Texto 3-11/2.....	92
FIGURA 4.12.: Texto 4-11/2.....	92
FIGURA 4.13.: Texto 3-12/1.....	93
FIGURA 4.14: Texto 4-12/1.....	94

Lista de Tabelas

TABELA 1.1: Celpe-Bras – Representação das Unidades da Federação na CT de 1993 até julho 2007.....	33
TABELA 3.1.: Articulação de discursos particulares nos textos do <i>corpus</i> principal.....	67
TABELA 3.2.: Abordagem teórico-metodológica da ADC, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999).....	69
TABELA 4.1: Identificação dos textos para análises interacionais.....	85

Sumário

Resumo.....	6
Abstract.....	7
Lista de Ilustrações.....	8
Lista de Tabelas.....	9
APRESENTAÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - O Celpe-Bras no contexto do capitalismo tardio.....	15
1.1. Características institucionais do capitalismo tardio.....	15
1.2. Discursos no capitalismo tardio.....	22
1.3. O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros.....	27
CAPÍTULO 2 - Os discursos da imaginação do Brasil e pressupostos teórico - metodológicos da ADC.....	36
2.1. Os discursos de cultura nacional.....	36
2.2. O Brasil imaginado.....	41
2.3. Pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica.....	46
2.3.1. Discurso e ideologia.....	51
CAPÍTULO 3 - Abordagem teórico-metodológica do estudo.....	58
3.1. A pesquisa qualitativa e a ADC.....	58
3.2. A constituição do <i>corpus</i>	61
3.3. A abordagem teórico-metodológica da ADC.....	68
CAPÍTULO 4 - (Inter)ação, representação e identificação em textos do Exame Celpe-Bras.....	71
4.1. Modos de (inter)agir, de representar e de ser/identificar.....	71
4.1.1. Significado acional/relacional: gênero, intertextualidade e relações semânticas entre sentenças.....	72
4.1.2. Significado representacional: interdiscursividade e estrutura visual....	76
4.1.3. Significado identificacional: avaliação.....	78

4.2. Análise estrutural: ordens de discurso articuladas.....	78
4.2.1. A ordem de discurso articulada no <i>corpus</i> principal.....	80
4.2.2. Inter-agir por meio do exame: o Celpe-Bras como gênero situado.....	83
4.2.3. Análises interacionais de gênero dos textos e das imagens do <i>corpus</i> principal.....	85
4.3. Representação do/a jovem brasileiro/a.....	95
4.4. Representação da estética e saúde.....	99
4.5. Construção discursiva dos <i>rituais</i> e da <i>rua</i>	103
4.6. Construção discursiva da ‘economia’.....	107
4.7. Acesso discursivo: ciência e tecnologia.....	111
4.8. As análises e a problematização pelas tarefas.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	119
ANEXOS.....	124

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa é resultado das atividades desenvolvidas no projeto “Práticas docentes em perspectiva crítica: contribuições dos estudos do discurso”, coordenado pela Profa. Dra. Viviane Ramalho (RAMALHO, 2012; RAMALHO, RIBEIRO, RODRIGUES, 2011). Neste estudo específico, de minha autoria, investigo (inter)ações, representações e identificações do Brasil em textos escritos do exame Celpe-Bras que compuseram as edições de 2009/2 a 2012/1 e abordo como problema social parcialmente discursivo representações potencialmente ideológicas do Brasil em textos escritos do exame Celpe-Bras.

Para tanto, por objetivos específicos, esta pesquisa investiga: a) aspectos da conjuntura social situada e da prática particular de elaboração, aplicação e avaliação do exame Celpe-Bras; b) elementos estruturais interdiscursivos (gêneros, discursos e estilos de diferentes ordens do discurso) implicados na composição dos textos do exame Celpe-Bras que compõem o *corpus* principal da pesquisa; c) aspectos interacionais e composicionais do gênero situado “exame Celpe-Bras” no *corpus* principal; d) quais discursos/representações e de que maneiras eles são articulados nos textos do exame Celpe-Bras que compõem o *corpus* principal; e) a recontextualização/articulação de vozes no *corpus* principal, bem como relações semânticas, tendo em vista a construção de legitimações em potencial; e f) avaliações e presunções valorativas sobre o Brasil presentes nos textos do *corpus* principal.

Com base em pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003, 2008; RESENDE & RAMALHO, 2006; RAMALHO & RESENDE, 2011), retomo o que seria a ‘imaginação’ do Brasil, construída a partir da mediação da elite econômica (KRAMSCH, 1998; ORTIZ, 2003), que está mais estabilizada no nível da estrutura e é potencialmente veiculada em textos, situados no nível dos eventos sociais, e, ainda, intermediada pela prática social particular específica desta pesquisa, ou seja, pelo exame Celpe-Bras. Este estudo é predominantemente qualitativo, documental e sincrônico e tem como foco a composição do exame escrito do Celpe-Bras, uma vez que traz as análises interacionais dos textos que compõem as edições do exame, interpretados à luz da crítica-explanatória nas quais a identificação de gêneros, discursos e estilos é realizada por meio de categorias linguísticas. O nível da produção do exame Celpe-Bras também é contemplado, pois as análises interacionais dos textos são embasadas em

questionários abertos autoadministrados respondidos por colaboradores/as que participam, ou já participaram, de eventos de elaboração e correção do exame Celpe-Bras.

No Capítulo 1, contextualizo o exame Celpe-Bras na conjuntura do capitalismo tardio. A globalização, uma das facetas do capitalismo tardio, se apresenta como justificativa para a política que busca tornar universais os interesses e tradições particulares das potências econômica e politicamente dominantes (BOURDIEU, 2001). Ou seja, o fato de o Brasil ser apresentado como sexta economia mundial significa que ele está mais próximo do modelo de desenvolvimento econômico e cultural das potências econômicas e se encaixa em uma das novas características da ordem social pós-moderna, entregue à lógica do desejo imediato e do interesse transformado em lucro (BOURDIEU, 2001). Dentro desse contexto, que acaba por proporcionar ampla mobilidade de pessoas, é natural que a cultura de aprender línguas se expanda cada vez mais e, no contexto brasileiro, com a aproximação do Brasil dos modelos econômicos internacionais avaliados como positivos, é também natural que haja também maior valorização da língua portuguesa no exterior. Assim, também apresento a prática particular desta pesquisa, o exame Celpe-Bras, único exame de proficiência em português do Brasil reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro, desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) e aplicado no Brasil e em outros países pelos 69 postos aplicadores, 21 no Brasil e 48 no exterior.

No Capítulo 2, apresento os principais pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa: a Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003, 2008; RESENDE & RAMALHO, 2006; RAMALHO & RESENDE, 2011) baseada na filosofia do Realismo Crítico, cuja ontologia concebe o mundo, incluindo o mundo social, como estratificado em nível real, potencial e empírico. Concebo que eventos sociais concretos e as práticas sociais mais abstratas são parte da realidade e representados, nesta pesquisa, pela imagem de brasilidade – mais estabilizada no nível da estrutura – potencialmente veiculada em textos – situados no nível dos eventos sociais – e, ainda, intermediada pela prática social particular específica desta pesquisa, ou seja, pelo exame Celpe-Bras. A partir da compreensão de que cultura nacional refere-se a elementos de identificação de uma nação, que são parcialmente mediados pela elite econômica (KRAMSCH, 1998; ORTIZ, 2003), entendo que a ‘construção do imaginário brasileiro’ passa pela esfera de disseminação e apropriação de discursos de grupos particulares pelo Estado. Assim, apresento o que

seria a ‘imaginação’ do Brasil com temas sociológicos relacionados a rituais, casa, rua, comida, família e religião (DAMATTA, 1997a; 1997b; DAMATTA, 2000; FREYRE, 2006; HOLANDA, 1995).

No Capítulo 3, apresento a proposta de abordagem teórico-metodológica da ADC para estudo de problemas sociais com aspectos semióticos, composta por cinco momentos principais (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) que fundamentam esta pesquisa. Dessa forma, discuto que os textos também são interpretados à luz da crítica-explanatória na abordagem metodológica da ADC (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO, 2007; RESENDE, 2009). Além da apresentação dos objetivos gerais e específicos, as questões de pesquisa e a composição do *corpus*, explico o desenvolvimento desta pesquisa, baseada em análises predominantemente qualitativas de dados documentais, apoiadas em respostas a questionários abertos autoadministrados.

No Capítulo 4, procedo à análise dos textos das Tarefas 3 e 4 das edições de 2009/2 a 2012/1 do exame Celpe-Bras, que busca conexões dialéticas entre o social e o discursivo, tendo em vista relações de poder nas maneiras de (inter)agir, representar e identificar(se) em textos, e é orientada para a estrutura e para a interação. A análise da estrutura se constitui pela composição genérica do exame Celpe-Bras e a análise da interação compõe-se pela identificação de gêneros, discursos e estilos articulados e realizados linguisticamente. As categorias linguísticas que serviram de meio para a análise interacional foram: estrutura genérica; estrutura visual; interdiscursividade; intertextualidade; pressuposição; relações semânticas entre sentenças; e avaliação (FAIRCLOUGH, 2003). Nas considerações finais, faço uma reflexão a respeito dos resultados deste trabalho e, com base nas questões iniciais, retomo o problema parcialmente discursivo e o desenvolvimento da pesquisa até as conclusões permitidas pelas análises. Os resultados deste estudo inicial indicam veiculação de representações do Brasil conformadas por relações e instituições características do capitalismo tardio e da globalização neoliberal. Esse tipo de discurso/representação (disseminado em gêneros/(inter)ações e com potencial para ser inculcado em estilos/identidades) pode contribuir para a sustentação e instauração de crenças e valores ideológicos sobre o Brasil, que têm estreita relação com legitimação por relações de dominação serem apresentadas como legítimas e universais (THOMPSON, 2009).

CAPÍTULO 1

O Celpe-Bras no contexto do capitalismo tardio

Neste capítulo, contextualizo o exame Celpe-Bras na conjuntura do capitalismo tardio. Na seção 1.1., apresento a globalização como uma das facetas do capitalismo tardio que se torna justificativa para a política que busca tornar universais os interesses e tradições particulares das potências econômica e politicamente dominantes (BOURDIEU, 2001). Na seção 1.2., trato dos discursos do capitalismo tardio, nos quais apresento discursos particulares como formas de representar aspectos do mundo (FAIRCLOUGH, 2003). Na seção 1.3., apresento a prática particular desta pesquisa, o exame Celpe-Bras, único exame de proficiência em português do Brasil reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro.

1.1. Características institucionais do capitalismo tardio

A idealização e implantação das instituições do capitalismo tardio, no cenário internacional da *globalização neoliberal*, criou modos de vida completamente desprendidos dos modos tradicionais de ordem social (HARVEY, 1993; FAIRCLOUGH, 2006). Bourdieu (2001), de forma crítica, entende a globalização como justificativa para a política que busca tornar universais os interesses e tradições particulares das potências econômica e politicamente dominantes, representada principalmente pelos Estados Unidos. Um bom exemplo é a recente repercussão no exterior de que o Brasil está em “pleno desenvolvimento econômico”. De acordo com a notícia da página eletrônica do El Universal¹, o governo brasileiro informou no mês de março de 2012 que sua economia cresceu 2,7% no ano de 2011. Essa notícia desencadeou a confirmação do Centro de Investigação Econômica e Empresarial (Cebr), com sede em Londres, de que o Brasil é a sexta economia mundial, ficando atrás somente de Estados Unidos, China, Japão, Alemanha e França, respectivamente.

O fato de o Brasil ser apresentado como sexta economia mundial significa que ele está mais próximo do modelo de desenvolvimento econômico e cultural das potências econômicas. Esse modelo econômico e cultural é exposto ao mundo como norma e suposto destino universal, de modo a conseguir estabelecer conceitos

¹ Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/notas/834282.html>.

universalizados e legitimados aos países chamados “em desenvolvimento”. Assim, a globalização neoliberal é um modelo de economia que permite a classificação de diversas sociedades de acordo com a distância estabelecida em relação à sociedade economicamente dominante. Para Bourdieu (2001), isso se caracteriza como *imperialismo do universal*, ou seja, a universalização da particularidade instituída como universal: “em matéria de cultura, universalizar, impondo-as a todo o universo, as particularidades de uma tradição cultural na qual a lógica comercial conheceu seu pleno desenvolvimento” (BOURDIEU, 2001: 90).

Jameson (2001) elenca cinco níveis distintos da globalização: tecnológico, político, cultural, econômico e social. O nível tecnológico não se limita à revolução da informática e às novas possibilidades de comunicação, elementos indiscutivelmente característicos, mas traz impactos também na produção e organização industriais e comercialização de produtos. O nível político põe em questão o papel do estado-nação nesta relação complexa de redes globais e influências internas e externas. O nível cultural trata do receio de que os modos de vida étnico-nacionais sejam eliminados e substituídos pelas tendências ‘naturais’ legitimadas pelo poder hegemônico dos países dominantes. O nível econômico está estritamente ligado aos níveis cultural e tecnológico. Cultural no sentido em que se percebe uma economia para a cultura e uma cultura para a economia – a cultura do consumo mercadológico – e tecnológico devido à facilidade proporcionada pela rede global simultânea aberta pelas novas tecnologias. Assim, o nível econômico da globalização tornou-se extremamente complexo e parece ser irreversível, pois a conexão com a rede econômica global influencia em todos os sentidos socioculturais e afeta diretamente o nível social.

Fairclough (2006: 163) argumenta que a globalização é uma realidade complexa:

um conjunto de processos, interligado e em parte autônomo, que afeta muitas dimensões da vida social (econômica, política, social, cultural, ambiental, militar e assim por diante), que constitui as mudanças na organização espacial da atividade social e interação, relações sociais e relações de poder, produzindo interconexões cada vez mais intensas, extensas e rápidas, interdependências e fluxos em escala global e entre a escala global e outras escalas (macro regional, nacional, local, etc.).²

Neste aspecto, as discontinuidades da modernidade tardia são maiores do que as continuidades entre o tradicional e o moderno por terem sido dramáticas e abrangentes. As discontinuidades apontadas por Giddens (1991) são o (1) *ritmo da mudança* – a

² Os originais em língua estrangeira foram traduzidos pela autora.

rapidez com que tudo se modifica é extrema e pode ser mais bem compreendida nos avanços tecnológicos, mas permeia outras esferas da sociedade; (2) o *escopo da mudança* – as interconexões entre todas as partes do mundo permitem “ondas de transformação social”; (3) a *natureza intrínseca das instituições modernas* – formas sociais como a transformação de trabalho em mercadoria e o sistema político do estado-nação.

A *natureza intrínseca das instituições modernas* apresentada por Giddens (1991), ou seja, a transformação do trabalho em mercadoria, aponta para maior projeção do Brasil internacionalmente de acordo com os dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) do Brasil. No ano de 2010, o MTE concedeu 30% a mais de autorizações para estrangeiros/as trabalharem no Brasil do que em 2009, e esse número continua crescendo (BRASIL, 2011). Com uma diferença de 13.092 autorizações – entre as quais 32% são temporárias e 4,5%, permanentes –, o aumento do interesse de estrangeiros/as “está relacionado aos crescentes investimentos no Brasil, especialmente nos setores industrial, óleo, gás e energia”, de acordo com o Coordenador Geral de Imigração do MTE, Paulo Sérgio Almeida (BRASIL, 2011).

Bourdieu (2001) reconhece a globalização neoliberal como máscara de uma característica de ordem social entregue à lógica do desejo imediato e do interesse transformado em lucro. As ações políticas nas quais os/as consumidores/as são reconhecidos/as como cidadãos/ãs envolvem a relação do mercado não como simples mecanismos de compra e venda, mas como “interações socioculturais mais complexas” (CANCLINI, 2006: 70). Assim, consumir é, ao mesmo tempo, elemento de distinção das pessoas e comunicação entre elas.

A globalização neoliberal, nesse aspecto, é um modelo de economia que proporciona oportunidades e ganhos para grupos selecionados de pessoas da elite econômica de países e dificulta, ainda mais, a vida de todo o restante da população (FAIRCLOUGH, 2006). O capitalismo segrega e une ao mesmo tempo. Um carro importado e caro é um elemento de distinção de seu/sua possuidor/a porque todas as outras pessoas que não podem possuí-lo conhecem seu significado sociocultural. As pessoas que podem possuí-lo também sabem do mesmo significado e isso é ponto de união entre elas. Neste viés, é comum encarar os comportamentos de consumismo gerados pelo capitalismo como especificamente divisores, porém, de certa forma, todos os membros de uma sociedade compartilham os sentidos dos bens de consumo e é essa união de sentidos que serve como instrumento de diferenciação. Dessa forma, o

capitalismo, por meio do consumo, constrói-se parte da “racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade” (CANCLINI, 2006: 63).

A relação complexa da globalização neoliberal estabelece novas organizações para os estados-nação. Giddens (1991) aponta a constituição do estado-nação dentro de quatro dimensões institucionais: industrialização, capitalismo, estado de violência – que ele chama de industrialização da guerra – e vigilância. A industrialização refere-se às relações sociais comprometidas essencialmente com o uso massivo da força material e das máquinas nos processos de produção. O capitalismo é um sistema de produção de mercadorias que abrange a mercantilização da força de trabalho e mercados competitivos globais de produtos. O estado de violência – ou industrialização da guerra – faz alusão à enorme capacidade destrutiva potencial dos armamentos, destacado pela existência das armas nucleares. A vigilância se relaciona ao uso das informações na coordenação das atividades sociais no controle e supervisão de populações submissas. As instituições de vigilância são a “base do crescimento maciço da força organizacional associado com o surgimento da vida social moderna” (GIDDENS, 2002: 21).

Essas quatro dimensões são conectadas em uma construção do estado-nação consolidado no poder político, que exerce vigilância sobre os/as cidadãos/ãs e monopoliza os meios tecnologicamente sofisticados de violência. Ianni (2007) observa que o estado-nação é cada vez mais forte e influente no âmbito do sistema mundial, tanto o que tem a predominância econômica, quanto o menos favorecido economicamente. As relações estabelecidas entre os vários estados-nação passam por esferas sociais, políticas, econômicas e culturais e, ainda, são influenciadas por corporações privadas e organizações governamentais (IANNI, 2007). Sendo assim, a constituição do estado-nação faz um desenho das relações entre os estados-nação em contexto amplo (GIDDENS, 1991). Neste enquadramento, a tradição da sociologia de perceber a sociedade como individual é equívoca, uma vez que o capitalismo tardio caracteriza-se por novas relações entre as sociedades. Essa alteração envolve aceleração na dinâmica de tempo e espaço e combinação de fatores internos e externos de cada sociedade, hoje de caráter global. “Dizer modernidade é dizer não só organizações mas organização – o controle regular das relações sociais dentro de distâncias espaciais e temporais indeterminadas” (GIDDENS, 2002: 22).

Giddens (1991, 2002), ainda, indica três principais elementos que explicam o caráter dinâmico da vida social na modernidade. O primeiro é a *separação de tempo e espaço*, que consiste na não sincronização espaço-temporal de pessoas nas interações

sociais como modelo de sociedade, ou seja, relações entre pessoas ‘ausentes’ e/ou fisicamente distantes. “(...) o ‘quando’ dessas ações está diretamente conectado ao ‘onde’, mas não, como em épocas pré-modernas, pela mediação do lugar” (GIDDENS, 2002: 23). Castells (1999) aponta para um apagamento do tempo sequencial com a constituição de novos sistemas de comunicação. O passado, presente e futuro no novo desenho social podem – e são – programados para interagir ao mesmo tempo delineando bases para uma nova cultura, “que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representações historicamente transmitidos” no que ele chama de *espaço de fluxos e tempo intemporal* (CASTELLS, 1999: 397). Dessa forma, “o rompimento entre tempo e espaço fornece uma base para sua recombinação em relação à atividade social” (GIDDENS, 1991: 28).

O segundo elemento que explica o caráter dinâmico da vida social na modernidade é o *desencaixe*. O desencaixe dos sistemas sociais está intrinsecamente ligado ao primeiro elemento e se constitui por reestruturações indefinidas de espaço-tempo pelo ‘descolamento’ dos contextos locais das relações sociais. Giddens (1991, 2002) diferencia os mecanismos de desencaixe em *fichas simbólicas* e *sistemas peritos*. *Fichas simbólicas* são meios de troca que ‘circulam’ sem levar em conta características individuais ou especificidades de grupos que lidam com elas. Um bom exemplo de ficha simbólica é o dinheiro, que permite a troca indiscriminada de itens, mesmo sem nenhum tipo de característica comum entre eles. Os *sistemas peritos* são sistemas de conhecimentos, competências técnicas e profissionais que organizam áreas da sociedade, ou seja, a estrutura na qual está à disposição do conhecimento no meio social. Tanto as fichas simbólicas quanto os sistemas peritos “removem as relações sociais das imediações do contexto” (GIDDENS, 1991: 36) e estão intrinsecamente ligados ao conceito de *confiança*. A confiança é uma forma de ‘fé’ que expressa o compromisso social de credibilidade nos mecanismos de desencaixe. Por exemplo, no momento em que vendemos algo ou entramos em um carro, a confiança nos insere no cenário social dos mecanismos de desencaixe por não duvidarmos do valor e da credibilidade do dinheiro recebido e do projeto e execução do carro.

Esses dois elementos, por causarem as discontinuidades da modernidade (GIDDENS, 1991), são os contextos do terceiro elemento, a *reflexividade*. Resende e Ramalho (2009) entendem que, na modernidade tardia, os atores sociais estão em constante revisão da maioria dos aspectos de atividade social com base em novos conhecimentos, ainda que de maneira desigual. Esses conhecimentos, fontes do

processo reflexivo constante, dependem dos sistemas de especialistas ou *sistemas peritos*. Esses conceitos são dia a dia reformulados e abrangentes nos vários aspectos da vida social organizados pelas diversas relações que as pessoas estabelecem todos os dias. As pessoas não recorrem aos materiais sociais disponíveis por meio de sistemas de especialistas sem criticidade, elas são agentes sociais que agem reflexivamente sobre esses materiais de maneiras particulares (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999).

O capitalismo, como já exposto, é uma das instituições de modernidade tardia. Ianni (2007) afirma que o capitalismo, tal como desenhado atualmente, é globalizado no sentido de que princípios jurídicos e políticos, padrões socioculturais e instituições se inserem na partilha global de informação. Isso significa que o capitalismo continua tendo bases nacionais, mas “a dinâmica do capital, sob todas as suas formas, rompe ou ultrapassa fronteiras geográficas, regimes políticos, culturas e civilizações” (IANNI, 2007: 58). Nesse desenho global, as economias nacionais são superadas por empresas e corporações transacionais com manifestações do capitalismo em escala mundial, com novas divisões internacionais de trabalho e flexibilizações de processos produtivos (IANNI, 2007).

Castells (1999) aponta, no final do século XX, uma transformação da ‘economia mundial’ para o que ele chama de “economia global”. Para o autor, esta conversão só foi possível por meio das tecnologias da informação e comunicação, pois a economia global tem capacidade de funcionar em tempo real com abrangência mundial. Neste ponto, convém discutir o que é e como funciona essa economia global com base em uma visão crítica. É inegável a disseminação dos novos meios de comunicação e tecnologias do final do século XX até o presente. Porém, indiscutíveis também são as desigualdades de adesão – e acesso – entre as diferentes regiões do mundo, pois as diferenças de alcance das inovações tecnológicas nas áreas urbanas e rurais e entre os ricos e os pobres são notáveis. Como observa Fairclough (2006: 99) “é razoável dizer que tenham entrado numa era de comunicação global, mas não podemos apreciar o seu caráter sem considerar as questões de economia política”.

A partir da segunda metade da década de 1990, com a mídia de massa, houve a integração de diferentes veículos de comunicação pela fusão da comunicação mediada por computadores, ou seja, a “integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação” (CASTELLS, 1999: 396), o que proporcionou a interatividade da comunicação e permitiu a diversidade de expressões culturais. Porém, essa interatividade estabeleceu-se em uma só direção devido ao fato de a economia global

servir aos dominantes. Embora essa economia seja vestida de universalismo sem limites, é perceptível que quem poderá usufruir do comércio sem fronteiras serão os grandes investidores, que, por sua vez, podem contar com os grandes Estados – política e economicamente poderosos – e com as grandes instituições internacionais.

Dessa maneira, não há troca homogênea entre culturas e igualdade na comercialização de produtos oriundos de diversas partes do globo, mas sim um esforço de universalização de “modelos de vida” (BORDIEU, 2001), disseminados pela homogeneização de mão única. Essa universalização é um dos fatores que geram enfoque no Brasil como um dos principais destinos de investimentos diretos estrangeiros (IDE) no ano de 2012, de acordo com dados do Monitor de Percepção Internacional do Brasil (MPI-BR)³. O que pode indicar essa preferência dos investidores internacionais é o aumento do acesso da população aos bens de consumo – 14 pontos a mais que os 10 registrados em agosto de 2011 pelo MPI-BR – e ‘avaliação positiva’ da política externa brasileira tanto na América como no cenário internacional geral, também de acordo com o MPI-BR⁴. Ou seja, o Brasil tem tido ‘avaliação positiva’ e tem captado investimentos internacionais porque tem se aproximado dos modelos econômicos e culturais dos países economicamente dominantes.

O avanço nas multimídias vem rompendo fronteiras entre cultura popular e erudita, entretenimento e informação e mídia audiovisual e impressa (CASTELLS, 1999). Assim, as expressões culturais, por meio da multimídia, constroem um novo ambiente simbólico, tornando o virtual em real. Um aspecto dessa mudança são as comunidades internacionais de consumidores, que não se limitam aos territórios nacionais e se relacionam sem ligação com o espaço físico através destas redes internacionais. Grupos hegemônicos de uma sociedade têm, muitas vezes, mais conformidade nas relações e identificação econômica e cultural com os mesmos grupos de outra nação do que com grupos economicamente menos favorecidos da sua própria nação (CANCLINI, 2006).

Harvey (1993) apoia sua análise da modernidade tardia nas mudanças econômicas trazidas pelo capitalismo no que ele designou de “acumulação flexível”.

³ De acordo com a página eletrônica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Monitor Internacional é uma pesquisa qualitativa trimestral que capta a evolução da avaliação de entidades internacionais acerca da realidade econômica, social, política e institucional do país. O universo dos respondentes é composto por embaixadas, consulados, câmaras de comércio, empresas com controle estrangeiro e organizações multilaterais. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1226&Itemid=68.

⁴ Dados disponíveis em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=13615&catid=6&Itemid=4.

“Flexibilidade”, neste aspecto, é um conceito-chave e uma prática que compreende tanto a intensiva inovação tecnológica na variação de produção quanto a “flexibilização” do trabalho, no sentido de que trabalho a curto prazo e em tempo parcial cada vez mais se torna o modelo a ser seguido (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Dessa forma, as transformações substanciais na compreensão de tempo e espaço geraram consequências culturais profundas, como exemplo, novas compreensões do mundo, representações, interações e identificações passageiras, descartáveis e instáveis. E isso não se limita ao consumismo material, mas tem se tornado um estilo de vida de muitas sociedades. O consumismo, neste aspecto, transforma-se em um atributo da sociedade, ao passo que, antes, era uma ocupação das pessoas e característica da vida social. É o consumismo exagerado que tem transformado, inclusive, as relações humanas e os valores dado a cada instância da vida. “O ‘consumismo’ chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho” (BAUMAN, 2008: 41).

Bauman (2008) observa algumas mudanças nos hábitos de consumo. Atualmente, muitas empresas não costumam cobrar pela ‘entrega’ de bens duráveis, mas, a cada dia, o consumidor tem de pagar pela ‘remoção’ dos bens. Os serviços de exclusão e remoção são os que geram maiores lucros, exemplos são o descarte de gordura corporal, acne, odores corporais, entre outros. Ainda, as empresas que oferecem serviços de relacionamento pela internet se valem da premissa de que, contratando o que é oferecido por elas, o/a cliente é agraciado/a com a facilidade de excluir parceiros/as indesejados/as (BAUMAN, 2008). Dessa maneira, são perceptíveis as modificações sugeridas por Harvey (1993) com essa nova configuração de sociedade quanto às explorações das possibilidades que se abrem e quanto ao entendimento de identidades coletivas e individuais em relação às nações, comunidades, religiões e famílias.

1.2. Discursos no capitalismo tardio

A globalização neoliberal é uma política econômica que difere da economia clássica porque as mudanças e os sistemas econômicos são politicamente condicionados. Ou seja, a política econômica – e cultural – vigente na globalização neoliberal encara os ‘objetos’ políticos e econômicos como socialmente construídos. Por esses objetos, entendem-se “os sistemas econômicos, organizações econômicas, a divisão de trabalho, o Estado, formas de gestão e governança e assim por diante”

(FAIRCLOUGH, 2006: 27). Pelo condicionamento político desses ‘objetos’, as grandes mudanças sociais são controladas por grupos dominantes, hegemônicos. Assim, eles desenvolvem estratégias na tentativa de instaurar e manter os elementos das mudanças sociais sob seu domínio e controle. Isso é uma forma de disseminar, universalizar e legitimar a trajetória da globalização. Essas estratégias têm um caráter inerentemente discursivo na medida em que incluem discursos que idealizam, representam e narram os fatos no viés apropriado para estabelecimento e manutenção do poder dos grupos dominantes (FAIRCLOUGH, 2006). Isso se relaciona com a ‘venda’ de elementos culturais das sociedades por grupos hegemônicos (KRAMSCH, 1998; ORTIZ, 2003; VANNUCCHI, 2006), discutido no Capítulo 2 desta dissertação.

Discursos particulares, conforme Fairclough (2003), são formas de representar aspectos do mundo. Os aspectos do mundo social estabelecem relações com as crenças, sentimentos, pensamentos a partir das relações e estruturas do mundo material. As diversas representações dos aspectos particulares levam em consideração os diferentes discursos, uma vez que os discursos particulares representam as diferenças entre as identidades sociais e pessoais, as diferentes posições sociais e suas relações:

Discursos não só representam o mundo como ele é (ou melhor, como ele é visto), eles também se projetam, imaginando, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real, amarrados em projetos para mudar o mundo em direções particulares. As relações entre diferentes discursos são um elemento das relações entre pessoas diferentes – eles podem complementar um ao outro, competir um com o outro, podem-se dominar os outros, e assim por diante. Os discursos constituem parte dos recursos que as pessoas estabelecem em relacionarem-se umas com as outras – mantendo separados um do outro, cooperando, competindo, dominando – e na tentativa de mudar as formas pelas quais eles se relacionam uns com os outros (FAIRCLOUGH, 2003: 124).

Devido ao fato de o discurso ser parte constituinte das relações pessoais com o mundo, Fairclough (2006) denomina de *globalismo* o discurso da globalização, uma das facetas que compõem esta realidade. O globalismo é ideológico no sentido de que ele legitima e colabora na manutenção e estabelecimento das assimetrias de poder e riquezas para a consolidação e sustentação da hegemonia da globalização. Esse poder discursivo da política neoliberal contribui para a construção harmoniosa e progressiva dentro de estratégias que direcionam e redirecionam os processos econômicos da globalização de acordo com interesses particulares. Assim, as formas e conteúdos de globalização possuem um caráter inerentemente discursivo nas formas de representação

e representação dos processos sociais. Por exemplo, atendo-se à discussão deste trabalho, as representações do Brasil, de sua cultura e povo, em textos escritos do exame Celpe-Bras têm caráter discursivo.

Devido aos novos modos de mobilidade internacional e aos processos múltiplos de integração idealizados pelos processos de globalização neoliberal, as migrações internacionais são cada vez mais frequentes. As Nações Unidas têm estimado cerca de 200 milhões de migrantes internacionais e refugiados em todo o mundo (MARIA DA CONCEIÇÃO RAMOS, 2007). Isso é reflexo das estruturas políticas, econômicas e sociais das sociedades de origem e acolhimento e revela uma tendência significativa. Essa mobilidade foi denominada de *diáspora* (GILROY, 1997 *apud* WOODWARD, 2000), um conceito que constitui uma nova forma social dos processos humanos de migração e mostra o funcionamento das inter-relações migratórias. Nesses processos, são desenvolvidos sistemas de trocas e intercâmbios entre nações e continentes em que a circulação de pessoas, ideias, mercadorias e capitais estabelece redes complexas e plurais entre as territorialidades dos países de origem e acolhimento, “as migrações inscrevem-se num contexto de globalização das economias e de interdependência acrescida entre países de partida e chegada” (MARIA DA CONCEIÇÃO RAMOS, 2007: 79).

Santos (2007) discute a identidade social reconhecendo a complexidade das trocas culturais. Para a autora, a identidade social constitui-se a partir da ligação filogenética – representada pelo sangue – pertencente a um lugar geográfico – representado pelo território – e partilha de um mesmo código linguístico – a língua. O sangue é carregado de significados e imaginários e liga-se fortemente ao sentido de ‘ser parte’ de uma família, grupo ou nação. O território cristaliza uma das ligações intensas entre o *eu* e o *lugar* (a que pertencço), pois ele simboliza o espaço em que alguém se identifica como parte constituinte do ser e exerce seus direitos de uso e exploração com devida propriedade. O lugar é associado sempre ao espaço-tempo, “os lugares não são nunca cartografias, mas sim vivências, experiencições: aos lugares damos nomes, aos lugares sentimo-nos emocionalmente ligados por atracção ou repulsa” (SANTOS, 2007: 113).

A língua é forte marcadora de identidade e de pertença a um grupo pela sua característica primeira: nascemos sem saber e a aprendemos por meio do grupo do qual fazemos parte. A língua não é somente um marcador de comunicação entre determinado conjunto de indivíduos, ela constitui a visão de mundo e implica partilha de associações

de pensamentos e suas relações. Os processos de socialização são influenciados pela língua e a influenciam. Devido à ligação dos três fatores de constituição da identidade social – sangue, território e língua – e a tendência migratória crescente, entende-se que a identidade social é processual e relacional (SANTOS, 2007), constantemente em construção, desconstrução e reconstrução, uma vez que os parâmetros de pertença dos indivíduos são menos estanques do que em épocas anteriores.

As migrações são inseridas num contexto de interdependência entre países de partida e de chegada, estabelecidas pela globalização neoliberal. A facilidade quanto à mobilidade permite que grupos se instalem em outras nações e territórios de origem, fazendo com que pessoas mantenham redes transnacionais de pertenças. Assim, novas formas de relações sociais e interculturais são formadas, bem como novas práticas de cidadania em que novos direitos são conquistados e novos problemas na comunicação e conflitos, como formas de discriminação e exclusão, são conhecidos (MARIA DA CONCEIÇÃO RAMOS, 2007). Natália Ramos (2007: 80) trata do conceito de *transnacionalismo*, discutido também por outros/as autores/as.

O transnacionalismo é o conjunto dos processos pelos quais os migrantes tecem e desenvolvem relações sociais de natureza múltipla ligando as sociedades de origem e as de acolhimento, construindo espaços sociais que atravessam as fronteiras geográficas, culturais e políticas. O campo do transnacionalismo é composto por transações económicas, políticas e culturais.

Este desenho no quadro internacional permite a construção de símbolos transnacionais comuns, gerando uma ‘cultura internacional-popular’. Os cenários populares são construídos com fragmentos de diversas nações, principalmente dos países dominantes, indicando uma memória coletiva mesmo em localidades distantes. Ídolos do cinema e da música, logotipos de roupas, bolsas, sapatos, carros, cartões de créditos, atletas e acontecimentos históricos são facilmente reconhecidos por pessoas do mundo inteiro, mesmo que elas nunca tenham saído do país de origem (CANCLINI, 2006).

Essas construções partilhadas são indícios de que o consumo se torna grande marco nos processos de (auto)identificação. Há grande diferença no enfoque entre o consumo de sociedades anteriores e da sociedade contemporânea inserida nos processos de globalização. Atualmente, o papel dos membros das comunidades é ditado, em primeiro lugar, pelo papel de consumidor que eles/as podem exercer, e isso se institui

como uma nova norma, cuja prioridade é consumir. Por isso, a sociedade atual caracteriza-se de maneira tão diferenciada das sociedades anteriores que, nesta concepção consumista, há novos desenhos sociais, culturais e individuais.

Bauman (1999) indica que as divisões sociais são estabelecidas entre o Primeiro Mundo e o Segundo Mundo. O Primeiro Mundo é conectado ao *tempo*, pois os espaços, reais e virtuais, são facilmente ultrapassados independentemente das distâncias. As pessoas desse mundo têm incríveis capacidades de mobilidade espacial, porém, de certa forma, essas pessoas se mantêm conectadas ao Primeiro Mundo, mesmo que estejam inseridas em contextos de Segundo Mundo.

Com base nessa compreensão, Bauman (1998) distingue *turistas* e *vagabundos*. Os turistas são diferenciados dos vagabundos em tudo, na forma de comer, de se portar, de se vestir e, principalmente, na forma de consumir. Os turistas têm a capacidade de realizar tudo o que querem, da maneira que querem sem estarem onde estão, “é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo” (BAUMAN, 1998: 114). A globalização neoliberal gira em torno da volátil mobilidade dos turistas na realização dos seus sonhos e desejos, na materialização consumista dessa realidade. Dessa maneira, a globalização gera seu efeito secundário inevitável: na constante busca para que os turistas sejam saciados em suas vontades, muitos outros são transformados em vagabundos. Os vagabundos, ou habitantes do Segundo Mundo, são aqueles que se dedicam aos serviços prestados aos turistas. As pessoas do Segundo Mundo são essencialmente ligadas ao *espaço*, onde permanecem ‘presas’ sem possibilidades de mobilidade (BAUMAN, 1998).

Esta sociedade pós-moderna de consumo gera novas formas de integração e exclusão. A estratificação social não é tanto em nível territorial, o que propõe que pessoas fisicamente distantes compartilhem dos mesmos interesses e façam parte de uma mesma comunidade (CANCLINI, 2006), enquanto muitas outras, mesmo que estejam mais perto, não pertençam à comunidade que é pautada pela cultura do consumismo. As pessoas ‘acham’ seu lugar no mundo pré-selecionado e pré-interpretado pelas atividades da vida diária. Algumas pessoas têm a possibilidade de procurar seu lugar no mundo – os turistas – e outras o acham mesmo porque não têm a opção dessa procura – os vagabundos (BAUMAN, 1998, 1999; CANCLINI, 2006).

Dentro desse contexto de ampla mobilidade de pessoas, é natural que a cultura de aprender línguas se expanda cada vez mais. No contexto brasileiro, com a aproximação do Brasil dos modelos econômicos internacionais avaliados como

positivos, é também natural que haja também maior valorização da língua portuguesa no exterior. De acordo com Joyce (2012), Rodrigues (2012), Guerreiro e Junior (2012), Serafim (2012) e Castelli (2011), a língua portuguesa tem sido considerada de prestígio internacional pelo “destaque político, econômico e cultural que a comunidade de países de língua portuguesa, em especial o Brasil, vem recebendo nos últimos anos” (GUERREIRO & JUNIOR, 2012).

Pelo exposto, não é estranho que muitos/as estrangeiros/as se interessem pelo Brasil e pela língua portuguesa. Fato que comprova essa afirmação é o aumento significativo do número de candidatos no exame Celpe-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros) a cada ano (FOREQUE, 2011). Damazo (2012: 22) fez um levantamento por ano do número de candidatos/as inscritos/as desde 1998:

Figura 1.1. Examinandos/as inscritos no exame Celpe-Bras de 1998 a 2012/1



Damazo (2012: 22)

A Figura 1.1. demonstra o crescimento do interesse de estrangeiros/as em medir a proficiência linguística em Português do Brasil por meio do exame Celpe-Bras. Desde sua primeira edição de 1998, o exame Celpe-Bras apresenta números cada vez maiores no números de candidatos/as. Vale ressaltar que o ano de 2012 está representado somente com os dados da 1ª edição. Dados não oficiais fornecidos pelo INEP indicam que mais de 8 mil candidatos/as inscreveram-se no Celpe-Bras em 2012.

1.3. O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) é o único exame de proficiência em português do Brasil reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro. Ele é desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) e aplicado no Brasil e em outros países pelo INEP com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (MRE) e conta, atualmente, com 69 postos aplicadores, 21 no Brasil e 48 no exterior⁵.

No Brasil, as universidades exigem o Celpe-Bras de estrangeiros/as para ingresso em programas de pós-graduação e em cursos de graduação. O Celpe-Bras é exigido também dos/as profissionais estrangeiros/as que pretendem trabalhar no Brasil com a validação dos seus diplomas. Algumas entidades de classe fazem a exigência do Celpe-Bras para a inscrição profissional dos/as estrangeiros/as, como é o caso do Conselho Federal de Medicina (CFM). No exterior, esse exame é aceito em instituições de ensino e empresas como comprovação de proficiência linguística em língua portuguesa (BRASIL, 2010).

A comissão para a elaboração do Celpe-Bras foi constituída em 1993 pela Secretaria de Ensino Superior (SESu), do MEC, por meio de Portaria Ministerial, e contou com técnicos/as da SESu e pesquisadores/as das Universidades Federais de Pernambuco, Brasília, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Estadual de Campinas (SCHLATTER, 1999; SCARAMUCCI, 2001). As primeiras discussões sobre o exame objetivaram deliberar a respeito das ações necessárias à implementação e versaram sobre questões importantes para a constituição do Celpe-Bras: motivação; população-alvo; natureza do exame; significado de proficiência; tratamento estatístico e papel da cultura brasileira (SCHLATTER, 1999).

As motivações para a consolidação do Celpe-Bras tiveram dois pontos essenciais. O primeiro diz respeito ao número cada vez maior de intercâmbios científicos, culturais e econômicos do Brasil e a crescente procura por cursos de graduação e pós-graduação no país (SCHLATTER, 1999). O segundo era a necessidade pulsante de um norteador para o ensino de Português do Brasil como Língua Estrangeira (PLE) tanto dentro quanto fora do país. Os/As professores/as e profissionais dessa área atuavam, antes do Celpe-Bras, sem algo institucional que determinasse os rumos do ensino de PLE. Além de certificar a proficiência de candidatos/as estrangeiros/as, o

⁵ Dados retirados de http://download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/postos_aplicadores/2012/postos_aplicadores_07082012.pdf.

Celpe-Bras teve, desde sua constituição, o objetivo de instituir uma tendência no ensino de PLE (SCARAMUCCI, 1999, 2001).

A primeira aplicação do Celpe-Bras ocorreu em 1998 após a testagem-piloto. Essa testagem contou com uma amostra de 40 alunos/as brasileiros/as cursando o último ano do Ensino Médio, para obtenção de referência de falantes nativos de português, e 60 estrangeiros/as, para referência de falantes de português como segunda língua⁶. Após essa primeira testagem, foram feitos estudos estatísticos no sentido de avaliar a confiabilidade e validade do exame (SCHLATTER, 1999; CUNHA & SANTOS, 1999). Desde sua constituição, os/as pesquisadores/as que fizeram parte da primeira comissão do Celpe-Bras tinham em mente que um exame desta natureza deveria ser de cunho comunicativo:

A equipe responsável pelo Celpe-Bras optou pelo desenho de um exame padronizado em moldes comunicativos por duas razões. A primeira delas dizia respeito à necessidade de se construir um exame que contemplasse a linguagem como um sistema de comunicação integrado e holístico, visualizado como meio e reflexo de uma cultura. A segunda era a urgência de se desenhar um exame que mostrasse que um usuário competente é aquele que sabe usar um idioma em contextos variados, adequando-o às diferentes situações socioculturais e aos seus distintos interlocutores (CUNHA & SANTOS, 1999: 115).

Sendo assim, o Celpe-Bras não tem o objetivo de verificar o quanto o/a candidato/a sabe a respeito da língua, mas sim como é a capacidade de uso na língua (BRASIL, 2010). Um/a usuário/a competente em uma língua, de acordo com o conceito comunicativo ou competência comunicativa, é aquele que adequa o uso da língua às diversas situações socioculturais e aos interlocutores no contexto (SCARAMUCCI, 2001). Dessa maneira, o exame Celpe-Bras avalia a competência linguística do/a candidato/a pelo desempenho em *tarefas* semelhantes a situações que podem vir a ocorrer na vida real (BRASIL, 2010).

Tarefa, em Linguística Aplicada, refere-se a uma atividade de ensino ou avaliação com propósito comunicativo. A tarefa é um convite para interagir no mundo, em que o uso da linguagem tem um propósito social no qual “envolve uma *ação* com um *propósito* e é direcionada a um ou mais *interlocutores*” (BRASIL, 2010: 8). As tarefas substituem itens ou perguntas tradicionais e, por meio delas, o/a aluno/a em sala

⁶ Embora haja autores que tratam da diferença entre os termos português como língua estrangeira (PLE) e português como segunda língua (Português L2), além de outros termos, para fins deste trabalho, eles serão tratados como sinônimos.

de aula ou o/a candidato/a, no caso do Celpe-Bras, tem o objetivo explícito e claro sobre o desempenho esperado da atividade (SCARAMUCCI, 2001). Os conteúdos apresentados para o desenvolvimento das tarefas são textos autênticos e contextualizados e permitem o acesso ao uso real da língua. Por textos autênticos, entendem-se os textos desenvolvidos com outros propósitos que não os de ensino e/ou avaliação, ou seja, todo e qualquer texto que não seja elaborado com o objetivo de constar em um livro didático, uma prova ou fazer parte de uma aula.

São exemplos de tarefas: ler um artigo de jornal e escrever para a jornalista, assistir a um vídeo e ser capaz de se posicionar a respeito do assunto, ouvir uma reportagem e sugerir outra matéria, anotar um recado depois de atender ao telefone, entre outras. Scaramucci (2001) aponta três principais vantagens para o uso de tarefas para fins didáticos: a avaliação integradora; a falta de necessidade de avaliação de sub-habilidades e a apresentação de propósito claro. A tarefa como avaliação ou atividade integradora diz respeito à necessidade de o/a aluno/a ou candidato/a ter a necessidade de usar mais de uma habilidade de comunicação (escrever, ler, ouvir e falar) para o desenvolvimento da atividade. Por exemplo: para anotar um recado telefônico, que é uma atividade cotidiana da vida real, a pessoa necessita escutar e escrever e, provavelmente, falar com o interlocutor; ao sugerir outra matéria para um jornal ou revista, é necessário ler ou ouvir, sintetizar informações e escrever.

A segunda vantagem é a não necessidade de julgamento de sub-habilidades de leitura. As sub-habilidades consistem na inferência de palavras e de informações implícitas, distinção da ideia principal dos detalhes, entre outros (SCARAMUCCI, 2001). Como o desenvolvimento da tarefa é avaliado de maneira global, não há a necessidade de explicitá-las como critério para elaboração e avaliação dos itens que constarão (ou constaram) na avaliação. A terceira vantagem é a apresentação do objetivo claro, “que estabelece o contexto e os limites da avaliação, ou seja, o tipo de desempenho que está sendo procurado” (SCARAMUCCI, 2001: 81).

Nos anos de 1998 a 2002, foram definidos os formatos e a periodicidade do exame (LIMA, 2008). Durante o ano, há duas edições do Celpe-Bras, em abril e em outubro, que contam com a Parte Coletiva e Parte Individual. A Parte Coletiva se caracteriza com a composição de 4 Tarefas a serem desenvolvidas pelos/as candidatos/as com base em textos autênticos retirados de meios de comunicação já veiculados no Brasil (jornais, revistas, páginas eletrônicas...). A Tarefa 1 é realizada com base em um vídeo de duração aproximada de 2 minutos, a Tarefa 2 tem por base

um áudio também de duração aproximada de 2 minutos e as Tarefas 3 e 4 têm por base textos escritos de, no máximo, uma página. O/A candidato/a tem o tempo de até 3 horas para a realização dos quatro textos, esse tempo já inclui a leitura dos textos e a apresentação do áudio e do vídeo.

Para a Parte Individual, o/a candidato/a tem aproximadamente 20 minutos de interação com 2 examinadores/as, 1 entrevistador/a e 1 observador/a que o/a avaliam de maneira diferenciada. O/A entrevistador/a faz uma avaliação holística do desempenho demonstrado pelo/a candidato/a enquanto a avaliação do/a observador/a é analítica, mais detalhada por possuir 6 descritores (SCHOFFEN, 2009). Nos primeiros 5 minutos, aproximadamente, o/a candidato/a conversa a respeito dos dados preenchidos por ele/a no questionário de inscrição. Nos 15 minutos seguintes, são apresentados Elementos Provocadores de assuntos diversos, nos quais cada um deve suscitar, aproximadamente, 5 minutos de conversa. Os Elementos Provocadores possuem, em grande maioria, imagens e textos curtos e versam sobre assuntos variados e do cotidiano. Espera-se que o/a candidato/a leia-o em até um minuto e que o/a entrevistador/a consiga estabelecer uma interação tranquila para o/a candidato/a se sentir à vontade.

Todos/as os/as estrangeiros/as não-lusófonos/as maiores de 16 anos e com escolaridade equivalente ao ensino fundamental brasileiro podem se candidatar ao Celpe-Bras (BRASIL, 2010). Por meio desse único exame, são avaliados 6 níveis de proficiência: Iniciante, Básico, Intermediário, Intermediário Superior, Avançado e Avançado Superior (SCHOFFEN, 2009). A certificação acontece a partir do nível Intermediário por meio de um equilíbrio no desempenho entre a Parte Coletiva e a Parte Individual. O desempenho final do/a candidato/a está condicionado ao menor nível alcançado entre as duas Partes, ou seja, caso o/a candidato/a alcance o nível Avançado na Parte Coletiva e o nível Intermediário Superior na Parte Individual, o desempenho final será Intermediário Superior. Isso se deve ao fato de o Celpe-Bras avaliar o desempenho global e o/a candidato/a ainda não ter alcançado o nível mais elevado na produção oral (COURA-SOBRINHO, 2006; SCHOFFEN, 2009).

O INEP e a comissão técnica do Celpe-Bras, formada por professores/as e pesquisadores/as da área de PLE e com experiência no exame, elaboram o processo de avaliação do exame. Como já citado anteriormente, na Parte Coletiva, cada candidato/a elabora 4 textos a partir de 4 tarefas para serem avaliados, 2 com base em textos escritos, 1 com base em um vídeo e 1 com base em um áudio. O processo de avaliação desses textos se dá pela correção de 2 avaliadores/as por texto, individual e sem

comunicação entre eles/as. Caso haja 1 ponto de discrepância entre as duas avaliações, o texto é avaliado então pelo/a coordenador/a de equipe da Tarefa. A avaliação da Parte Individual é realizada no posto aplicador, com 2 avaliações diferentes, também individuais e sem comunicação entre os/as avaliadores/as, 1 do/a entrevistador/a (avaliação holística) e 1 do/a observador/a (avaliação analítica). Se houver discrepância entre as duas avaliações, a discrepância é discutida entre avaliadores/as da comissão técnica. Se houver discrepância entre a Parte Individual e a Parte Coletiva, ainda há revisão da Parte Individual pela razão de a Parte Coletiva ser considerada mais confiável por envolver uma equipe maior para a avaliação. Portanto, cada candidato/a do exame Celpe-Bras é avaliado/a, no mínimo, por 10 pessoas, 2 da Parte Individual e 8 da Parte Coletiva (COURA-SOBRINHO, 2006; SCHOFFEN, 2009).

O Celpe-Bras é um exame que, cada vez mais, tem tido grande expressividade internacional e o número de candidatos/as crescente ilustra isso: em 1998, na primeira edição, houve 127 candidatos/as (LIMA, 2008), na edição de 2012/1, houve 3.474, como exposto na seção 1.2. deste Capítulo. Por ano, o número de candidatos/as interessados/as em se submeter ao exame chega a quase 10 mil nos 69 postos aplicadores espalhados pelo Brasil e por 29 países (BRASIL, 2012). Dessa forma, o Celpe-Bras se faz um veículo importante de representação da cultura brasileira. O Manual do Candidato (BRASIL, 2010)⁷ traz informações a respeito do que é considerado cultura: “cultura não é algo acabado, mas co-construído nas práticas cotidianas de uma comunidade” (BRASIL, 2010: 8). Pela sua própria natureza comunicativa, o exame considera língua e cultura como indissociáveis, uma vez que o conceito de proficiência do exame, e expresso no Manual, consiste no “uso adequado da língua para desempenhar ações no mundo” (BRASIL, 2010:8).

Sendo assim, no que se refere à questão cultural, o exame Celpe-Bras entende por cultura as práticas compartilhadas e as experiências de mundo pelas pessoas de uma comunidade. Não se percebe a cultura como uma lista de autores, datas e fatos, mas como “vários processos culturais interrelacionados” (BRASIL, 2010:8), tais como atribuição de valores, representação do outro e de si próprio, formas de interagir em contextos variados e “modos de relacionar a interação e a organização cotidiana com sistemas e processos culturais mais amplos” (BRASIL, 2010:8). Para o exame Celpe-

⁷ Após o ano de 2010, foram lançadas outras versões do Manual do Candidato. A escolha pelo uso da versão de 2010 foi consciente e justifica-se pelo fato de as versões posteriores serem mais sucintas.

Bras, a cultura leva em consideração a situação da interação, seja ela oral ou escrita, e é sensível a diversos pontos de vista (BRASIL, 2010).

Como representação da cultura brasileira, no Brasil e no exterior, de maneira tão expressiva, é importante considerar os/as profissionais responsáveis pela construção do exame. Lima (2008) analisou os membros da comissão técnica (CT) responsável pelo Celpe-Bras de 1993 a 2007. Como já exposto, a comissão técnica foi inicialmente formada por pesquisadores/as das Universidades Federais de Brasília, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Estadual de Campinas e técnicos/as da SESu que trabalhavam em Brasília. Todos os membros da comissão técnica, até o período levantado por Lima (2008), eram professores/as e pesquisadores/as da área de PLE, pós-graduados em nível de mestrado e doutorado e atuantes em instituições de ensino superior.

De acordo com o levantamento de Lima (2008), as Unidades da Federação do Brasil das regiões do Nordeste e Norte tiveram menor número de representação na comissão técnica (LIMA, 2008: 63):

Tabela 1.1.: Celpe-Bras – Representação das Unidades da Federação na CT de 1993 até julho 2007

Ano	AM	BA	DF	MG	PE	RS	RJ	SP
1993	-	-	X		X	X	X	X
1994	-	-	X		X	X	X	X
1995								
1996								
1997								
1998	-	-	X	X	X	X	X	X
1999	-	-	X	X		X	X	X
2000	-	-	X	X		X	X	X
2001	-	-	X	X		X	X	X
2002	-	-	X	X		X	X	X
2003	-	X		X		X	X	X
2004	-	X		X		X	X	X
2005	X	X	X	X		X	X	X
2006	X	X	X	X		X	X	X
2007	X	X	X	X			X	

Fontes: MEC/SESu/DAÍ, Portal do MEC na Internet e relatos pessoais de ex-membros da CT do Celpe-Bras.

Schlatter et al (2009) apresentam a composição da comissão técnica de 2008, que tinham um/a representante de cada um dos Estados: MG, RS, DF, BA, PR e SP. Após os dados de 2008, não há outro levantamento oficial dos membros da CT do Celpe-Bras. Portanto, embora este trabalho focalize somente textos das edições a partir de 2009, acredita-se que a apresentação dos membros até 2008 promove uma reflexão a

respeito das representações do Brasil veiculadas no Celpe-Bras. Cabe, neste momento, analisar as possíveis razões de a CT do Celpe-Bras contemplar, em sua maioria, os mesmos Estados e demonstrar pouca diversidade regional em sua composição.

Em suas primeiras formações, a CT era composta por membros indicados pela SESu, professores/as e pesquisadores/as reconhecidamente ligados/as à área de PLE. Depois, foram – e ainda são – realizadas chamadas públicas para a composição da CT e dos/as colaboradores/as, o que, aparentemente, promoveria uma escolha democrática e acessível a qualquer pessoa capacitada. E, justamente, a questão primordial é a capacitação dos/as profissionais envolvidos/as no ensino de PLE e, essencialmente, no exame Celpe-Bras. De acordo com os critérios das chamadas públicas⁸, as pessoas selecionadas devem ter experiência e produção acadêmica relacionadas ao ensino de PLE e ao exame Celpe. Sendo assim, é justificado que as pessoas selecionadas estejam ligadas a grupos de pesquisa, onde se começou o ensino e pesquisa em PLE no Brasil por atrair mais estrangeiros/as, ou seja, os Estados mais ricos do Brasil. Sendo assim, mesmo que não haja levantamento oficial dos membros da CT após 2008, entende-se que realidade da comissão técnica não seja muito diferente da apresentada pelos dados oficiais.

Os membros da CT do Celpe-Bras trabalham tanto no nível de organização do exame quanto no nível intelectual, ou seja, na seleção dos textos e na elaboração das tarefas. Isso significa que há pessoas responsáveis por selecionar, adaptar e articular textos de diversos gêneros, temas e fontes, que configuram diferentes discursos, e pessoas responsáveis por organizar a parte operacional do exame. Os textos selecionados e a articulação desses textos são feitos de acordo com a ótica individual das pessoas envolvidas no processo de elaboração de cada edição. A comissão técnica, ao se reunir nos eventos de elaboração do exame, é instruída a evitar textos que tenham cunho pejorativo, polêmico, ofensivo, entre outros⁹. Porém, não há qualquer direcionamento em relação a como tratar a cultura brasileira.

Todas as escolhas de textos são feitas de forma prévia, individualmente e antes do evento de elaboração pelo/a colaborador/a. No evento de elaboração, após treinamento e reflexão de pesquisas na área e edições anteriores do exame, os textos são

⁸ Um exemplo de chamada pública e seus critérios podem ser vistos em http://download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/legislacao/2011/chamada_comissao_tecnico-cientifica_do_celpe-bras.pdf.

⁹ Essas informações foram fornecidas a mim como participante do evento de elaboração do exame Celpe-Bras em 2012.

discutidos e avaliados em grupo e a elaboração das Tarefas e perguntas para os Elementos Provocadores é realizada e revisada coletivamente entre os membros da CT. Portanto, a articulação dos discursos que constam em todas as edições do exame desde 1998 se dá pelas construções individuais de um pequeno número de pessoas. Como bem observado por Lima (2008), e expresso na Tabela 1, “os membros da CT responsáveis pela escolha de textos e elaboração de tarefas do Exame são representantes das unidades mais ricas e mais representadas politicamente no País” (LIMA, 2008: 66). Sendo assim, para fins desta pesquisa, as análises das representações potencialmente ideológicas em textos escritos do Celpe-Bras foram apoiadas em questionários respondidos por colaboradores/as que participam ou já participaram de eventos de elaboração e correção do exame, como exposto nos Capítulos 3 e 4.

CAPÍTULO 2

Os discursos da imaginação do Brasil e pressupostos teórico-metodológicos da ADC

Neste capítulo, apresento os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa. Na seção 2.1., compreendo que cultura nacional refere-se a elementos de identificação de uma nação, que são mediados pela elite econômica (KRAMSCH, 1998; ORTIZ, 2003) e entendo que a ‘construção do imaginário brasileiro’ passa pela esfera de apropriação de discursos de grupos particulares pelo Estado.

Na seção 2.2., indico o que seria a ‘imaginação’ do Brasil de acordo com temas sociológicos relacionados a rituais, casa, rua, comida, família e religião (DAMATTA, 1997a; 1997 b; DAMATTA, 2000; FREYRE, 2006; HOLANDA, 1995). Na seção 2.3., apresento a Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003, 2008; RESENDE & RAMALHO, 2006; RAMALHO & RESENDE, 2011) como base teórico-metodológica principal para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.1. Os discursos de cultura nacional

A palavra cultura possui diversos significados e seu uso abarca vários sentidos. Isso porque, ao longo da história, este termo foi pensado e cunhado com vários significados e, ainda hoje, não há consenso em relação à significação de cultura. A primeira acepção de cultura deriva de cultivo, colheita, cuidado com algo relacionado à agricultura e à criação de animais. Somente após o século XVI, essa palavra teve seu sentido estendido e associado ao desenvolvimento humano, “do cultivo de grãos para o cultivo da mente” (THOMPSON, 2009: 167). Assim, a “cultura’ denotava de início um processo completamente material, que foi depois metaforicamente transferido para questões do espírito” (EAGLETON, 2011: 10).

Cultura significava algo como “civilidade” e depois exerceu sinonímia de “civilização”. *Civilização*, no conceito influenciado pelo Iluminismo e pela Era Moderna, tinha o sentido de progresso material, espiritual e intelectual e ia de encontro à selvageria e à barbárie. Porém, ao final do século XIX, *civilização* ou *Zivilisation* – termo estereotipadamente germânico – adquiriu conotação negativa associada ao imperialismo, uma vez que tinha seu conceito estritamente ligado ao caráter sociável. Já

Kultur – termo francês –, ou *cultura*, foi associado a conceitos que se ligavam a produtos artísticos, espirituais, intelectuais, de cunho crítico e de altos princípios, adquirindo sentido positivo (EAGLETON, 2011; THOMPSON, 2009).

Cultura, então, associou-se ao conflito entre tradição e modernidade. Tradição, ligada ao conceito de civilização, era “abstrata, alienada, fragmentada, mecanicista, utilitária, escrava de uma crença obtusa no progresso material” (EAGLETON, 2011: 23) enquanto a modernidade, associada à *cultura*, era sensível de modo a refinar os rudes da civilização. No século XIX, Herder traz roupagem diferente ao conceito de cultura ao falar de culturas diversas, econômicas e sociais dentro de uma mesma nação, diferentemente da ideia anterior de sociedades homogêneas culturalmente, exóticas e subjugadas. Assim, o uso de *cultura* é invertido para a descrição de características de outras ordens sociais, diferentes grupos, nações e períodos, que não a cosmopolita (THOMPSON, 2009; EAGLETON, 2011).

Com as ideias pós-modernas, *cultura*, de qualquer tipo, passou a ter seu valor em si, pois não seria mais lógico elevar uma cultura acima de outra. Os fenômenos culturais são “formas simbólicas em contextos estruturados” e/ou “fenômenos rotineiramente interpretados pelos atores no curso de suas vidas diárias” (THOMPSON, 2009: 181). Assim, *cultura* tanto se refere a festas, comidas, roupas, crenças, datas nacionais e outros elementos macro de uma nação – o que Kramsch (1998) denominou de *Cultura* – quanto à vida cotidiana, como forma de se cumprimentar ou mudar um assunto no decorrer da conversa – cultura, segundo Kramsch (1998).

Dessa forma, hoje se pode falar a respeito de *cultura brasileira*, *cultura mexicana*, *cultura nigeriana*, entre outros, uma vez que cultura¹⁰ também se relaciona a elementos de identificação de uma nação. Anderson (2008) descreve o início da ‘identificação nacional’ com o avanço da tecnologia impressa associado ao capitalismo. A partir dos anos de 1500, houve a criação de vernáculos – criados pelo capitalismo dentro de limites gramaticais e sintáticos – devido à impressão de livros e sua propagação, em detrimento de impressões exclusivamente em latim. As impressões criaram “campos unificados de intercâmbio e comunicação abaixo do latim e acima dos vernáculos falados” (ANDERSON, 2008: 80), ou seja, as variantes de francês, inglês ou espanhol que não podiam se entender oralmente puderam se entender por meio da escrita. Isso gerou uma formação gradual de consciência de identificação, “o embrião da

¹⁰ Embora Kramsch (1998) diferencie *Cultura* e *cultura*, para fins deste trabalho, adotarei esta palavra com letra minúscula, uma vez que refiro-me tanto aos elementos macro quanto aos da vida cotidiana.

comunidade nacionalmente imaginada” pelo pertencimento a um campo linguístico em particular (ANDERSON, 2008: 80).

A identificação nacional, ou *cultura nacional*, é um discurso que influencia e organiza as ações dos sujeitos, ao mesmo tempo em que interfere na concepção do sujeito por ele mesmo (HALL, 2006). Nos territórios coloniais, as camadas intelectuais foram fundamentais para o surgimento dos primeiros indícios de identificação nacional (ANDERSON, 2008) e, ainda hoje, a elite econômica é mediadora na construção da *cultura nacional* (KRAMSCH, 1998; ORTIZ, 2003; VANNUCCHI, 2006), os intelectuais “descolam as manifestações culturais de sua esfera particular e as articulam a uma totalidade que as transcende” (ORTIZ, 2003: 141). Anderson (2008) apresenta o surgimento do “nacionalismo oficial”, ou *cultura nacional*, como estratégia de antecipação aos movimentos nacionais populares proliferados na Europa a partir de 1800, adotada por grupos dominantes.

Dessa maneira, a cultura nacional são os sentidos de nação e de unidade – reforçados pelas histórias contadas ao longo do tempo, pelas memórias e imagens construídas – que fundamentam a identificação das pessoas por determinada nação. Não há homogeneidade na cultura nacional no sentido de que todas as pessoas possuiriam a mesma identidade, pelo contrário, a cultura nacional é, na verdade, constituída de várias identidades e representações delas (HALL, 2006). Ortiz (2003) trata da apropriação de discursos de grupos particulares pelo Estado na ‘venda’ de uma identidade nacional. Por exemplo, o candomblé, o carnaval, a feijoada são “apropriados pelo discurso do Estado que passa a considerá-los como manifestações de brasilidade” (ORTIZ, 2003: 140). Portanto, a identidade nacional, de fato, é uma identidade imaginada, uma unidade inventada que, em partes, por meio de discursos, permite a construção dessa unificação identitária. Assim, as diferenças de classe, gênero, raça e língua materna tornam-se únicas na medida em que representa uma grande família nacional (HALL, 2006).

A respeito da unicidade das identidades para a representação de uma nação, é importante levar em conta a discussão de Woodward (2000) a respeito do distanciamento das identidades das comunidades locais, ou identidades sem pátria. Nos dias de hoje, com a globalização neoliberal, o advento do capitalismo e facilidade e rapidez na troca de informações, as identidades estão sendo construídas pautadas em uma comunidade global, e não mais restritas às comunidades locais como antes. Para a autora, a mobilidade das pessoas pode levar à constituição de identidades moldada em diferentes lugares e por diferentes lugares, dando significado para o que Gilroy chamou

de *diáspora* (1997 *apud* WOODWARD, 2000: 22): “identidades que não têm uma ‘pátria’ e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte”.

Giddens (2002) aponta um processo de crise nas identidades na modernidade tardia. Para entender o que vem a ser essa crise, faz-se necessário localizar e discutir a constituição da identidade como sistema complexo e que pode ser determinado por dois eixos essenciais: a autoidentidade (GIDDENS, 2002) e a diferença (WOODWARD, 2000; SILVA, 2000). A autoidentidade de um indivíduo é amparada, basicamente, no discurso particular da própria biografia e de sua continuidade. A diferença se relaciona com o que a pessoa não é. Assim, afirmar que alguém é brasileiro/a, por exemplo, significa que todos os discursos que constituem o que é ser alemão/ã, angolano/a ou peruano/a não se aplicam a essa identidade. A identidade, assim, não faz oposição à diferença, é parte dela e estabelece uma relação de sujeição.

Na medida em que a constituição do eu é apoiada na biografia da pessoa e a diferença é parte da formação da identidade, a *reflexividade* surge como parte do processo de composição do sujeito. A modernidade tardia estabeleceu um nível de distanciamento tempo-espaço tão amplo que as contínuas transições nas vidas das pessoas exigem constantes reorganizações psíquicas, tornando-se característica da identidade: “a reflexividade do eu é contínua, e tudo penetra. A cada momento, ou pelo menos a intervalos regulares, o indivíduo é instado a autointerrogar-se em termos do que está acontecendo” (GIDDENS, 2002: 75).

Hall (2006) discute essa crise na constituição das identidades citando três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo se baseava em uma formação sólida no ‘centro essencial’ da pessoa, que nascia com ele e o acompanhava em sua existência. Esse sujeito era centrado e unificado. Já o sujeito sociológico era fruto da interação com a sociedade, ou seja, ele era insuficiente em si e se compunha dos valores, sentidos e símbolos do social. O sujeito era unificado ao meio e, por consequência desta troca, ambos eram estabilizados. O sujeito pós-moderno é provisório, mutável e problemático. À medida que as pessoas são formadas e transformadas nas suas formas de representação, suas identidades são modificadas. Assim, a modernidade tardia proposta por Giddens trouxe as identidades contraditórias, fluidas, que empurram em diferentes direções e estão sendo continuamente deslocadas dentro do sujeito. A esse respeito, Hall (2006: 9) discorre:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Esse conceito de identidades fluidas e mutáveis colabora para a desconstrução da ideia de nação como ‘bloco cultural’, pois “o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre numa interpretação” (ORTIZ, 2003: 139). Isso é ainda mais perceptível no caso do Brasil, um país com grande extensão territorial e com cultura(s) e sociedade muito heterogêneas. A cultura brasileira para Vannucchi (2006) é um processo vivido pela sociedade nacional em relação a seus diferenciais e não pode ser entendida somente como acervo de objetos, produtos ou realidades sedimentadas. Para ele, não há indicações exatas que decidam o que pertence ou não à cultura popular brasileira por três razões: o ato cultural é caracterizado pela liberdade, o Brasil não é culturalmente homogêneo e a elite intelectual é quem teoriza sobre a cultura e não o povo. Ortiz (2003) reconhece que o discurso nacional pressupõe valores nacionais e populares concretos, mas aponta o problema de integrar esses valores em uma totalidade ampla. A memória nacional transforma simbolicamente a realidade social num jogo que condensa o nacional e popular numa “totalidade que transcende e integra os elementos concretos da realidade social” (ORTIZ, 2003: 138).

Dessa forma, o que se considera como características da cultura popular do Brasil é um fenômeno de apropriação de manifestações de grupos particulares. Como aponta Kramsch (1998), só a elite tem o poder de decidir quais valores, crenças e eventos históricos são válidos para serem adotados como identificação popular. As culturas, principalmente as culturas nacionais, “ressoam com as vozes dos poderosos e são preenchidos com os silêncios do poder” (KRAMSCH, 1998: 9), ou seja, cultura, como processo de inclusão e exclusão, sempre implica, em certa medida, no exercício de poder e controle ao legitimar, dissimular e unificar as representações simbólicas como construção de uma identidade coletiva. Esse é o caso da feijoada – elevada de aproveitamento pelos escravos à categoria de culinária nacional, da caipirinha – que deixou a roça e subiu às festas da elite – e do samba – que alcançou a glória de música

tipicamente brasileira e produto privilegiado de exportação, mas que teve origens no consumo pelo povo do morro carioca e repressão pela polícia (VANNUCCHI, 2006).

O conceito de identidade nacional, portanto, é, na verdade, uma identidade imaginada, permitida pelos discursos de unificação identitária com referenciais propostos como padrão de fundamentos partilhados e construção de símbolos de unidade e identificação coletiva (THOMPSON, 2009; RAMALHO & RESENDE, 2011). Souza (2007) percebe uma ritualização das chamadas identidades nacionais, que se dão por meio de hinos, bandeiras e referências ao passado. Dessa forma, a construção dessa identidade nacional é consensual, perpassa por valores compartilhados e se vincula a um passado a ser reverenciado. “Comunidades discursivas são caracterizadas não só pelos fatos e artefatos, mas por sonhos, realizações e não realizações comuns” mediadas pela linguagem (KRAMSCH, 1998:8).

2.2. O Brasil imaginado

De acordo com o exposto na seção 2.1. deste Capítulo, as sociedades possuem um ‘imaginário’ que permite identificações coletivas. Segundo DaMatta (2000), a discussão do que é o Brasil e como se dá a constituição da identidade brasileira perpassa por duas esferas. A primeira maneira de entender este país é por meio da análise dos dados estatísticos demográficos, econômicos, dados do PIB (produto interno bruto), pesquisas de IDH (índice de desenvolvimento humano), entre outras. Olhando por este viés, a identidade brasileira é construída com certo embaraço e vergonha, pois a história do Brasil e dimensão territorial não favorecem bons desempenhos na maioria das pesquisas quantitativas a respeito da nossa sociedade. “Fala-se uma linguagem inteiramente institucional, tomam-se macroprocessos históricos econômicos, focalizam-se as leis e a lógica da economia política e traça-se, em geral, um perfil acabado do país como uma comunidade carente” (DAMATTA, 1997: 23).

Contudo, a identidade brasileira não é construída somente por critérios numéricos e objetivos, que definem algumas sociedades. No caso do Brasil – e também de outras sociedades – a construção identitária é feita duplamente, pois se soma a “dados sensíveis e qualitativos, onde nós podemos ver a nós mesmos como algo que vale a pena” (DAMATTA, 2000: 19). Isso se refere ao orgulho da comida, à música envolvente, às relações de parentesco e amizade, aos sentimentos que humanizam etc. Tudo isso colabora para que a identidade brasileira seja constituída com orgulho.

Assim, a dualidade das identidades dos brasileiros e das brasileiras é formada, elas se misturam e coexistem.

Almeida (2007) apresenta em seu livro resultados e interpretações da Pesquisa Social Brasileira (PESB), realizada em 2002. Essa pesquisa tratou do que a literatura denomina de *core values*, valores que são alicerces das demais crenças sociais. Ou seja, a PESB analisou os aspectos relevantes dos *core values* dos/as brasileiros/as. Para isso, foi elaborado um questionário de pesquisa baseado na obra de DaMatta e seus seguidores. Os dados da PESB mostram que no Brasil há abismos que separam os/as brasileiros/as quanto a valores relacionados à religião, escolaridade e sexo, para citar alguns, em dois ‘países’ claramente divididos: um é moderno e atualizado e o outro é ultrapassado e arcaico. Esse dois ‘brasis’ convivem e, de acordo com Almeida (2007), o fato de separação é a escolaridade superior. A desigualdade quanto à educação não é a causa somente da desigualdade de renda, mas também da enorme diferença de mentalidade.

Freyre (2003) aponta os antagonismos das culturas miscigenadas desde o início da formação do Brasil tal qual conhecemos. O povo português foi influenciado pelas culturas europeia e africana, com suas religiões e ideias, em “um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam” (FREYRE, 2003: 69). Assim sendo, Vannucchi (2006) cita Darci Ribeiro (1993) ao afirmar que “só se pode falar de cultura brasileira na acepção de uma entidade complexa e fluida” (VANNUCCHI, 2006: 47), a cultura e sociedade brasileiras não correspondem a uma forma dada, mas a um propósito de busca de uma autenticidade jamais alcançada plenamente.

A sociedade brasileira preocupa-se com a hierarquia e com a autoridade, fazendo com que o sistema social seja pautado no “cada qual no seu lugar” (DAMATTA, 1997b: 184). Isso colabora para o que Almeida (2007) indica como a importância do Estado na sociedade brasileira. O Estado é a fonte dos males, assim como possui todas as soluções. Na falta de patrocínio público, quando há algum fracasso esportivo, ou na percepção da violência, quando a criminalidade aumenta, o Estado é apontado como responsável. Porém, após as eleições, há uma renovação de esperanças, como se o mesmo Estado responsável pelos males fosse capaz de solucioná-los (ALMEIDA, 2007).

Freyre (2003) observa o tipo de cristianismo adotado no Brasil desde a chegada dos portugueses como responsável por “uma profunda confraternização de valores e sentimentos” (FREYRE, 2003: 438), essenciais no Brasil e que foram dados pela

dominação do catolicismo brasileiro (DAMATTA, 200). Freyre (2003) entende que o *privativismo e individualismo* das casas-grandes e o *coletivismo* das senzalas se confraternizaram e acompanharam o desenvolvimento social do Brasil pelo cristianismo *doce, doméstico, lírico e festivo*. Holanda (1995) aponta para o catolicismo intimista, com um sentimento mais humano e singelo, no qual os santos e o próprio Deus estabelecem uma relação de próxima de ‘amizade’. “No Brasil, é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza” (HOLANDA, 1995: 149).

Essa humanidade religiosa contribuiu para a formação social brasileira, que teve por base a família. “Vivo e absorvente órgão da formação social brasileira, a família colonial reuniu, sobre a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e econômicas” (FREYRE, 2003: 85). Essa interpretação da relevância da família foi apontada no estudo de Almeida (2007), que indicou a confiança na família na maior parte dos/as brasileiros/as em todas as regiões do Brasil. Independentemente da classe social, região do país, idade e sexo, os/as brasileiros/as depositam enorme crédito na família e este é um fato essencial na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2007).

Os rituais fazem parte também da constituição do imaginário coletivo do que seja o Brasil. DaMatta (1997b) indica que tudo pode fazer parte de um ritual e pode ser posto em ritualização uma vez que o que faz parte do mundo pode ser reificado¹¹. O autor deduz alguns princípios de classificação dos eventos sociais no Brasil: a separação do mundo cotidiano e o outro, o que ele chama de *universo dos acontecimentos extraordinários* que se divide em *extraordinário construído pela e para a sociedade e extraordinários não-previstos*. O *extraordinário construído pela e para a sociedade* refere-se a eventos não situados no dia a dia – festas, solenidades, reuniões, encontros, entre outros, pelo caráter aglutinador de pessoas e grupos sociais e por escaparem da rotina diária. Os *extraordinários não-previstos* referem-se aos golpes de sorte, milagres, tragédias, catástrofes por serem eventos imprevistos e não controlados pela sociedade.

A passagem do domínio do mundo cotidiano para o outro – o dos eventos – é marcado pela mudança de comportamento. Sendo assim, DaMatta (1997b) observa que os rituais podem servir para a construção do caráter e identidade social na sociedade complexa, uma vez que neles é situada a tomada de consciência de certas cristalizações

¹¹ DaMatta (1997b) faz o uso da palavra reificado. Entendo aqui a ligação dessa palavra com os modos de operação de ideologia de Thompson (2009) *unificação e reificação*, que são desenvolvidos na seção 2.3. deste Capítulo.

sociais mais profundas. Há profunda associação entre ritual e poder no sentido de que o ritual transmite e reproduz valores arraigados na sociedade. Os rituais, neste aspecto, são formas de destacar aspectos do mundo diário:

A matéria-prima o mundo ritual é a mesma da vida diária e que entre elas as diferenças são apenas de grau, não de qualidade. (...) Os rituais dizem as coisas tanto quanto as relações sociais (sagradas ou profanas, locais ou nacionais, formais ou informais). Tudo indica que o problema é que, no mundo ritual, as coisas são ditas com mais veemência, com maior coerência e com maior consciência. Os rituais seriam instrumentos que permitem maior *clareza* às mensagens sociais (DAMATTA, 1997b: 83).

Entre os rituais do Brasil, DaMatta (1997b) destaca o carnaval. O carnaval é um ritual nacional que exige um tipo de tempo especial para a preparação – que muitas vezes, em algumas cidades, chega a ser de quase um ano – e de realização – o feriado prolongado – e mobiliza a população das cidades onde se realiza. DaMatta (1997b) observa que, no carnaval, há um desdobramento da sociedade brasileira por ela mesma por meio da dramatização de valores globais, críticos e abrangentes. O carnaval, por ser um ritual nacional, assim como do Dia da Pátria – 7 de setembro – e a semana santa, implica um tipo de sincronia, uma vez que toda a sociedade deve estar orientada para o evento, o que contrasta com outros eventos como reuniões de grupos, classes e categorias sociais. Sendo assim, o carnaval é orientado para toda ordem nacional e ajuda a construir e cristalizar uma identidade nacional (DAMATTA, 1997b).

DaMatta (1997a) aponta, ainda, para o que ele denomina de categorias sociológicas para os/as brasileiros/as: a *casa* e a *rua*. Ele justifica a denominação de categorias sociológicas devido ao fato de *casa* e *rua* não serem simplesmente espaços geográficos, mas são, acima de tudo, “entidades morais, esferas de ação social províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados” (DAMATTA, 1997a: 15). A *casa*, nos estudos históricos e sociais brasileiros, surge como um local privilegiado que, em oposição à *rua*, aparece como um palco dos atores sociais da família patriarcal (DAMATTA, 1997a; FREYRE, 2006).

Sendo assim, a casa é “um espaço moral posto que não pode ser definido por meio de uma fita métrica, mas – isso sim – por intermédio de contrastes, complementaridades, oposições” (DAMATTA, 1997a:16). A casa é tanto definição de um espaço privativo e íntimo de alguém quanto um espaço público, por exemplo quando nos referimos ao Brasil como nossa casa, tudo depende do contraste estabelecido. Em casa, tem-se a liberdade de agir de modo que seria condenado na rua,

como exigir atenção, exprimir opinião, requerer espaço, uma vez que a casa um espaço definido com a ideia de “carinho”, “calor humano”, “amor” e pode-se repousar, recuperar-se, estabelecer a calma. As pessoas cuidam da casa, limpam a casa, têm por ela um cuidado que não têm com a rua (DAMATTA, 1997a).

A rua é um espaço completamente inverso da casa, um local “perigoso”, que pertence ao governo, ao povo, está em completa movimentação, fluidez, não é considerado um espaço particular. A rua é um local onde cada um deve zelar por si, de luta, individualização, onde não “se tem vez, nem voz”, onde é necessário se atentar para não romper as barreiras das hierarquias não percebidas. O comportamento das pessoas na rua é completamente oposto do comportamento em casa. As pessoas jogam lixo na rua, depredam monumentos públicos, desrespeitam as leis de trânsito porque, na rua, a vergonha da desordem não pertence ao indivíduo, é um “problema do governo” (DAMATTA, 1997a, 1997b).

A rua é o ambiente público – na maioria das vezes inóspito, autoritário e desolador. A casa é o ambiente privado do sentimento, do afeto da família e do que é pessoal. A rua é o espaço público de regras impessoais e a casa, o espaço privado do particularismo (ALMEIDA, 2007: 98).

Outro ponto que constitui parte dos discursos da ‘imaginação’ do Brasil é a culinária. Freyre (2006) observa que a culinária brasileira em sua formação teve grande influência africana e indígena. A influência do/a negro/a se deu, em sua maioria, pela introdução do azeite de dendê, pimenta malagueta, quiabo, pela variedade de se preparar galinha e peixe e pelo maior uso da banana. Várias comidas indígenas e portuguesas foram modificadas pela técnica do/a negro/a de cozinhar e pela condimentação, sendo exemplos o vatapá e a farofa. A influência indígena na culinária brasileira pode ser percebida no uso extenso da mandioca – por exemplo a tapioca, das castanhas e do milho – principalmente com a popularização da *acanjic*, canjica, e a *pamuna*, pamonha. A culinária brasileira passou por diversos processos de transformação devido às várias influências, para exemplificar pode-se usar a *pokeka*, comida de origem indígena que consistia em embrulho de peixe assado em folha de bananeira que se “africanizou”, ou melhor, se “abrasileirou” na moqueca que se conhece hoje (FREYRE, 2006). Segundo DaMatta (2000), o código da comida é um espelho, uma manifestação da sociedade brasileira.

Pelo exposto na seção 2.2., tem-se a percepção de parte dos discursos que versam a respeito de um ‘Brasil imaginado’, onde os/as brasileiros/as veneram o Estado, são católicos/as, adoram carnaval, mandioca e milho. Esses discursos podem constar em materiais didáticos de PLE que circulam tanto no Brasil quanto no exterior. Rajagopalan (2012) aponta a preocupação da literatura recente em esclarecer que textos que compõem materiais didáticos não se referem a questões ‘puramente linguísticas’, mesmo com a negativa categórica¹² de que haja sentidos ideológicos e, ainda, Scheyerl (2012:41) observa que “os livros didáticos ilustram o mundo ideal das culturas alvo”. Convergindo estes entendimentos com a afirmação de que o Celpe-Bras teve, desde o princípio, o objetivo de instituir uma tendência no ensino de PLE (SCARAMUCCI, 1999, 2001), conjectura-se que o exame Celpe-Bras pode veicular sentidos ideológicos do Brasil. Sendo assim, o problema social parcialmente discursivo focado nesta pesquisa diz respeito às representações do Brasil potencialmente ideológicas em textos escritos do exame Celpe-Bras. Para responder às questões de pesquisa e alcançar os objetivos desta dissertação, apresentados no Capítulo 3, este trabalho se valerá de pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica.

2.3. Pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica (ADC), de vertente britânica desenvolvida por Norman Fairclough, baseia-se na filosofia do *Realismo Crítico* (RC). O ponto central do RC, uma versão do realismo, é a de que existe um mundo real, que inclui o mundo social, independentemente do conhecimento das pessoas (RAMALHO, 2007). O RC considera que a vida social tem suas próprias estruturas distintivas, constituída por um sistema aberto, com poder gerativo e seus mecanismos particulares (RESENDE, 2009). O RC distingue o *real*, o *actual* e o *empírico*. O real diz respeito a objetos e suas naturezas e seus poderes causais; o actual refere-se ao que acontece quando esses poderes são ativados e produzem mudanças; o empírico faz alusão ao subconjunto do real e do actual e é vivido por atores. Assim, as alterações no nível actual pode alterar o real, a natureza dos objetos, mas os objetos não podem ser reduzidos ao actual (FAIRCLOUGH, JESSOP & SAYER, 2002).

¹² Rajagopalan (2012:75), com base em McKay(2006), apresenta a discussão de que há pessoas que acreditam que há materiais que trazem textos apenas para fins didáticos, ou seja, neutros ideologicamente.

Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) consideram que eventos sociais concretos e as práticas sociais abstratas são parte da realidade. Fairclough (2003) observa que a realidade (*real* e *actual*) não pode ser reduzida ao nosso conhecimento da realidade, uma vez que ele é mutável e parcial. Isso é perfeitamente aplicado aos textos, pois não se pode assumir que a totalidade de determinado texto esgota-se pelo nosso conhecimento em relação a ele. Para tanto, a ADC utiliza-se de categorias discursivas para a análise de textos como instrumento para a crítica social, numa abordagem crítico-explanatória para estudos sociais, o que possibilita ao/à analista de discurso a exploração da materialização de problemas sociais por meio de discursos, em relação aos efeitos dos aspectos discursivos em práticas sociais contextualizadas, vinculando os textos a discursos particulares e apontando os efeitos desses discursos na legitimação dos modos de ação (RAMALHO, 2007; RESENDE, 2009).

O Realismo Crítico traz inspiração para a ADC em dois pontos essenciais: a visão de *semiose* como momento irreduzível da vida social e o entendimento de *práticas sociais*. A semiose é tanto significativa quanto eficaz em sentidos causais, ou seja, os efeitos produzidos pela semiose dependem, de alguma maneira, da interpretação de textos, mas não necessariamente da interpretação de um texto e de uma só interpretação (FAIRCLOUGH, JESSOP & SAYER, 2002). Fairclough (2003) recontextualiza a ideia de poderes causais da semiose no RC e propõe que os “textos têm efeitos causais sobre as pessoas (crenças e atitudes), as ações, as relações sociais e o mundo material” (FAIRCLOUGH, 2003:8). Assim, a análise dos efeitos causais se constitui, em parte, pela análise discursiva de textos (RESENDE, 2009).

Os textos, como parte de *eventos sociais*, são maneiras pelas quais as pessoas podem agir e interagir no mundo. “Eventos são os acontecimentos individuais, imediatos e ocasiões da vida social” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 22). Fairclough (2003) observa que há 3 poderes causais que moldam textos: *a estrutura social*, *a prática social* e *atores sociais*. Estruturas sociais são entidades muito abstratas, entendidas como grupo de possibilidades, como algo potencial: “Estruturas [sociais] são condições de longo prazo de fundo para a vida social que são, na verdade, também transformadas por ela, mas lentamente” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 22). Nesta pesquisa, a *estrutura* se refere, por exemplo, à ‘imaginação de Brasil’ ou ‘imagem de brasilidade’ potencialmente veiculada por textos do Celpe-Bras, que estão no nível dos *eventos*.

As *práticas sociais* são entidades organizacionais intermediárias, que estão no nível entre as estruturas abstratas, mais fixas, e os eventos concretos ou ações dos indivíduos, mais flexíveis (RAMALHO & RESENDE, 2011). São as maneiras habituais, conectadas a determinados lugares e momentos históricos como as pessoas usam recursos para agir e interagir no mundo. A constituição das práticas se dá ao longo da vida social, em domínios especializados e na vida cotidiana, por essa razão as práticas estabelecem a ligação entre as estruturas abstratas e seus mecanismos e os eventos, ou seja, entre a vida das pessoas e a sociedade (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003). A imagem de brasilidade – nível da estrutura – potencialmente veiculada em textos – nível dos eventos – é intermediada pelo exame Celpe-Bras – a prática social particular desta pesquisa. Por assim dizer, as práticas controlam, de certa maneira, as maneiras de realização dos eventos fazendo um ajustamento das ‘regras sociais’ aos eventos particulares e mutáveis, ou seja, a prática particular que possibilita a veiculação de sentidos potencialmente ideológicos da imagem de brasilidade em textos é o exame Celpe-Bras, com sua composição global, como expostos nos Capítulos 1 e 4:

Uma prática particular reúne diferentes elementos da vida, em formas específicas e relacionamentos – determinados tipos de atividade, ligados a maneiras particulares de recursos particulares em localização de tempo e espaço; pessoas particulares com experiências particulares, conhecimentos e disposições em relações sociais particulares; determinados recursos semióticos e maneiras de usar a língua, e assim por diante (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 21).

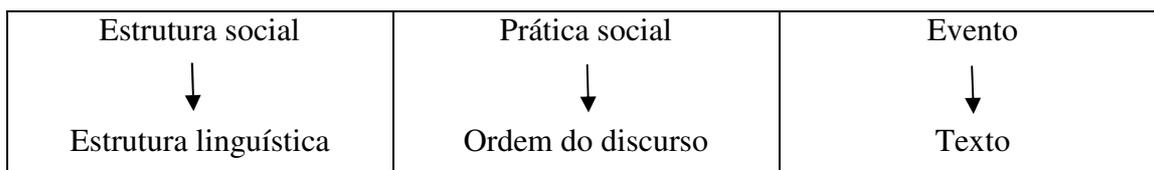
As práticas estão articuladas em redes relativamente estáveis, organizadas em diversas áreas da vida social. As redes de práticas determinam, de certa maneira, as propriedades internas de cada prática e seus momentos individuais. A articulação dentro da rede de práticas diz respeito ao fato de que cada prática é determinada simultaneamente por outras, sem se reduzir a qualquer uma delas, e pode articular-se juntamente com muitas outras de várias posições sociais com diversos efeitos causais. Por exemplo, a prática particular do Celpe-Bras, por ser um exame de proficiência, articula-se com outras práticas pedagógicas dentro da mesma área: salas de aula de português para estrangeiros no Brasil e no exterior; cursos de profissionalização de professores/as de línguas/ PLE; pesquisadores/as em avaliação; pesquisas e elaboração de materiais didáticos, entre outras. As redes de práticas são relativamente estáveis de acordo com as relações sociais de poder e se deslocam dentro das redes ligadas à

dinâmica de poder de grupos hegemônicos. Essas relações estabelecidas entre as redes de práticas são relações de dominação (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999).

Fairclough (2003) aponta a relação entre as estruturas social e discursiva, uma vez que a língua é um elemento da vida social em todos os níveis. Sendo assim, a *estrutura* – mais abstrata – está no nível do *sistema linguístico* porque define certas possibilidades e oferece potenciais que podem ser aceitáveis ou não, dependendo das combinações linguísticas. O *evento* está no nível do *texto*, mas textos, como elementos de eventos sociais, não são simplesmente efeitos do potencial definidos pelas línguas. Entre a estrutura e o evento, como exposto anteriormente, há a intermediação dessa relação, a *prática social*, que discursivamente está no nível da *ordem do discurso*.

As ordens de discurso estabelecem relação com as redes de práticas no aspecto linguístico e “compreendem as formas de estruturação social da variação semiótica” (FAIRCLOUGH, JESSOP & SAYER, 2002: 8). Dessa maneira, os elementos de ordens de discurso não se limitam a elementos de estruturas linguísticas por terem a especificidade de organizar e controlar as variações das línguas em nível *social*, assim eles são *discursos*, *gêneros* e *estilos*. Os gêneros podem ser distintos como diferentes maneiras de (inter)agir discursivamente. Os discursos configuram-se nas representações discursivas do mundo material, de outras práticas sociais, de representações próprias reflexivamente – que sempre são partes de práticas sociais. O discurso, nesta linha de pensamento, pode ser usado tanto no sentido mais abstrato – com o significado semiótico, elemento da vida social, ou de linguagem – quanto no sentido mais concreto, “com o significado de maneiras particulares de representar parte do mundo” (FAIRCLOUGH, 2003: 26). Assim, o discurso em seu nível mais concreto constituído de pessoas particulares e entidades sociais, modos particulares de ser, é denominado de estilo (FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO & RESENDE, 2011).

Figura 2.1.: Relação entre estruturas sociais e discursivas, segundo Fairclough (2003)

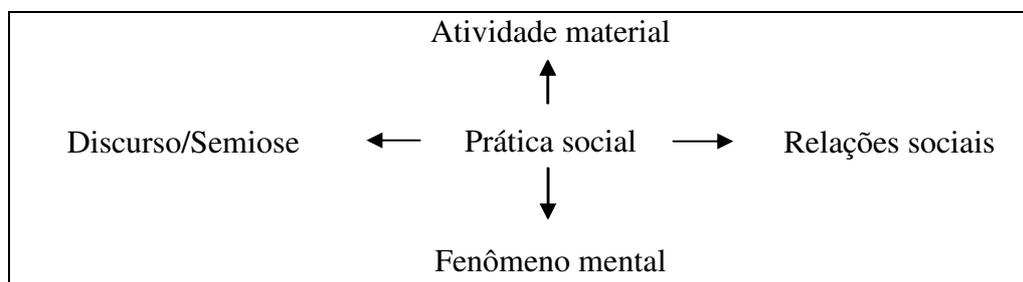


Chouliaraki e Fairclough (1999) definem o conceito de discurso como uma

perspectiva particular nas várias formas de semiose, ou seja, o discurso é um momento das práticas sociais e pode ser articulado com outros momentos não discursivos. Por discurso, entende-se a linguagem – escrita ou falada e combinada com outros aspectos semióticos, comunicação não verbal e imagens. Os momentos não discursivos, igualmente importantes na constituição da prática social, e o discurso têm uma relação dialética de articulação e internalização (RESENDE & RAMALHO, 2009), uma vez que os elementos da prática social se articulam e podem internalizar-se de outros. Para a ADC, essa relação é dialética e estabelecida porque as práticas sociais exercem influências no discurso, que podem influir em possíveis mudanças no discurso potencialmente capazes de abrir novas possibilidades sociais.

Resende e Ramalho (2009: 39) resumem os momentos da prática social com base em Chouliaraki e Fairclough (1999). As Relações sociais da Figura 2.2., a seguir, implicam Ação e interação e Fenômeno mental implica Pessoas, apresentadas em Fairclough (2003).

Figura 2.2. Momentos da prática social, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999)



A prática social contém 4 momentos principais, como consta na Figura 2.2. Os momentos da prática social – nesta pesquisa, representada pelo exame Celpe-Bras – estão internamente relacionados em vários níveis e internalizados pela linguagem. Assim, a análise do momento semiótico deve ser vinculada à análise dos outros momentos da (rede de) práticas, realizada neste trabalho pela análise da conjuntura e da prática particular (Capítulo 1).

Fairclough (2003) aponta para uma complexidade na qual, no nível mais específico e onde o discurso pode ser localizado, os discursos podem ser vistos como combinações de outros discursos articulados em maneiras particulares. Foucault (2010) afirma que a produção do discurso é vigiada, organizada, selecionada e redistribuída por estratos da sociedade de modo que corrobore para a manutenção da hegemonia vigente.

Os procedimentos de exclusão, como determinado por Foucault (2010), controlam os agentes dos discursos: “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2010: 9). O discurso, nesse contexto dialético de práticas sociais, é objeto de desejo, é o poder que se quer conquistar (FOUCAULT, 2010), ou seja, há constantemente lutas hegemônicas por manutenção e construção de discursos ideológicos¹³.

2.3.1. Discurso e ideologia

Na disputa constante entre os espaços hegemônicos, os agentes podem articular e selecionar discursos em uma combinação estratégica para a manutenção e/ou constituição da hegemonia, de identidades sociais e de posições de sujeito (FAIRCLOUGH, 2008; RESENDE & RAMALHO, 2009). A disseminação e reprodução de discursos ideológicos é uma das formas de disputa dos espaços hegemônicos. Discursos podem, portanto, “ser vistos não apenas como formas de representação com certo grau de homogeneidade e estabilidade, mas maneiras de representar nas quais constituem pontos nodais na relação dialética entre linguagem e outros elementos do social” (FAIRCLOUGH, 2003: 126).

Van Dijk (2010) discute a questão do *acesso discursivo*, ou seja, padrões de acesso aos discursos na tentativa de explicar as relações estabelecidas entre o discurso e o poder social. Ele indica algumas pressuposições relevantes para este enquadre: i) o poder como propriedade das relações sociais na constante luta hegemônica entre estratos sociais; ii) poder é definido em termos da hegemonia dominante; iii) a hegemonia é relativamente estável no sentido de que há lutas hegemônicas de diferentes grupos que detêm o poder; iv) o controle hegemônico é entendido em termos de dominância que resulta, em sua grande maioria, em desigualdade social; v) o poder dos grupos hegemônicos é baseado em um acesso privilegiado de recursos sociais; vi) o poder social e a dominância dos grupos hegemônicos é *organizado e institucionalizado*; e vii) a dominância raramente se constitui por ser absoluta, frequentemente há disputas pelo poder por grupos hegemônicos.

¹³ O conceito de ideologia é pautado na ADC e será discutido neste capítulo.

Dessa maneira, o acesso ao discurso é uma medida de poder. Melhor dizendo, quem tem acesso ao discurso e a eventos comunicativos no sentido de que “*quem pode falar e escrever para quem, sobre o que, quando e em que contexto, ou quem pode participar desses eventos comunicativos nos mais variados papéis de ouvintes*” (VAN DIJK, 2010: 89) podem ser indicadores confiáveis do poder hegemônico dos atores envolvidos nos domínios sociais. Van Dijk (2010) apresenta elementos de análise dos padrões de acesso aos discursos: planejamento, cenário, controle de eventos comunicativos e alcance e controle de audiência. O planejamento refere-se à preparação de um evento comunicativo e das tomadas de decisão em relação aos participantes convocados ou convidados, cenário (tempo e lugar) e roteiro de conversa.

O cenário pode envolver padrões de diferente acesso para participantes diferenciados, isso significa que os vários elementos do cenário envolvem pessoas distintas em sua concepção, como exemplo pode-se pensar nos textos e turnos de fala que, provavelmente, são controlados por atores de mais prestígio social, enquanto a localização dos objetos e móveis pode ser planejada por atores com menos prestígio. O controle de eventos comunicativos faz referência aos gêneros do discurso, modalidade de comunicação, variedade linguística e tomada de turnos de fala. Dessa maneira, o poder social dos atores sociais é definido por maior ou menor controle das dimensões variadas do próprio discurso (gêneros, modalidade de comunicação, variedade linguística). O alcance e controle da audiência incidem na questão de poder não somente do conteúdo e dimensões do discurso, mas também das audiências. “Ou seja, o acesso ao discurso, em especial às formas públicas de discurso também, e de forma crucial, implica acesso à audiência”, em maior ou menor grau (VAN DIJK, 2010: 93).

Os elementos de análise de padrões de acesso discursivo são meios de se alcançar o poder nas lutas hegemônicas. A hegemonia são lideranças dos poderes econômicos, políticos, culturais e religiosos – ideológicos – de uma sociedade. Segundo Fairclough (2008: 122), a hegemonia “é a construção de alianças e a integração subalternas muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento”. Chouliaraki e Fairclough (1999) observam que a hegemonia é a relação de dominação baseada mais no consenso do que na coerção, que envolve a naturalização de práticas e das relações sociais entre as práticas, por isso a hegemonia se refere à permanência de articulações de elementos sociais. A hegemonia é inerentemente instável quando se pensa nas lutas para se deter o poder. A concepção de lutas hegemônicas está pautada na articulação e

desarticulação constantes, veiculadas por meio do discurso. A fim de que os discursos particulares estejam no exercício do poder, os discursos ideológicos lutam para a instauração e sustentação do poder hegemônico. Segundo Ramalho e Resende (2011: 24), “a luta hegemônica travada no/pelo discurso é uma das maneiras de se instaurar e manter a hegemonia. Quando o *abuso do poder* é instaurado e mantido por meio de significados discursivos, está em jogo a *ideologia*”. Portanto, o conceito de ideologia se faz importante quanto ao estabelecimento e à permanência da hegemonia (RESENDE & RAMALHO, 2009).

O conceito de ideologia para a ADC é inerentemente negativo e foi construído ao longo da história. Napoleão instituiu esse conceito com o sentido negativo e os escritos de Marx preservaram o significado da ideologia como forma de instituir e/ou preservar os interesses das classes dominantes (CHAUÍ, 2008). Para Marx, podiam-se descobrir as reais intenções dos processos ideológicos da mesma maneira que eles poderiam ser substituídos, justificados e esclarecidos (THOMPSON, 2009). As ideologias são construções discursivas, ou seja, a questão de como os discursos se relacionam nos momentos de práticas sociais também é problemática de ideologias. Chouliaraki e Fairclough (1999) entendem as ideologias como significações da realidade de acordo com perspectivas particulares de modo a contribuir para os interesses das classes dominantes. Fairclough (2003) observa que as ideologias contribuem para a manutenção e estabelecimento, assim como para a mudança, das relações sociais de poder, exploração e domínio, pois são representações particulares de aspectos do mundo. “Ideologias são construções de práticas de perspectivas particulares (entende-se de mão única) que ‘resolvem’ as contradições, dilemas e antagonismos de práticas a serviço e de acordo com interesses e projetos das classes dominantes” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 26).

O trabalho dos/as analistas de discurso tem por objetivo a crítica social. Com base em análises de instanciações discursivas, a ADC oferece ferramentas que permitem explorar a materialização discursiva de problemas sociais. Porém, como exposto anteriormente, não se pode esperar que somente nosso conhecimento sobre os textos esgote a realidade deles (FAIRCLOUGH, 2003). Uma consequência disso é que não há maneiras de realizar uma análise definitiva e completa de determinado texto, o que significa que nenhuma análise de texto diz tudo o que poderia ser dito sobre ele. As teorias e categorias linguísticas na ADC emergem dos objetivos de análise – quais seriam as questões de pesquisa – e dos dados propriamente ditos. A abordagem

transdisciplinar da ADC (FAIRCLOUGH, 2005) permite aumentar a análise de textos, inevitavelmente parcial, por meio de perspectivas teóricas e categorias linguísticas (RESENDE, 2009; FAIRCLOUGH, 2003).

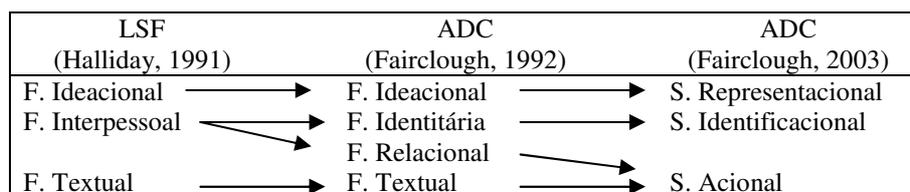
Assim, o propósito dos/as analistas do discurso é abranger a prática social dos textos, perpassando pelas práticas discursivas, por meio da análise tanto da estrutura quanto da composição global, de modo a buscar reflexões e contribuições para “questões de emancipação social” (RAMALHO & RESENDE, 2011: 109). Este trabalho tem o objetivo geral de investigar (inter)ações, representações e identificações do Brasil em textos escritos do exame Celpe-Bras que compuseram as edições de 2009/2 a 2012/1. O problema social parcialmente discursivo focado nesta pesquisa diz respeito a (inter)ações, representações e identificações do Brasil potencialmente ideológicas em textos escritos do exame Celpe-Bras.

A abordagem da ADC se baseia no entendimento de que a linguagem é parte irreduzível da vida social. Dessa forma, não se pode considerar a língua sem considerar a vida social, pois elas estão dialeticamente conectadas. As análises de texto dentro da Análise de Discurso Crítica não são encaradas somente como uma análise linguística, uma vez que os textos são entendidos como discursos, gêneros e estilos que se articulam. Dessa maneira, as pesquisas realizadas pela ADC são, em parte, análises interdiscursivas, uma vez que as análises de discurso não se limitam à análise linguística de textos, “a análise de discurso como algo ‘que oscila’ entre um foco em textos específicos e um foco naquilo que eu chamo de ‘ordem de discurso’, que é a estruturação social de uma língua/linguagem e sua parceria com determinadas práticas sociais” (FAIRCLOUGH, 2003:3). De acordo com este entendimento, é esperado que não seja qualquer teoria gramatical que dialogue com a ADC de maneira a contribuir para as análises interdiscursivas textualmente orientadas.

A Linguística Sistêmico Funcional (LSF), por sua abordagem funcional, preocupada com a relação entre a língua(gem) e outros elementos da vida social, converge com as preocupações da ADC com o caráter social dos textos. Dessa maneira, a LSF é uma teoria utilizada de maneira transdisciplinar, ao lado de teorias sociais, para análises textuais em ADC. Os discursos, gêneros e estilos articulados nos textos são identificados por meio de categorias analíticas dialeticamente relacionadas aos três significados discurso: *acional/ relacional, representacional e identificacional* (FAIRCLOUGH, 2003). Estes três significados são concebidos a partir de um potencial situacional em termos de valores possíveis a três variáveis: a atividade da qual uma

língua faz parte, os atores sociais envolvidos e as relações entre eles e o desempenho da língua como parte das relações sociais (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Estas são abordagens da linguagem que acentuam a multifuncionalidade dos textos e se relacionam às metafunções ‘ideacional’, ‘interpessoal’ e ‘textual’, propostas por Halliday (1994).

Figura 2.3.: Recontextualização da LSF na ADC



Com base em Resende e Ramalho (2009: 61).

Os significados do discurso representam modos de agir, de representar e de ser/identificar. O *significado* acional se aproxima da função ‘interpessoal’ de Halliday e possui maior ênfase no texto como ação – modo de (inter)agir – em eventos sociais e incorpora a Relação (relações sociais). O *significado representacional* corresponde à função ‘ideacional’, e a função ‘interpessoal’ está inclusa no *significado identificacional*. Não há, na Análise de Discurso Crítica, a distinção de uma função ‘textual’, que é incorporada no significado acional, pelo entendimento de que a ADC é textualmente orientada (FAIRCLOUGH, 2003).

A representação se relaciona com o conhecimento e por meio dele ‘controle sobre coisas’; a Ação se refere, de modo genérico, com a relação com os outros, mas também ‘com a ação sobre os outros’ e com o poder. Identificação é a ligação entre as relações da própria pessoa com a ética e ‘assuntos morais’ (FAIRCLOUGH, 2003: 28).

A partir das análises sistematizadas por categorias, é possível identificar as representações ideológicas presentes nos textos. Para tanto, Thompson (2009) propõe cinco modos gerais de operação da ideologia e algumas estratégias típicas de construção simbólica, que permitem investigar as maneiras como os textos podem contribuir para as relações sociais assimétricas de poder e dominação: *legitimação* (racionalização, universalização, narrativização); *dissimulação* (deslocamento, eufemização, tropo); *unificação* (standardização, simbolização da unidade); *fragmentação* (diferenciação,

expurgo do outro); e *reificação* (naturalização, eternalização, nominalização/passivização).

Figura 2.4.: Modos gerais de operação da ideologia, segundo Thompson (2002)

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
LEGITIMAÇÃO Relações de dominação são representadas como legítimas	RACIONALIZAÇÃO (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)
	UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)
	NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)
DISSIMULAÇÃO Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas	DESLOCAMENTO (deslocamento contextual e termos e expressões)
	EUFEMIZAÇÃO (valoração positiva de instituições, ações ou relações)
	TROPO (sinédoque, metonímia, metáfora)
UNIFICAÇÃO Construção simbólica de identidade coletiva	PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado)
	SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção e símbolos de unidade e identificação coletiva)
FRAGMENTAÇÃO Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)
	EXPURGO DO OUTRO (construção simbólica de um inimigo)
REIFICAÇÃO Retratação de uma situação transitória como permanente e natural	NATURALIZAÇÃO (criação social e histórica tratada como acontecimento natural)
	ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)
	NOMINALIZAÇÃO/ PASSIVAÇÃO (concentração da atenção em certos temas em prejuízo de outros, com apagamento de atores e ações)

Resende e Ramalho (2009: 52); Ramalho e Resende (2011: 27, 28), com base em Thompson (2002:81).

Segundo Thompson (2009), os contextos e os recursos das formas de realização dos processos ideológicos são distribuídos de várias maneiras na sociedade e dependem diretamente da situação, localização, posição social e dos sujeitos envolvidos. De qualquer maneira, as ideologias são usadas como forma de manter ou instaurar a hegemonia. Sendo assim, a análise de textos feita à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da ADC fazem parte da análise social e são instrumentos de crítica social (FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE, 2009). Sendo assim, por meio dos constrangimentos e possibilidades implicados na minha pesquisa, que envolve a imagem do que seja o Brasil – nível da estrutura – nos textos – nível dos eventos –, mediada pelo Celpe-Bras – prática social particular – procura-se investigar os sentidos

potencialmente ideológicos em textos escritos do exame Celpe-Bras. Para tanto, o andamento da pesquisa, com suas bases na Análise de Discurso Crítica, está descrito nos capítulos subsequentes.

CAPÍTULO 3

Abordagem teórico-metodológica do estudo

Neste capítulo, exponho o arcabouço teórico-metodológico da ADC. Na seção 3.1., contextualizo a ADC como pesquisa qualitativa social crítica, apresento os objetivos gerais e específicos e as questões desta pesquisa. Na seção 3.2., apresento a composição do *corpus*, explico o desenvolvimento desta pesquisa com análises predominantemente qualitativas de dados documentais, apoiadas em respostas a questionários abertos autoadministrados.

Na seção 3.3., contemplo os cinco momentos principais (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) da abordagem teórico-metodológica da ADC para estudo de problemas sociais com aspectos semióticos aplicados a esta pesquisa. Dessa forma, demonstro que os textos também são interpretados à luz da crítica-explanatória na abordagem metodológica da ADC (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO, 2007; RESENDE, 2009).

3.1. A pesquisa qualitativa e a ADC

A ADC é uma ciência crítica baseada no Realismo Crítico, como exposto no Capítulo 2. A postura realista da ADC é embasada na realidade ontológica, na qual os eventos sociais concretos, as práticas sociais e a estrutura, mais abstratas, fazem parte da realidade, e o Realismo Crítico tem isso como ponto indispensável, que inclui o mundo social. Dessa forma, assim como a teoria da ADC traz como fundamento a postura crítica, os textos também são interpretados à luz da crítica-explanatória, em sua abordagem metodológica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO, 2007; RESENDE, 2009). Para tanto, faz-se necessário a distinção entre *compreensão* e *explicação*, uma vez que ambas fazem parte da interpretação de texto.

A Análise de Discurso Crítica entende que textos podem ser *compreendidos* de maneiras diferentes dentro do limite de cada texto. Determinada compreensão de um texto é o resultado da combinação do que o texto traz como propriedade e as crenças particulares do/a pesquisador/a, com a análise da conjuntura (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). A *explicação* “redescreve as propriedades de um texto (incluindo a gama de compreensões que o texto sugere) por meio de um quadro teórico especial para localizar o texto na prática social” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH,

1999: 67). Ou seja, as análises em ADC combinam elementos internos do texto – possíveis pela fundamentação da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) – e elementos externos – a análise da conjuntura e da prática particular. Dessa maneira, a construção do objeto de pesquisa, as relações articuladas dentro da série de possibilidades e constrangimentos, os efeitos reais e função potencial, fazem parte da abordagem teórico-metodológica da ADC (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999).

O problema social parcialmente discursivo focado neste trabalho diz respeito a (inter)ações, representações e identificações do Brasil potencialmente ideológicas em textos escritos do exame Celpe-Bras. Sendo assim, esta pesquisa tem o objetivo geral de investigar (inter)ações, representações e identificações do Brasil em textos escritos do exame Celpe-Bras que compuseram as edições de 2009/2 a 2012/1. Por objetivos específicos, esta pesquisa busca investigar:

- i) aspectos da conjuntura social situada e da prática particular de elaboração, aplicação e avaliação do exame Celpe-Bras;
- ii) elementos estruturais interdiscursivos (gêneros, discursos e estilos de diferentes ordens do discurso) implicados na composição dos textos do exame Celpe-Bras que compõem e o *corpus* principal da pesquisa;
- iii) aspectos interacionais e composicionais do gênero situado “exame Celpe-Bras” no *corpus* principal;
- iv) quais discursos/representações e de que maneiras eles são articulados nos textos do exame Celpe-Bras que compõem o *corpus* principal;
- v) a recontextualização/articulação de vozes no *corpus* principal, bem como relações semânticas, tendo em vista a construção de legitimações em potencial;
- vi) avaliações e presunções valorativas sobre o Brasil presentes nos textos do *corpus* principal.

Para tanto, as questões abaixo delinearão o desenvolvimento da pesquisa:

- Que aspectos da conjuntura social situada e da prática particular de elaboração, aplicação e avaliação estão envolvidos na construção do exame Celpe-Bras?
- Que elementos estruturais interdiscursivos (gêneros, discursos e estilos de diferentes ordens do discurso) são implicados na composição dos textos do exame Celpe-Bras que compõem o *corpus* principal da pesquisa?
- Que aspectos interacionais e composicionais conformam o gênero situado “exame Celpe-Bras” no *corpus* principal?

- Quais discursos/representações compõem os textos e de que maneiras eles são articulados?
- Como se dá a recontextualização/articulação de vozes no *corpus* principal, bem como são estabelecidas relações semânticas e quais são suas implicações na construção de legitimações potencialmente ideológicas?
- Que avaliações e presunções valorativas sobre o Brasil há nos textos do *corpus* principal?

De acordo com os objetivos expostos nesta pesquisa, delimito métodos investigativos para alcançar os propósitos estabelecidos. Diversos autores já trataram da vinculação entre a pesquisa quantitativa e qualitativa. Denzin e Lincoln (2006) entendem que os estudos de cunho quantitativos enfatizam o ato de analisar as relações das causas entre as variáveis com o ato de medir. Já a pesquisa qualitativa analisa o processo, enfatiza as características das questões estudadas e os significados que não podem ser medidos em termos de volume, quantidade, frequência ou intensidade. Assim, as interpretações da pesquisa qualitativa são construídas enquanto as da pesquisa quantitativa são compiladas, observadas e medidas.

Mesmo com características diversas, não há o entendimento de nenhum grau de hierarquia entre os dois tipos de pesquisa. Bryman (1992 *apud* FLICK, 2009) identifica caminhos os quais as interpretações das pesquisas qualitativas e quantitativas podem convergir. Alguns dizem respeito à combinação das duas pesquisas de maneira a possibilitar uma visão mais ampla em relação à questão de estudo, ao acréscimo dos resultados quantitativos para apoiar às conclusões das análises qualitativas no sentido de reduzir a possibilidade de generalizações sem embasamento amplo, à facilitação das interpretações das variáveis dos conjuntos de dados e à relação estabelecida entre os níveis micro e macro das análises em cada etapa distinta do processo de pesquisa. Assim, essas duas formas de pesquisas podem ser combinadas ou usadas separadamente, uma vez que cada uma possui uma especificidade e são instrumentos utilizados a depender da natureza da pesquisa pretendida.

Pardo Abril (2007) contempla técnicas, ferramentas e procedimentos quantitativos e qualitativos em suas análises em ADC. Para dar conta de fenômenos sociodiscursivos, é necessário levar em conta os objetivos da pesquisa para poder adotar as ferramentas e técnicas devidas para o tratamento das informações dentro de esferas socioculturais e sociopolíticas, presentes nos discursos que circulam nas sociedades,

assim como os modos de configuração visíveis nos recursos linguístico-discursivos,. Isso depende da tomada de decisões em relação às técnicas qualitativas e/ou quantitativas a fim de responder às perguntas de pesquisa.

A pesquisa qualitativa busca descrever, entender e, por vezes, explicar fenômenos sociais por meio de análises de experiências de indivíduos ou grupos e de interações e comunicações (FLICK, 2009). Dessa maneira, a pesquisa qualitativa é uma prática reflexiva no sentido de que obriga o/a pesquisador/a a se situar na investigação como sujeito crítico e consciente da prática de pesquisa (LINCOLN & GUBA, 2006). A Análise de Discurso Crítica é uma ciência crítica explanatória e um campo teórico transdisciplinar (FAIRCLOUGH, 2005) e busca, não só entender e explicar, mas também explanar problemas sociais com base em arcabouço teórico-metodológico específico para análises aprofundadas de problemas sociais, apoiadas em análises de aspectos semióticos (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003). Fairclough (2003) entende por texto, um dos aspectos semióticos, qualquer exemplo de linguagem em uso, portanto este termo tem sentido amplo. Sendo assim, os textos podem ser tanto escritos, como é o caso dos textos que compõem as Tarefas 3 e 4 do exame Celpe-Bras, quanto orais, assim como são os textos que compõem as Tarefas 1 e 2 do exame, uma vez que compreendem 1 áudio e 1 vídeo – apoiado em imagens, mas que possui o conteúdo discursivo oral.

3.2. A constituição do *corpus*

Como professora de PLE há mais de 5 anos e por lidar com estrangeiros/as de diversas partes do mundo, já passei por algumas situações que perpassam pelo imaginário do Brasil que há no exterior. Algumas situações foram cômicas, outras levemente desconfortáveis, mas já tive experiências constrangedoras que me fizeram refletir e questionar a respeito de como as representações do Brasil – de sua cultura e povo – são veiculadas fora deste país. Por isso, minha intenção de pesquisa sempre foi investigar as representações do Brasil propagadas no exterior. Inicialmente, comecei meu projeto de pesquisa com veiculações de representação do Brasil em telenovelas. Porém, baseada em análises-piloto de entrevistas com estrangeiros/as em contexto de imersão, percebi que as representações se tornam ínfimas no contato com a realidade brasileira. Logo depois, procurei investigar as representações do Brasil por meio de entrevistas com adolescentes estrangeiros/as em contexto de imersão. Contudo, a

geração de dados tornou-se inviável, tanto pelo caráter instável dos/as adolescentes quanto pela dependência de autorização dos/as responsáveis pelos/as adolescentes e das escolas onde seriam realizadas as entrevistas.

Meu primeiro contato com o exame Celpe-Bras deu-se em 2007 com o uso de Elementos Provocadores para instigar a conversa com alunos/as¹⁴. A partir de então, fui me familiarizando com o exame, primeiramente utilizando textos em sala de aula, depois exercendo o papel de aplicadora da Parte Individual no Posto Aplicador na Universidade de Brasília, participando de eventos de análise de discrepâncias da interação oral e avaliação de textos escritos da Parte Coletiva até participar do evento de elaboração do exame ocorrido em 2012. Convergindo a dificuldade em estabelecer consistência na geração de dados para a investigação de representações do Brasil, meu interesse pelo tema, por todo meu envolvimento no exame Celpe-Bras e pela relevância desse exame, percebi que um trabalho desta natureza poderia contribuir para pesquisas relacionadas ao exame Celpe-Bras¹⁵. Sendo assim, esta dissertação tem por objetivo geral investigar (inter)ações, representações e identificações do Brasil em textos escritos desse exame.

Tendo em vista responder às perguntas de pesquisa, este trabalho foi desenvolvido, predominantemente, com análises qualitativas de dados documentais, ou seja, de textos escritos das Tarefas 3 e 4, com apoio de levantamento de dados quantitativos de todas as edições do exame, como será explicado adiante neste Capítulo. Fairclough (2003:10) observa que os textos têm um “processo interativo de produção de significado”, ou seja, um texto quando publicado pode ser recontextualizado em processos diversos de produção de significados, uma vez que se abre a diversas interpretações. Este é o caso dos textos que compõem o exame Celpe-Bras, que são recontextualizados de suas práticas sociais – na maior parte dos casos, a prática do jornalismo, como será apresentado no Capítulo 4 – para compor a prática social exame de proficiência em português do Brasil. Assim, os efeitos sociais dos textos que compõem o exame são gerados pela produção de sentido a partir dessa recontextualização.

Segundo Fairclough (2003), a produção de significados dentro do processo interativo sugere três elementos distintos: a *produção* do texto, a *composição* e a

¹⁴ Essa experiência aconteceu no Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas (PEPPFOL)/ UnB ainda quando eu exercia o cargo de bolsista.

¹⁵ Lima (2008) investigou representações do Brasil em Elementos Provocadores da Parte Individual.

recepção. Enquanto a produção focaliza os/as produtores/as, falantes, escritores/as e autores/as, a recepção diz respeito aos/às intérpretes e suas interpretações, aos/às ouvintes, telespectadores/as e leitores/as. Fairclough (2003) entende que os sentidos são produzidos ao longo da interação, posto que a relação entre os elementos em diferentes níveis do texto como conhecimento, valores, posição institucional, entre outros, dos/as receptores/as dos textos e as intenções, desejos, interesses, valores, posição institucional dos/as produtores/as devem ser levados em conta na produção de sentido dos textos. Este trabalho tem como foco a *composição* do Celpe-Bras, uma vez que traz as análises dos textos que compõem edições do exame, e apoia-se no nível da *produção* ao embasar as análises textuais em questionários respondidos por colaboradores/as que participam, ou já participaram, de eventos de elaboração do exame. Esta pesquisa não traz reflexões no nível da *recepção* e, para isso, há a necessidade de realização de mais pesquisas na área.

Para a análise de discurso crítica interacional, foram selecionados os textos das Tarefas 3 e 4 das edições de 2009/2, 2010/1, 2010/2, 2011/1, 2011/2 e 2012/1 que focalizaram o nível da *composição*, tratado anteriormente. Essa seleção justifica-se por serem textos escritos, uma escolha consciente, e porque não tive acesso a outras edições do exame em tempo de realizar a pesquisa¹⁶. Sendo assim, o *corpus* principal desta pesquisa é composto de 12 textos. Além do *corpus* principal que compõe os dados formais (RAMALHO, 2005, 2008), utilizei-me de uma técnica etnográfica que se constitui de um questionário virtual (FLICK, 2009) breve e sucinto respondidos por colaboradores/as que participam, ou já participaram, de eventos de correção e elaboração do Celpe-Bras para embasar as análises de discurso crítica interacionais.

Após análises-piloto discursivas interacionais dos textos que compõem o *corpus* principal desta pesquisa, houve a necessidade de verificar o que as pessoas que trabalham(ram) com o Celpe-Bras pensam a respeito de questões culturais e veiculação cultural no exame para entender em que medida isso estava sendo mostrado pelas análises interacionais dos textos. Assim, decidi embasar as análises no nível da *produção*, o que justifica a utilização de um procedimento metodológico que consistiu de um questionário aberto autoadministrado (RAMALHO, 2008). Este questionário foi

¹⁶ Foram feitas solicitações ao INEP em forma de requerimento e por *email* sem sucesso. As edições anteriores foram disponibilizadas a mim pela professora Matilde Scaramucci por meio eletrônico. Há um esforço dos membros da CT e colaboradores/as para manter uma organização de todas as edições do exame porque, pelo que parece, a SESu e o INEP não mantêm um arquivo de todas as edições do exame organizado e acessível aos/às pesquisadores/as.

composto de quatro perguntas abertas (Anexo 1), enviado por correio eletrônico (FLICK, 2009) e sugeriu completa liberdade de expressão dos/as colaboradores/as, uma vez que as perguntas não foram restritas a poucos itens que eu, enquanto pesquisadora, julgasse como importantes.

Antes de obter as respostas ao questionário, recebi alguns *emails* de colaboradores/as preocupados/as com respostas que pudessem colaborar positivamente com esta pesquisa¹⁷ e procurando direcionamento em relação a respostas adequadas. Contudo, não houve qualquer direcionamento em relação às respostas, então cada colaborador/a expressou-se da forma que achou mais adequado. As respostas dos/as colaboradores/as foram compiladas em um arquivo sem a identificação de nenhum/a colaborador/a. Como os colaboradores/as são livres para participar ou não da pesquisa, recebi respostas tanto de pessoas que têm muita experiência no nível da produção do exame Celpe-Bras quanto de pessoas que têm pouca experiência. As respostas aos questionários foram todas compiladas de maneira igual, ou seja, não foram consideradas as experiências dos/as colaboradores/as, embora essa seja uma consideração importante. Portanto, mais trabalhos a este respeito são necessários para se ter maior totalidade em relação aos entendimentos de cultura e representação pelos membros da CT.

A utilização do questionário como procedimento metodológico de geração de dados, além de abordar mais de um elemento de produção de significados (FAIRCLOUGH, 2003), buscou observar aspectos de reflexividade quanto à elaboração do exame Celpe-Bras. Chouliaraki e Fairclough (1999) discutem a questão da *reflexividade* nas práticas de produção, no sentido de que as identidades individuais e coletivas são em parte constituídas pela forma como se representam e são representadas, ou seja, as relações de poder e posicionamento dos indivíduos produzem efeitos sobre as práticas de produção. Essas práticas incluem também a reflexividade porque as pessoas frequentemente geram representações do que fazem como parte do que elas fazem, assim a prática não se opõe à teoria, mas estabelece uma relação estreita: “as representações das pessoas reflexivas e do que elas fazem são em certo sentido já teorias de suas práticas, que são uma parte normal de suas práticas” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 26). Esse conceito também aplica-se aos aspectos linguísticos de práticas, que são teorizados reflexivamente. Portanto, busca-se apoiar as análises textuais deste trabalho nas respostas dos questionários abertos auto-administrados para

¹⁷ Agradeço imensamente aos/às colaboradores/as que contribuíram com este trabalho.

observar de que maneira a reflexividade permeia a produção do exame Celpe-Bras, um exame elaborado por pessoas escolarizadas e especialistas na área de PLE, cujo levantamento realizado no Capítulo 1 mostrou participação maciça de pessoas das áreas mais ricas do Brasil.

Todos os textos das Tarefas 1, 2, 3 e 4 que compuseram as provas do Celpe-Bras, desde a primeira edição em 1998 até a edição de 2012/1, foram analisados de forma quantitativa e constituem o *corpus* ampliado, composto de 124 textos (Tabela A2, Anexo 2). Assim, foi feito o levantamento de discursos particulares abordados por todos os textos ao longo desses anos. Vale ressaltar que, como pesquisadora e membro da equipe de elaboração e avaliação do Celpe-Bras, não tive acesso a todos os áudios e vídeos das Tarefas 1 e 2. Portanto, para a análise quantitativa, levei em consideração os comandos dessas Tarefas que abordam o tema tratado no áudio e vídeo para a distribuição dos textos das Tarefas 1 e 2 nos discursos particulares levantados (Anexos 2, 3 e 4). Como a análise quantitativa se limitou a averiguação desses discursos, não houve prejuízo para a pesquisa, uma vez que todas as Tarefas permitiram-me a dedução dos discursos articulados nos textos-base.

Os textos foram divididos de acordo com o levantamento de discursos a respeito da imagem de brasilidade, apresentados no Capítulo 2 deste trabalho. Inicialmente, foi um desafio estabelecer quais seriam os discursos articulados para a distribuição dos textos, por isso procurei ser coerente com os discursos da ‘imaginação de Brasil’ tratados nesta pesquisa. Na primeira distribuição, foram estipulados os seguintes discursos: i) *rituais*; ii) *casa*; iii) *rua*; iv) *comida*; v) *família*; vi) *religião*; e vii) *outros*.

Conforme DaMatta (1997 a; 1997b), os *rituais* são eventos sociais importantes que servem para construir e promover a identidade social. A *casa* é um local de intimidade, as pessoas limpam a casa e ela pertence a este mundo. A *rua* traz os aspectos estéticos do mundo social, é um local de individualização, as pessoas sujam a rua, ela é o outro mundo. *Comida* é uma das manifestações mais importantes da sociedade brasileira e foi ‘construída’ desde o início da formação do Brasil como o entendemos hoje com a miscigenação de culturas que houve aqui (DAMATTA, 2000; FREYRE, 2006). *Família* foi a base da constituição da sociedade brasileira com várias funções sociais e econômicas (FREYRE, 2006). A *Religião* estabelecida no Brasil, embora tenha sido o Catolicismo Romano, teve uma característica peculiar em relação a outros países: no Brasil o catolicismo predominante foi acolhedor no sentido de se

impor sem limitar outras crenças e isso influi até hoje na sociedade brasileira (DAMATTA, 2000; FREYRE, 2006; HOLANDA, 1995).

A divisão relacionada a *outros* procurou abarcar os textos que não se encaixavam nos discursos particulares levantados nessa primeira distribuição. Pelo número de textos que foram encaixados em *outros*, procurei estabelecer outros critérios de articulação de discursos. Assim, retomei a conjuntura (Capítulo 1), que trata do capitalismo tardio. Os temas viii) *negócios* e ix) *ciência e tecnologia* foram levantados para nova distribuição dos textos contemplados em *outros*.

O tema *negócios* foi pensado de acordo com a discussão a respeito da globalização neoliberal. Fairclough (2006) entende a globalização como forma neoliberal que proporciona ganhos para grupos selecionados de pessoas. Dessa maneira, o capitalismo tardio proporciona o fato de que todos os membros de uma sociedade compartilham os sentidos dos bens de consumo, uma vez que as pessoas se entregam à lógica do desejo imediato e do interesse transformado em lucro (BORDIEU, 2001). *Ciência e tecnologia* refere-se a um dos cinco níveis distintos da globalização neoliberal, tratados por Jameson (2001), o tecnológico. O nível tecnológico traz impactos também na produção e organização industriais e comercialização de produtos, não se limitando à revolução da informática e às novas possibilidades de comunicação. Castells (1999) também aponta a importância da tecnologia com a constituição de novos sistemas de comunicação, que proporcionaram transformação da economia mundial. Para ele, esta mudança só foi possível por meio das tecnologias da informação e comunicação, pois a economia global depende do funcionamento em tempo real e com abrangência mundial.

Mesmo depois da articulação de mais dois discursos, que tiveram por base o Capítulo 1 – *negócios e ciência e tecnologia* –, muitos textos ainda não tinham sido distribuídos em nenhum discurso. Realizei uma análise minuciosa dos possíveis discursos que poderiam ser articulados segundo a recorrência dos textos. Dessa maneira, fui distribuindo os textos de acordo com as semelhanças em relação à temática para que, de alguma forma, pudesse haver confluências. Sendo assim, distribuí os textos dentro da articulação, ainda, de três discursos: x) *saúde e estética*; xi) *turismo*; xii) *educação/leitura*. Os textos relacionados à *saúde e estética* destacaram-se em relação à quantidade (ver Tabela A2, Anexo 2). Os textos de *turismo* foram significativos por relacionarem-se a um país com grandes dimensões territoriais e com belezas naturais famosas internacionalmente. Os textos de *educação* abarcaram também aqueles

relacionados à leitura e livros e se relacionam perfeitamente com o gênero exame do qual esses textos fazem parte, uma vez que a ordem de discurso implicada no gênero situado exame de proficiência é também educacional. Os textos em *outros* ainda foram expressivos em quantidade, totalizando 16. Assim, procurei estabelecer subdivisões de discursos particulares para entender se havia confluências dentro dos discursos articulados, como apresentado na Tabela 3.1.:

Tabela 3.1.: Articulação de discursos particulares nos textos do *corpus* principal

DISCURSOS ARTICULADOS	QTD	SUBDIVISÕES DE DISCURSOS	QTD
Rituais	11	-	8
		Carnaval	3
Casa	7	-	7
Rua	11	-	11
Comida	5	-	5
Família	4	-	4
Religião	2	-	2
Negócios	11	-	11
Ciência e tecnologia	12	Ciência	5
		Tecnologia	7
Saúde e estética	22	Saúde	20
		Estética	2
Turismo	7	-	7
Educação/ Leitura	16	-	16
Outros	16	-	5
		Papel da mulher na sociedade	1
		Estrutura governamental	4
		Preocupação com o meio ambiente	2
		Cultura brasileira	4

Pelos textos distribuídos em *outros*, percebi que alguns poderiam ser redistribuídos em *cultura brasileira*, *preocupação com o meio ambiente* e *estrutura governamental* de acordo com a recorrência. *Cultura brasileira* foi pensado por relacionar-se estritamente aos objetivos deste trabalho, uma vez que, ao pesquisar representações do Brasil no único exame de proficiência em Português do Brasil, tangem-se os temas relacionados à dança e música brasileiras. *Preocupação com o meio ambiente* relaciona-se a dois pontos fundamentais: a fama das belezas naturais do Brasil e o tema *turismo*, com textos que abordam essas belezas naturais. *Estrutura governamental* refere-se à importância que o povo brasileiro dá ao governo e sua estrutura, segundo Almeida (2007: 191).

Papel da mulher na sociedade, embora não seja expressivo em relação ao número de textos, refere-se ao imaginário que se tem das mulheres brasileiras, simbolizado na ‘mulher carioca’: “corpo seminu, praia, sol, carnaval, festa, juventude, liberdade, sexualidade, alegria, irreverência, descontração, humor, informalidade, criatividade, hedonismo” (GOLDENBERG, 2007: 8). Em *outros*, ainda ficaram cinco textos, de assuntos diversos. *Rituais* foi outro discurso que gerou *carnaval*, priorizado pela importância que DaMatta (1997 a, 1997b, 2000) dá a este ritual e pelo imaginário da sociedade brasileira em relação a esta festa popular. Os outros discursos seccionados foram: *ciência e tecnologia* e *saúde e estética*, como observado na Tabela 3.1.

A Tabela A2 (Anexo 2) apresenta os títulos de todos os textos recontextualizados no Celpe-Bras desde a primeira edição, em 1998. Os textos marcados com asterisco (*) não trazem o título por se referirem aos áudios, vídeos e alguns textos escritos que não possuem título, pois se trata de entrevistas, tabelas, reportagens e notícias em áudio e vídeo. Sendo assim, estabeleci o nome da Tarefa ou palavra-chave do comando da Tarefa que representa o assunto abordado no texto. A Tabela A3 (Anexo 3) apresenta títulos, gêneros e fontes dos textos recontextualizados no Celpe-Bras que fazem parte do *corpus* principal deste trabalho. Na Tabela A4 (Anexo 4), foram distribuídos os textos de todas as edições do Celpe-Bras considerando quais discursos foram articulados em cada edição do exame.

3.3. A abordagem teórico-metodológica da ADC

A ADC é uma abordagem científica para estudos críticos de questões sociais com aspectos semióticos. Para a ADC, o mundo social é textualmente construído (FAIRCLOUGH, 2003), portanto textos são entendidos como parte dos eventos sociais e os eventos constituem parte das práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Dessa maneira, os métodos qualitativos, que descrevem e interpretam questões sociais, são prioridades nas pesquisas em ADC, mas não representam toda a realidade das pesquisas, uma vez que métodos quantitativos também exigem interpretação de dados e são utilizados em pesquisas em ADC, como exposto na seção 3.1. deste Capítulo.

A proposta de abordagem teórico-metodológica da ADC para estudo de problemas sociais com aspectos semióticos é composta de cinco momentos principais (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), como mostra a Tabela 3.2. a seguir:

Tabela 3.2.: Abordagem teórico-metodológica da ADC, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999)

5. Reflexão sobre a análise	1. Identificação de um problema social com aspectos semióticos
	2. Compreensão dos obstáculos para que o problema seja superado
	a) Análise da conjuntura
	b) Análise da prática particular
	c) Análise de discurso
	3. Investigação da função do problema na prática
4. Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos	

O primeiro diz respeito à *identificação de um problema social com aspectos semióticos* que está inserido nas atividades de uma prática social ou na construção reflexiva de uma prática social. O problema social parcialmente discursivo gerador desta pesquisa diz respeito a (inter)ações, representações e identificações do Brasil potencialmente ideológicas em textos escritos do exame Celpe-Bras. Devido à relevância do Celpe-Bras para o Brasil e por ele ser uma voz governamental sobre o país, a investigação desse problema social perpassa pela *compreensão de obstáculos para que o problema seja superado*.

Como exposto no Capítulo 1 deste trabalho, a *análise da conjuntura* onde está inserido o exame Celpe-Bras diz respeito à idealização e implantações das instituições do capitalismo tardio no cenário internacional da globalização neoliberal. Esse cenário internacional criou modos de vida desprendidos dos modos tradicionais de ordem social, entregue à lógica do desejo imediato e do interesse transformado em lucro. Sendo assim, as representações do Brasil no exterior perpassam por esse cenário e incluem a prática particular desta pesquisa. A *análise da prática particular*, articulada com as redes de práticas que envolvem a constituição de um exame desta natureza, relaciona-se à constituição de produção, aplicação e avaliação desse exame na análise do/as profissionais selecionados/as para os eventos de elaboração do exame, das pessoas envolvidas na aplicação de cada edição do exame nos Postos Aplicadores e do INEP, MEC, quanto órgão responsável pela organização macro e realização do exame.

A *análise de discurso*, desenvolvida no Capítulo 4 deste trabalho, busca conexões dialética entre o social e o discursivo, tendo em vista relações de poder nas maneiras de (inter)agir, representar e identificar(se) em textos, e é orientada para a

estrutura e para a interação. A *análise da estrutura* se constitui pela composição genérica do exame Celpe-Bras e pela recontextualização da ordem do discurso do jornalismo articulada, como apresentado no Capítulo 4, com a ordem de discurso de ensino de PLE e suas relações de permissão e constrangimento, que compõem o cenário estrutural do exame Celpe-Bras. Na *análise da interação*, identifico como gêneros, discursos e estilos que compõem os textos são articulados e realizados linguisticamente nessa instância semiótica, em formas e significados inter-acionais, representacionais e identificacionais. Para as análises textuais e identificação de gêneros, discursos e estilos, as categorias linguísticas que serviram de meio para a análise interacional foram: *gênero; interdiscursividade; intertextualidade; pressuposição; relações semânticas entre sentenças; e avaliação.*

A *investigação da função do problema na prática* refere-se a olhar *se e como* os aspectos do discurso em foco tem uma função específica na prática. Ou seja, é o olhar sobre uma prática que leva a um problema, a avaliação da prática em termos de seus resultados problemáticos que leva à *investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos*, cujo objetivo é identificar possíveis recursos e possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados não só reproduzindo a conjuntura em que o problema está inserido, mas a diversidade e contradições da conjuntura no “alcance do que as pessoas podem fazer em determinadas condições estruturais” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 65). Na *reflexão sobre a análise*, que se estende por todo o processo da pesquisa, avaliam-se os limites e alcances da pesquisa e faz-se a análise das possíveis contribuições deste trabalho. Sendo assim, minha investigação pretende cooperar nas discussões de temas relacionados à (inter)ação, identificação e representação do Brasil como um todo, principalmente no exame Celpe-Bras.

CAPÍTULO 4

(Inter)ação, representação e identificação em textos do Exame Celpe-Bras

Neste capítulo, apresento as análises textuais por meio de categorias linguísticas da ADC (FAIRCLOUGH, 2003). Na seção 4.1., retomo as conexões dialéticas entre o social e o discursivo, tendo em vista relações as maneiras de (inter)agir, representar e identificar(se) em textos. Na seção 4.2., analiso a composição genérica do exame Celpe-Bras, levantando as (redes de) ordens de discurso articuladas nos textos do *corpus* principal. Nas seções 4.3., 4.4., 4.5., 4.6. e 4.7., procedo às análises interacionais que compõem-se pela identificação de gêneros, discursos e estilos articulados e realizados linguisticamente por meio das categorias linguísticas alçadas neste trabalho. Na seção 4.8., reflito a respeito das análises e levanto a necessidade de mais estudos a este respeito para identificar possíveis problematizações das Tarefas.

4.1. Modos de (inter)agir, de representar e de ser/identificar

A Análise de Discurso Crítica ancora seus pressupostos analíticos sobre a linguagem/discurso como prática social (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Por isso, parte do processo de análise de discurso consiste em análises crítico-explanatórias de textos, concebidos como parte de eventos sociais que articulam dialeticamente pessoas (com crenças, valores, atitudes, histórias), relações sociais, (inter)ação, mundo material, além de discurso. Assim, textos em ADC são entendidos como a realização empírica, em eventos sociais, de maneiras de inter-agir, de representar e de ser/identificar. O foco nas práticas sociais “dirige a atenção para as ligações e as relações de internalização entre momentos diferentes, de maneira que seja possível avaliar o sentido do momento semiótico em cada prática particular” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 143).

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) relaciona-se à ADC não somente como recurso de análise textual, mas também “no sentido de um diálogo teórico sobre questões como a relação de natureza semiótica para a mudança social” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 139). Os principais significados do discurso, propostos pela operacionalização de pressupostos da LSF (FAIRCLOUGH, 2003), são o *acional/relacional*, o *representacional* e o *identificacional* e constituem, respectivamente, maneiras relativamente estáveis de (inter)agir, de representar e de

ser/identificar em práticas sociais por meio de gêneros, de discursos e de estilos em textos. São, portanto, elementos de ordens de discurso no nível da prática social (FAIRCLOUGH, 2003). Os três principais significados do discurso são compreendidos a partir de um potencial situacional em termos de valores possíveis à atividade da qual uma língua faz parte, os atores sociais envolvidos e as relações entre eles e o desempenho da linguagem como parte das relações sociais (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999).

A identificação dos três aspectos do discurso (gêneros, discursos e estilos) é realizada em uma relação dialética. Nesta pesquisa, essa relação dialética materializa-se em como discursos e identidades são construídos em gêneros, ou seja, de quais maneiras representações particulares (discursos) e maneiras particulares de identificação (estilos) são organizadas em formas particulares de agir/relacionar-se (gêneros). Para tanto, as categorias de análise selecionadas são aquelas potencialmente capazes de ajudar a atingir os objetivos de pesquisa: *gênero/estrutura genérica*, *intertextualidade*, *pressuposição* e *relações entre sentenças*, mais ligadas ao significado acional/relacional; *interdiscursividade* e *estrutura visual*, mais diretamente relacionadas ao significado representacional; e *avaliação*, mais ligada ao significado identificacional.

4.1.1. Significado acional/relacional: gênero, intertextualidade e relações semânticas entre sentenças

Fairclough (2003) observa que *gêneros* são aspectos discursivos das formas de agir e interagir em eventos sociais. Essas formas de ações e interações em eventos sociais são definidas por práticas sociais e modos pelos quais os eventos organizam-se. Dessa maneira, gêneros são realizados no sentido de ação e formas de um texto, discurso na representação de significados e formas e estilo no sentido representacional e formas.

Os gêneros não possuem terminologias fixas estabelecidas. Conversação, narração, descrição, argumentação, injunção, por exemplo, são pré-gêneros em alto nível de abstração, pois são “categorias que transcendem redes particulares de comunicação de prática social” (FAIRCLOUGH, 2003: 68), enquanto entrevistas ou notícias, por exemplo, são menos abstratas, mas também transcendem redes de comunicação particular de práticas sociais. Os processos envolvidos nas configurações de gêneros discursivos envolvem mudanças em como gêneros diferentes são

combinados, uma vez que novos gêneros surgem por meio de combinações de gêneros já existentes.

Fairclough (2003) propõe que gêneros situados (individuais) em eventos sociais sejam analisados em termos de *atividade, relação social e tecnologia de comunicação*. A pergunta: ‘o que as pessoas estão fazendo discursivamente?’ surge como proposta de investigação para o papel do discurso na atividade social, já que os gêneros são variáveis a depender da natureza da atividade. A pergunta ‘quais são as relações sociais?’ permite a análise das relações sociais, que são as relações entre atores sociais e podem ser de tipos diferenciados: organizações, grupos ou indivíduos. Então, como maneiras de interação constroem a parte essencial de tipos particulares de relações sociais entre atores sociais. ‘De qual tecnologia de comunicação a atividade é dependente?’ sugere como investigação do tipo de interação (em uma via, em duas vias mediadas ou não mediadas) e das tecnologias de comunicação que a atividade em estudo pode depender. A complexidade de rede de práticas sociais tende a se tornar maior na sociedade pela ligação estreita com as novas tecnologias de comunicação. Quanto mais elas avançam em relação à modernização e ao estabelecimento de tendências, o desenvolvimento de novos gêneros aumenta (FAIRCLOUGH, 2003).

A *intertextualidade*, por sua vez, categoria relacionada em princípio ao significado acional/relacional, diz respeito às relações estabelecidas entre um texto e outros textos ‘externos’ a ele. De alguma forma, esses textos externos estão presentes no texto em questão e, geralmente, essa presença é marcada pelas citações. “Em textos específicos, a ausência, a presença, assim como a natureza da articulação desses outros textos, que constituem ‘vozes particulares’, permitem explorar práticas discursivas existentes na sociedade e a relação entre elas” (RAMALHO & RESENDE, 2011: 133). Fairclough (2003) indica quatro formas de articulação de vozes sociais nos discursos: o *discurso direto*, o *discurso indireto*, o *discurso indireto livre* e *discurso narrativo de ato de fala*. O *discurso direto* diz respeito à citação explícita, com palavras realmente usadas, é a reprodução exata da voz inserida no discurso com oração de relato. O *discurso indireto* é um resumo reformulado do que havia sido dito ou escrito que atribui às pessoas que escreveram ou disseram o texto original, há mudanças no tempo verbal e na dêixis. O *discurso indireto livre* é mais comum em textos literários e um ponto intermediário entre o direto e o indireto, preservando as mudanças nos tempos verbais e na dêixis, mas não possui a oração de relato. O *discurso narrativo de ato de fala* relata

um tipo de ato de fala sem explicitar seu conteúdo. Essas são as quatro formas de intertextualidade explícitas.

As formas de representações e vozes – discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre e discurso narrativo de ato de fala – são recursos para as organizações dos textos. Por exemplo, enquanto o discurso direto obriga a explicitação das palavras realmente utilizadas, o discurso indireto permite a reformulação das palavras do outro em suas outras palavras (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Há também a possibilidade de inserção de vozes particulares sem a devida atribuição, e isso indica a gama de possibilidades que a intertextualidade permite.

Em relação à intertextualidade, há duas distinções importantes a serem feitas. A primeira diz respeito à diferença entre intertextualidade e interdiscursividade e a segunda se relaciona à pressuposição. A interdiscursividade, traço do significado representacional, se refere aos *discursos* de grupos sociais particulares ligados a práticas particulares. Sendo assim, a diferença básica, na ADC, entre a interdiscursividade e a intertextualidade é que esta última trata da maneira pela qual as *vozes* particulares são articuladas (ou não) nos textos. A pressuposição é o termo genérico que abarca o teor implícito, distinguido na literatura da Pragmática, de pressuposições, implicações ou acarretamentos lógicos, além das implicaturas, como explico adiante.

Nos estudos de semântica, pragmática e análise de discurso, o *implícito* é o que permite análises do que não foi dito, mas é importante para a construção do sentido. Para Ducrot (1977), a questão do implícito significa ter o benefício da inocência do silêncio e da eficácia da fala e essa é questão primordial para os estudos que investigam as relações entre linguagem e sociedade. Os implícitos podem ser divididos e analisados sob três perspectivas: *acarretamento*, *pressuposição* e *implicatura conversacional*. O *acarretamento* restringe-se essencialmente ao significado das palavras no uso específico, é a sentença que resulta na verdade de outra. A *pressuposição* tem uma noção pouco mais semântico-pragmática do que o *acarretamento*. Ela pode demandar pouco mais de conhecimento prévio, mas tem uma característica que a diferencia essencialmente do *acarretamento*: ela resiste à negação. Portanto, ela se mantém mesmo que a sentença seja negada. Já a *implicatura* – *implicatura conversacional* – depende exclusivamente do conhecimento extralinguístico para sua compreensão, ou seja, a *implicatura* não está presente no texto e é partilhada pelos interlocutores desde que os conhecimentos fora do texto sejam comuns para todos os envolvidos na interação (ILARI, 2007).

Pelo exposto, pode-se indicar a diferença primordial entre as pressuposições e a intertextualidade: “as presunções, geralmente, não são atribuídas ou atribuíveis a textos específicos” (FAIRCLOUGH, 2003: 40). As pressuposições indicam que o/a autor/a já tomou as proposições como ‘dadas’ ou estabelecidas e sugerem “alto grau de engajamento do/a locutor/a com o que enuncia” (RAMALHO & RESENDE, 2011: 134). Visto dessa forma, a intertextualidade estabelece a relação dialógica do texto no momento em que permite o diálogo entre a voz do autor e outras vozes. A pressuposição diminui essa dialogicidade na medida em que não há vozes particulares distintas que possam debater a respeito das diferenças.

Relações semânticas entre sentenças está diretamente ligada à composição formal do texto e, por isso, associa-se ao significado acional/relacional. Esta categoria tem como foco as relações semânticas entre frases e entre orações e seus significados. Muitas questões de pesquisa social podem ser esclarecidas em relação a análises de relações semânticas, como, por exemplo, questões relacionadas à legitimação, no alcance das transformações do capitalismo tardio e de como a nova ordem social é explicada e justificada (FAIRCLOUGH, 2003) por meio de relações de causa, razão, consequência, finalidade, condição, tempo, adição, elaboração, contraste e concessão.

Ramalho e Resende (2011:123) apontam, com base em Halliday (2004), três tipos de relações lógico-semânticas de expansão entre orações:

Temos *elaboração* quando a oração que expande o significado expresso em outra provê uma maior caracterização da informação dada: reafirma, esclarece, refina, exemplifica, comenta (expressões-chave aqui seriam ‘isto é’, ‘ou seja’, ‘por exemplo’). Na *extensão*, uma oração expande o significado de outra introduzindo algo novo por meio de adição, deslocamento ou alternativa (‘e’, ‘ou’, ‘mas’...). No *realce*, uma oração destaca o significado de outra, monta-lhe um cenário qualificando-a com característica circunstancial em referência a tempo, espaço, modo, causa ou condição (‘quando’, ‘se’, ‘para’, ‘porque’, ‘por causa de’ etc.).

Fairclough (2003) indica *relações semânticas em alto nível, relações gramaticais e estratégias de legitimação*. As *relações semânticas em alto nível* referem-se ao exemplo comum da apresentação do problema-solução e objetivo, no qual as soluções são organizadas em termos de um objetivo. As *relações gramaticais* fazem alusão à coordenação – quando há orações gramaticalmente iguais – à subordinação – quando há uma oração principal e uma oração subordinada à primeira – e à coordenação e subordinação – quando uma oração funciona como elemento de outra frase. As *estratégias de legitimação* dizem respeito à autorização – referência à autoridade

investida por tradição, lei, costume e pessoas, à racionalização – utilidade de ação institucionalizada e sociedade de conhecimento construída com validades cognitivas, à avaliação moral – por referência aos sistemas de valores – e a narrativas – histórias contadas para indicar legitimação.

4.1.2. Significado representacional: interdiscursividade e estrutura visual

A *interdiscursividade* é a presença e formas de articulação de discursos particulares em textos. Fairclough (2003) compreende discursos como modos de representar aspectos do mundo, por isso é, em princípio, uma categoria representacional. Diferentes discursos são perspectivas distintas do mundo e elas se associam a relações várias que as pessoas têm com o mundo, o que depende das identidades pessoais e sociais, das relações sociais e das posições no mundo. A interdiscursividade envolve hibridizações de discursos, gêneros e estilos, portanto, pela análise de interdiscursividade investigam-se discursos particulares articulados em textos (RAMALHO & RESENDE, 2011).

Fairclough (2003) sugere que o grau de repetição e de habitualidade de diferentes discursos indica divisão entre eles por estabilidade e grupos de pessoas. Ou seja, nos textos há muitas representações de aspectos do mundo e não se pode separar e entender cada representação como um discurso distinto, uma vez que um discurso particular pode produzir várias representações em graus diferentes de ‘escala’, isto é, “quanto do mundo eles incluem” (FAIRCLOUGH, 2003: 124). Assim, os discursos específicos e localizáveis podem ser compreendidos como combinações de outros discursos articulados de maneiras particulares. Essa relação dialógica é o modo como textos articulam diferentes discursos, e a análise interdiscursiva está parcialmente relacionada em identificar quais e como os discursos estão articulados. Dessa forma, pode-se pensar em discurso como representante de uma parte do mundo e de uma perspectiva particular. Portanto, a análise textual pode identificar áreas da vida social representadas (temas) e ponto de vista e perspectiva particulares, nos quais os discursos estão representados.

Brito e Pimenta (2009) apresentam a Gramática do Design Visual (GDV) de Kress e Van Leeuwen (2006) como uma expansão da Linguística Sistêmico-Funcional. A Semiótica é entendida não somente como estudo dos signos, mas estudo dos sistemas de signos, e a Linguística é um tipo de semiótica (BRITO & PIMENTA, 2009). Essa

compreensão vai ao encontro da compreensão da ADC de que o texto é um tipo de semiose (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Sendo assim, não só a linguagem verbal fornece produção de significado, também a *estrutura visual* fornece meios para interpretação e interação com a linguagem.

A LSF qualifica a linguagem como funcional devido a três razões: *textos*, *sistema linguístico* e *elementos de estruturas linguísticas*. Nessa compreensão, os textos estão ligados a um contexto de uso, o sistema linguístico está ligado a componentes fundamentais do significado e as estruturas linguísticas são relacionadas a partes funcionais como um todo. Os componentes do significado referem-se às três metafunções linguísticas da LSF: *ideacional* – que considera a oração como representação, *interpessoal* – que observa a relação de interação entre falantes e modalizações existentes em um evento comunicativo – e *textual* – que mostra a organização da mensagem em termos de linguagem. A tabela a seguir apresenta os conceitos da GDV utilizados para a leitura das imagens desta pesquisa:

Figura 4.1.: Apresentação dos conceitos da GDV utilizados neste trabalho

Ideacional	narrativas - os vetores se encarregam do processo de ação e interação entre os participantes	ação -descreve e apresenta acontecimentos do mundo material	<i>não transacional</i> - somente a presença de um participante e também ator
			<i>transacional</i> - pelo menos dois participantes (um ator e outro meta)
			<i>bidirecional</i> - dois participantes ao mesmo tempo ator e meta
		reação -vetor formado pela direção do olhar do participante a uma ação	<i>transacional</i> - olhar do participante se dirige ao fenômeno
<i>não transacional</i> - olhar do participante se dirige para algo fora da imagem			
representações conceituais - imagem apresentada em relação a uma taxonomia	processo classificacional - participantes subordinados uns aos outros por um tema	processo analítico - participantes portadores que se relacionam com seus atributos possuídos	
Interpessoal	olhar - imagens de oferecimento e demanda (atos de imagem)	imagem de demanda - participante representado se coloca olhando diretamente para o leitor estabelecendo vínculo direto com o leitor	imagem de oferta - participante dirige-se ao leitor de forma indireta. O leitor não é objeto do olhar, mas sim sujeito do olhar
			close-up (maior proximidade) e panorâmica (relação com o mundo real)
	enquadramento - maior ou menor proximidade entre participante e leitor	subjetiva (participante pode ser visto apenas sob um ângulo específico) ou objetiva (revela tudo que existe para ser visto)	
	perspectiva - imagem através de um ângulo específico, determinado ponto de vista	modalidade naturalística - tem como base a ideia de que uma imagem deve ser tão próxima quanto a visão que se teria ao vivo	modalidade abstrata - traz em si apenas o essencial para a representação de uma imagem
			modalidade tecnológica - uso prático e explicativo de uma imagem
contextualizações - conjunto de princípios abstratos que informam o modo no qual os textos são codificados por grupos sociais específicos			

		<u>modalidade sensorial</u> - realidade visual baseada no efeito de prazer ou desprazer que imagem causa no leitor
<u>textual</u>	valor da informação - valor dado a cada um dos elementos contidos em uma imagem de acordo com a posição que ocupam	<u>dado/novo</u> - orientação da leitura da imagem da esquerda para a direita. Informações colocadas seguindo uma linha horizontal (elementos colocados à esquerda representam informação já conhecida pelo leitor)
		<u>ideal/real</u> - orientação da leitura da imagem de cima para baixo. Parte superior - idealização de algo, promessa de um produto e afinidade emotiva com o leitor.
		<u>centro/margem</u> - elementos de maior relevância (centrais) e marginais
	saliência - quando um elemento tem maior destaque que outros apresentados	

Fairclough (2003) recontextualiza da LSF os significados do discurso para a ADC. Sendo assim, os conceitos da GDV apresentados na Figura 4.1. estão distribuídos entre os significados da LSF (ideacional, interpessoal e textual) somente para ser coerente com a apresentação de Kress e Van Leeuwen (2006). Segundo os pressupostos da ADC, a *estrutura visual* relaciona-se ao significado representacional, uma vez que as imagens são maneiras relativamente estáveis de representar.

4.1.3. Significado identificacional: avaliação

Segundo Fairclough (2003), a *avaliação* inclui maneiras implícitas ou explícitas pelas quais autores se expressam por meio de valores. As declarações com juízo de valor, modalidades deônticas, verbos de processos mentais e pressuposições de valor são categorias de avaliação em termos do que é desejado ou não e relacionam-se também à importância que se dá a algo, assim como sua utilidade. A avaliação também se manifesta em uma escala de intensidade, na qual termos podem variar de baixa intensidade até uma alta intensidade, como, por exemplo, eu gosto/adoro/amo o Brasil. Os valores pressupostos referem-se aos casos que não possuem marcadores explícitos de avaliação, como no caso do lide do texto do *corpus* principal, identificado como 3-10/1 (*Banho de lua*) que traz uma avaliação pressuposta de que o calor do Rio de Janeiro é bom “Com um verão de 40 graus, a praia noturna vira o grande programa da temporada” (ver na seção 4.6. deste Capítulo).

4.2. Análise estrutural: ordens de discurso articuladas

A natureza transdisciplinar da ADC e os campos de teorias sociais estabelecem conexão no sentido de que cada campo social tem maneiras particulares relativamente estáveis de (inter)agir, representar e ser/identificar, que resultam em ordens do discurso. Dessa forma, as ordens do discurso são articulações de práticas discursivas (gêneros e discursos) socialmente estruturadas que constituem facetas discursivas de ordens sociais de campos sociais, como educação, política, mídia, entre outros. Nesse sentido, “a análise de uma ordem do discurso pode ser vista como parte da análise de um campo social” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 114). Para fins desta pesquisa, as ordens do discurso inicialmente analisadas são do ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) no Brasil e do Jornalismo.

Como exposto no Capítulo 1, o exame Celpe-Bras teve como intuito ser referência no ensino de PLE do Brasil desde sua concepção. Além da abordagem comunicativa, esse exame tem uma percepção de cultura que vai ao encontro da concepção de que a língua é “mais do que objeto de ensino, passa a ser a ponte, a dimensão mediadora entre sujeitos/mundos culturais, visto que o seu enfoque se dará nas relações de diálogo, no lugar da interação” (MENDES, 2011: 140). Sendo assim, o exame Celpe-Bras entende a língua portuguesa como representante da cultura brasileira que atua como ponto de partida na construção de ambientes de mediação cultural, lugares de partilha e negociação ao utilizar gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003) recontextualizados da ordem de discurso do jornalismo.

Bakhtin (2003) conceitua os gêneros do discurso à luz de uma visão de linguagem como interação social, ou seja, os campos da atividade humana estão conectados ao uso da linguagem. A linguagem, portanto, está relacionada à interação entre pessoas e os recursos linguísticos e de composição de textos (gêneros, discursos e estilos) são determinados pela condição de cada campo de utilização da língua (práticas e eventos sociais). Essa concepção é coerente com a recontextualização de textos jornalísticos no exame Celpe-Bras por serem textos autênticos (SCARAMUCCI, 2001), isto é, que permitem o acesso ao uso real da língua:

O trabalho com gêneros discursivos na prática pedagógica de línguas adicionais oportuniza a reflexão sobre o uso da linguagem como algo social a partir de materiais didáticos que levem em conta a relação dialógica da prática social e o contexto em que ela se estabelece, e como essa reflexão pode auxiliar os alunos na aprendizagem da língua na medida em que colabora para que eles relacionem sempre as formas linguísticas ao seu uso situado (ANDRIGHETTI & SCHOFFEN, 2012: 24).

Marshall (2003) contextualiza o universo da comunicação e da informação como radicado na pós-modernidade, ou modernidade tardia. O autor chama a atenção para a mercantilização das atividades jornalísticas, nas quais os produtos da indústria da mídia, articulados pelo jornalismo, são produzidos e vendidos com base no *marketing*, o que condiciona e universaliza valores, gostos e, inclusive, consciência dos consumidores. “O jornalismo sofre mutações radicais e passa a ser constituído e normatizado pela ética da liberdade capitalista pós-moderna” (MARSHALL, 2003: 17). Dessa maneira, as ordens do discurso identificadas nas análises interacionais de interdiscursividade do *corpus* principal desta pesquisa são alçadas a ordem de discurso do jornalismo e referem-se ao capitalismo tardio: economia, política, ciência, saúde e beleza/estética (Tabela A3, Anexo 3).

4.2.1. A ordem de discurso articulada no *corpus* principal

A ordem de discurso recontextualizada no exame Celpe-Bras é da (rede de) prática do jornalismo, como exposto na seção anterior. Pela análise da Tabela A3 (Anexo 3), percebe-se que os textos que fazem parte do *corpus* principal desta pesquisa pertencem a meios de comunicação de prestígio de regiões do Sul e Sudeste do Brasil¹⁸. As exceções são os textos retirados do Serviço Geológico do Brasil – empresa de economia mista, vinculada ao Ministério de Minas e Energia com atuação em todo o Brasil e Superintendências Regionais em Manaus (AM), Belém (PA), Recife (PE), Goiânia (GO), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS)¹⁹ – e da Revista GOL – revista editada pela empresa de aviação civil GOL, mas que também tem sua sede no Sudeste do Brasil, onde é realizada a edição da Revista.

Esta constatação vai ao encontro do levantamento de Lima (2008) de que o Celpe-Bras, um exame elaborado por pessoas escolarizadas e especialistas na área de PLE, tem participação maciça de pessoas das áreas mais ricas do Brasil, como tratado no Capítulo 1. A percepção de que há certo padrão (e recorrência) em relação à escolha de textos e outros materiais semióticos para comporem o exame Celpe-Bras é uma preocupação dos/as colaboradores/as que responderam ao questionário.

¹⁸ O Correio Cidadania – editado pela Sociedade para o Progresso da Comunicação Democrática, sem fins lucrativos, com o objetivo de colaborar com a construção da mídia democrática e independente – que é disponível somente em meio eletrônico tem sua sede na cidade de Pinheiros, São Paulo. Essas informações foram retiradas da página eletrônica www.correiocidadania.com.br e fornecidas por *email* em 29/01/2013.

¹⁹ Informações retiradas da página eletrônica do Serviço Geológico do Brasil: <http://www.cprm.gov.br/>.

Antes de apresentar as respostas aos questionários, convém retomar as perguntas realizadas na ordem em que foram apresentadas aos/às colaboradores/as:

- 1- Para você, o Celpe-Bras é um importante veículo de representação do Brasil para os/as estrangeiros/as que realizam o exame?
- 2- Você considera o exame Celpe-Bras como um bom veiculador de representações do Brasil, ou seja, de nossos elementos culturais, sociais, políticos, identitários? Por quê?
- 3- Caso você já tenha participado de algum evento de elaboração das provas do Celpe-Bras, comente um pouco a respeito do que influencia você a escolher determinado texto para ser levado para o evento de elaboração em vez de outros textos possíveis.
- 4- Você percebe a influência da carga cultural particular das pessoas que elaboram o exame na composição final de cada edição do Celpe-Bras? De que maneira?

Os exemplos 1 e 2 mostram a impressão de que alguns/mas colaboradores/as têm de que, no nível da *produção* do exame Celpe-Bras, há uma gama de representatividade regional brasileira:

Exemplo (1)

Considero, sim, o Celpe-Bras um importante veículo de representação do Brasil para os estrangeiros que realizam o exame, uma vez que as tarefas que compõem a prova têm como ponto de partida textos (escritos e orais) que circulam em diversas esferas sociais da sociedade brasileira e, portanto, espelham nossa cultura. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 4 à pergunta 1 do questionário)

Exemplo (2)

Acredito que seja, sobretudo porque os professores que compõem tanto a equipe técnica, quanto a comissão, são de diversos Estados brasileiros e, por conseguinte, veiculam as respectivas culturas regionais em todos os âmbitos do exame, incluindo-se, nesse bojo, a prova e suas tarefas, obviamente. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 1 à pergunta 2 do questionário)

Alguns/mas colaboradores/as têm a percepção de que a diversidade cultural das pessoas envolvidas no nível da produção do exame influencia na representação de Brasil veiculada pelo Celpe-Bras, como mostram os exemplos 3, 4, 5, 6 e 7 a seguir:

Exemplo (3)

Agora sim. O exame só veicula representações do Brasil em suas esferas sociais, políticas, culturais e identitárias se prezar pela diversidade regional de seus elaboradores. Penso que quanto maior a diversidade regional dos professores elaboradores, mais regiões brasileiras farão parte da vitrine brasileira que é apresentada por meio das tarefas e elementos provocadores. Assim, diferentes Brasis poderão ser enaltecidos em suas peculiaridades e especificidades. Essas culturas podem se complementar, uma vez que fazem parte do mesmo território nacional. E é na língua-cultura portuguesa que elas se dialogam, materializam e se intermedeiam. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 8 à pergunta 2 do questionário)

Exemplo (4)

Acredito que a escolha dos textos passa pela questão das representações que os elaboradores do Celpe têm de Brasil. Em meu caso, essa realidade não é diferente. Portanto, as escolhas que faço são orientadas pelas representações que tenho acerca de meu país. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 7 à pergunta 3 do questionário)

Exemplo (5)

Não posso deixar de incorporar a minha região de origem, isto é, Minas Gerais, na elaboração. Se eu penso a língua como língua-cultura, penso logo em uma reportagem, anúncio, crônica, vídeo, áudio etc que tente representar o que acontece na sociedade, na cultura, na economia, na história, na geografia, enfim, na conjuntura atual do Brasil. Digo minha região de origem porque é impossível dissociarmos nossa língua-cultura de nossa identidade, a começar pelo sotaque, e também porque sou leitor do jornal *Estado de Minas*. Todavia, isso não quer dizer que não posso utilizar veículos de expressão nacional como as revistas *Veja*, *Piauí*, *Concerto* e *Turma da Mônica*, por exemplo. Além desses veículos, o conteúdo a ser transmitido por eles é significativo, pois o texto tem que representar bem um determinado assunto para que, a partir dele, possamos elaborar uma tarefa com um propósito comunicativo específico (para quê?), levando sempre em conta o interlocutor (quem?) e o gênero textual a ser produzido (o quê?). Assim, o texto, seja escrito ou oral, a ser escolhido deve nos dar insumos adequados para a produção desse tipo de tarefa. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 8 à pergunta 3 do questionário)

Exemplo (6)

A minha própria carga cultural eu sempre percebi, pois antes de fazer a licenciatura e o bacharelado em Letras, na UFMG, fiz o curso de Farmácia, com Especialização em Bioquímica, resultando disso que gosto muito dos textos que exploram bem a língua, mas têm como conteúdo aspectos voltados à área de saúde. Com relação aos demais profissionais que participam da elaboração, o que mais me chamou a atenção foi a escolha de vídeos que retratam situações típicas das regiões que esses professores representam. Acho isso ótimo, pois o Brasil é uma mescla de cada uma dessas culturas regionais e se ela pode ser espelhada no exame, quanto maior e mais diversificado for o número de profissionais da área, envolvidos, estará perfeito, desde que não haja estereótipos, claro! (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 1 à pergunta 4 do questionário)

Exemplo (7)

De certo modo, sim, sem que isso comprometa a qualidade do exame. Acredito que isso ocorre porque é muito difícil se desvincular da sua realidade, das suas referências culturais, pois elas fazem parte da formação intelectual, pessoal profissional do indivíduo. Assim, ao elaborar e aplicar uma edição do Celpe-Bras, os aspectos culturais e identitários do colaborador do exame podem aparecer, de algum modo, no exame. E isso pode se refletir na escolha de determinado texto, vídeo, áudio ou mesmo nos temas que aparecem nos elementos provocadores utilizados na prova oral. Porém, como fora mencionado na resposta anterior, isso não é uma prática obrigatória, pois é interessante e adequado escolher temas e assuntos que sejam mais universais e possuam uma abrangência maior, ou seja, temas e assuntos que podem fazer parte do cotidiano de outras sociedades e culturas. Isso, de certo modo, “neutraliza” a influência da carga cultural particular de um colaborador envolvido na elaboração e aplicação do exame Celpe-Bras. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 2 à pergunta 4 do questionário)

O/A colaborador/a 5 tem a percepção de que, de certa forma, há homogeneidade cultural entre os/as colaboradores/as, o que acaba por “empobrecer” o exame (Exemplo 8):

Exemplo (8)

O exame é um bom veiculador, mas parece haver uma constância de eixos temáticos que podem empobrecer o universo cultural brasileiro. Além disso, do mesmo modo que na questão anterior, não podemos perder de vista a homogeneidade dos elaboradores (dentro do universo brasileiro), o que certamente limita essa veiculação. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 5 à pergunta 2 do questionário)

De acordo com a análise da ordem de discurso do *corpus* principal, é relevante ressaltar que há certa homogeneidade de representação cultural do Brasil, pelo menos ao que se refere a regiões escolhidas para serem representadas. As respostas dos questionários mostram que os/as colaboradores/as, em geral, percebem a importância e

influência quanto à diversidade regional entre as pessoas participantes do nível da produção do exame Celpe-Bras. Porém, somente um/a colaborador/a apontou para essa homogeneização no que ele/a apontou como problemático, pois pode “empobrecer o universo cultural brasileiro”.

4.2.2. Inter-agir por meio do exame: o Celpe-Bras como gênero situado

O exame Celpe-Bras é entendido neste trabalho como gênero situado por ser um gênero relativamente estável com características composicionais bem definidas. A partir da edição de 2009/1, quando o exame Celpe-Bras passou a ser organizado pelo INEP, como exposto no Capítulo 1 deste trabalho, houve algumas mudanças quanto à estrutura genérica, mais padronizada e predita desde então. O gênero situado exame Celpe-Bras materializa-se, em relação a sua estrutura genérica, por meio de uma brochura, o caderno de questões. Esta encadernação é confeccionada pelo INEP, enviada aos Postos Aplicadores e entregues aos/às candidatos/as para a realização do exame. O caderno de questões²⁰ é composto de 11 páginas como mostra a Figura 4.2., a seguir²¹:

²⁰ A edição de 2009/2 apresenta uma capa diferente. A partir da edição de 2010/1, o caderno de questões passou a ter a estrutura como a figura exemplificada.

²¹ Na encadernação da edição 2012/2, ainda havia mais duas páginas: a contracapa, exatamente igual à capa, mas em escalas de cinza, e a penúltima folha, exatamente igual à última, mas também em escala de cinza.

Figura 4.2: Apresentação visual da estrutura genérica do exame Celpe-Bras (Caderno de questões do exame Celpe-Bras – edição 2012/2)



Em termos de *atividade*, o exame Celpe-Bras focaliza o discurso. Os eventos sociais envolvidos nesta atividade são essencialmente discursivos por trazerem os textos, escritos e orais, como primeiro plano. Este gênero situado tem como propósito principal medir a proficiência em português dos/as candidatos/as estrangeiros/as por meio de tarefas baseadas na teoria comunicativa de ensino de línguas utilizando textos autênticos, recontextualizados da ordem de discurso do jornalismo.

As *relações sociais* implicadas neste exame referem-se às três instâncias de produção do discurso: produção, composição e recepção. Em relação à produção, os agentes sociais envolvidos neste exame dizem respeito tanto aos/as profissionais que

trabalham em nível intelectual – especialistas que participam dos eventos de elaboração, quanto no nível organizacional – pessoas do INEP e dos Postos Aplicadores. A composição do exame faz alusão à hierarquia e distância sociais inerentes de um exame de proficiência, o que se refere à relação do texto selecionado e tarefa elaborada previamente com o/a candidato/a submetido/a ao exame. Portanto, há hierarquização e distância no nível composicional, uma vez que o/a examinando/a está sob dependência de escolhas nas quais ele/a não é ouvido/a. A recepção relaciona-se à instância de interpretação dos/as candidatos/as, que não é contemplada neste trabalho.

A *tecnologia de informação* no nível da composição do gênero situado exame Celpe-Bras é unidirecional não mediada. Esta classificação justifica-se em termos da não participação do/a candidato/a em relação aos textos aos quais ele/a será submetido/a, por isso unidirecional, de uma só via, e não mediada, sem participação bidirecional. Friso aqui que a não participação dos/as candidatos/as no nível da produção, seleção de textos e elaboração de Tarefas não constituem um problema porque fazem parte da natureza desta prática particular. Ou seja, em contextos de avaliação, é inerente que os/as avaliados/as não participem da produção.

4.2.3. Análises interacionais de gênero dos textos e das imagens do *corpus* principal

O *corpus* principal desta pesquisa é constituído de 12 textos escritos das Tarefas 3 e 4 das edições de 2009/2, 2010/1, 2010/2, 2011/1, 2011/2, 2012/1, como exposto no Capítulo 3. A Tabela 4 (anexo 3) apresenta o gênero, a fonte e a seção de onde os textos do *corpus* principal foram retirados ao serem recontextualizados no exame Celpe-Bras. A identificação dos textos para as análises interacionais foi elaborada em relação à Tarefa, à edição e ano do texto em questão:

Tabela 4.1.: Identificação dos textos para análises interacionais

Texto	Tarefa	Ano/ Edição	Identificação
Torpedomania	3	2009/2	3-09/2
Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones	4	2009/2	4-09/2
Banho de lua	3	2010/1	3-10/1
Carta a um jovem internauta	4	2010/1	4-10/1
Movimento contra o BOTOX	3	2010/2	3-10/2
Gratos pela preferência!	4	2010/2	4-10/2

Beleza é fundamental (para eles)	3	2011/1	3-11/1
O Brasil não possui pedras semipreciosas	4	2011/1	4-11/1
A vez dos idosos	3	2011/2	3-11/2
Mão Pesada	4	2011/2	4-11/2
Faxina no céu	3	2012/1	3-12/1
Anuncie no samba-enredo e salve o carnaval	4	2012/1	4-12/1

O texto 3-09/2 (Tarefa 3 da edição de 2009/2) é uma reportagem recontextualizada da seção Comportamento da Revista ISTOÉ, de 8 de julho de 2009. Trata-se de uma reportagem, cujo título é *Torpedomania*, a respeito de trocas excessivas de mensagens pelo celular por jovens. A fotografia principal que compõe o texto apresenta uma adolescente branca, com cabelos lisos e aparentemente claros segurando um celular. A *ação* é não transacional, pois há somente uma participante, também ator da imagem; a *reação* é transacional, uma vez que o olhar da menina dirige-se ao celular, e aponta para um *processo analítico*, quanto à representação conceitual, pela indicação da portadora ao relacionar-se com o celular, atributo possuído.

Figura 4.3.: Texto 3-09/2



O texto 4-09/2 (Tarefa 4 da edição de 2009/2) é uma reportagem do Jornal ZERO-HORA de Porto Alegre, veiculada em 30 de maio de 2009, que constou na seção Geral. *Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones* traz uma discussão a respeito de um projeto de lei, de um vereador de Porto Alegre, que amplia os horários para bares, restaurantes e lanchonetes manterem mesas nas calçadas. O desenho que ilustra o texto

representa a discussão do texto de forma prática e explicativa, *modalidade tecnológica*, ao trazer, à esquerda, um homem branco aparentemente com sono (pelo ‘ZZZ’ ao lado esquerdo) – morador incomodado com o projeto de lei – e, à direita, um homem também branco aparentemente bêbado (pela garrafa na mão, expressão facial e sinais acima da cabeça) em uma queda de braço. A ilustração é *bidirecional*, quanto à ação, uma vez que há a presença de dois participantes que se dirigem a um objetivo – a queda de braço –, e *transacional*, quanto à reação, pois o olhar dos participantes dirige-se um ao outro (dentro da imagem), e *objetiva*, em relação à perspectiva, por revelar tudo o que tem para ser visto.

Figura 4.4: Texto 4-09/2



O texto 3-10/1 (Tarefa 3 da edição de 2010/1) é uma reportagem recontextualizada da Revista ISTOÉ, de 17 de fevereiro de 2010. Trata-se de uma reportagem, cujo título é *Banho de lua*, que apresenta um costume dos/as cariocas e turistas no Rio de Janeiro de tomar banho de mar à noite devido à alta temperatura do verão carioca. A fotografia ilustrativa do texto é panorâmica e traz pessoas, de pele aparentemente clara, à noite tomando banho de mar. Em primeiro plano, há uma mulher de biquíni, em pé e de costas para a câmera ao lado de um homem abaixado. Os/As outros/as banhistas estão em segundo plano, todos/as de roupa de banho. A perspectiva é *subjetiva* uma vez que os/as participantes representados/as podem ser visto apenas sob um ângulo específico, especialmente a mulher em primeiro plano.

O texto 3-10/2 (Tarefa 3 da edição de 2010/2) é uma reportagem recontextualizada da seção *Medicina & Bem-estar* da *Revista ISTOÉ*, de 21 de abril de 2010. Trata-se de uma reportagem, cujo título é *Movimento contra o botox*, que apresenta um movimento de ‘artistas e mulheres comuns’ contra a aplicação de botox por razões estéticas. A fotografia principal, na parte de cima do texto, apresenta uma mulher branca com cabelos escuros e compridos em *close-up* sentada e o olhar dela apresenta uma *imagem de demanda*, pois a participante olha diretamente para o/a leitor/a. Sendo assim, a ilustração é *não transacional*, quanto à ação e reação, uma vez que o olhar da única participante, e também ator, dirige-se para algo fora da imagem.

Figura 4.7.: Texto 3-10/2

Celpe Bras 2010
Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

TAREFA 3 | MOVIMENTO CONTRA O BOTOX | Página 6

Atendendo aos apelos da indústria de estética, você havia decidido aplicar Botox. Até ler a reportagem "Movimento contra o Botox", você decidiu reverter para seu método, desistindo do procedimento. Em um texto, explore a sua decisão, ressaltando os efeitos colaterais do uso da toxina botulínica e os riscos que a substância traz para a saúde.

Medicina & Bem-estar
MOVIMENTO CONTRA O BOTOX

Por causa dos efeitos colaterais, artistas e mulheres comuns levantam bandeira contra o produto que pode modificar as expressões faciais

OS RISCOS PARA A SAÚDE
Quanto aplicado em excesso, o botox pode causar problemas graves. Confira os sintomas e saiba como evitar os efeitos colaterais.

ISTOÉ 2110, 21/04/2010, p. 90

O texto 4-10/2 (Tarefa 4 da edição de 2010/2) é uma reportagem veiculada na seção *Marketing* do jornal *Estado de Minas*, em 8 de agosto de 2010. *Gratos pela preferência* versa sobre o relacionamento de empresas com clientes quando surge algum problema. O texto não apresenta nenhuma ilustração e sua disposição pode ser visualizada em seguida:

Figura 4.8.: Texto 4-10/2

Celpe Bras 2012 Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

TAREFA 4 | RELACIONAMENTO EMPRESA E CLIENTE Página 8

Com o objetivo de responder a uma pesquisa de opinião sobre relacionamento entre empresa e cliente, da qual você participou como consumidor informante, complete o quadro no Caderno de Respostas, baseando-se nas informações do texto que lhe são lidas. Anote cada uma das afirmações e justifique seu ponto de vista, conforme o exemplo.

MARKETING Rogério Fabris

Gratos pela preferência!

Muitas empresas já sabem que o cliente sempre presenciará no relacionamento com o cliente dele o seu olhar do lado dele, e não apenas uma palavra ou um gesto. Isso porque é nele e no seu olhar que se encontra o ponto de partida para o sucesso ou o fracasso de qualquer projeto. Assim, os profissionais que sabem do valor do relacionamento sabem, nesse caso, que não há como se reger no mundo sem o olhar do cliente. É o mesmo que poder ser visto e não ser visto, que é a diferença entre o sucesso e o fracasso. Quando se trata de um projeto, o olhar do cliente é o que faz a diferença entre o sucesso e o fracasso. Quando se trata de um projeto, o olhar do cliente é o que faz a diferença entre o sucesso e o fracasso. Quando se trata de um projeto, o olhar do cliente é o que faz a diferença entre o sucesso e o fracasso.

Empresas como as que trabalham com produtos de beleza sabem que o cliente sempre presenciará no relacionamento com o cliente dele o seu olhar do lado dele, e não apenas uma palavra ou um gesto. Isso porque é nele e no seu olhar que se encontra o ponto de partida para o sucesso ou o fracasso de qualquer projeto. Assim, os profissionais que sabem do valor do relacionamento sabem, nesse caso, que não há como se reger no mundo sem o olhar do cliente. É o mesmo que poder ser visto e não ser visto, que é a diferença entre o sucesso e o fracasso. Quando se trata de um projeto, o olhar do cliente é o que faz a diferença entre o sucesso e o fracasso.

Estado de Minas, 8 de agosto de 2010, p. 6.

O texto 3-11/1 (Tarefa 3 da edição de 2011/1) é uma reportagem recontextualizada da seção Monitor da Revista GOL. Trata-se de uma reportagem, cujo título é *Beleza é fundamental (para eles)*, que apresenta resultados de uma pesquisa a respeito da vaidade masculina no século 21. A imagem ilustrativa do texto traz um homem branco e com cabelos escuros, de terno e gravata e óculos segurando alguns recipientes (pelo conteúdo do texto, podem ser produtos de beleza) olhando sua imagem refletida no espelho. A ilustração é *bidirecional* quanto à ação, uma vez que a imagem do espelho representa mais um participante – meta da imagem – e *transacional* quanto à reação, pois o olhar dos participantes dirige-se para algo dentro da própria figura. A perspectiva é *objetiva* porque revela tudo o que existe para ser visto, a contextualização é *modalidade tecnológica* pelo uso prático e explicativo da imagem.

Figura 4.9.: Texto 3-11/1

Celpe Bras 2011 Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

TAREFA 3 | Cosméticos para homens Página 6

Você trabalha no departamento de marketing de uma empresa fabricante de cosméticos que pretende ampliar sua produção. Com base nas informações da reportagem abaixo, escreva um texto para a diretoria dessa empresa, salientando o perfil do homem contemporâneo e sugerindo a criação de uma linha completa de produtos para o público masculino.

Beleza é fundamental (para eles)

Até hoje, a beleza era considerada uma atividade exclusivamente feminina.

UMA PESQUISA feita em 2010 nos Estados Unidos pelo instituto de pesquisa Pew Research Center revelou que 67% dos homens americanos afirmam se preocupar com sua aparência. Isso representa um aumento em relação aos dados de 2007, quando apenas 57% dos homens afirmaram se preocupar com sua aparência. Além disso, a pesquisa mostrou que os homens americanos estão mais preocupados com sua aparência do que os homens de outros países.

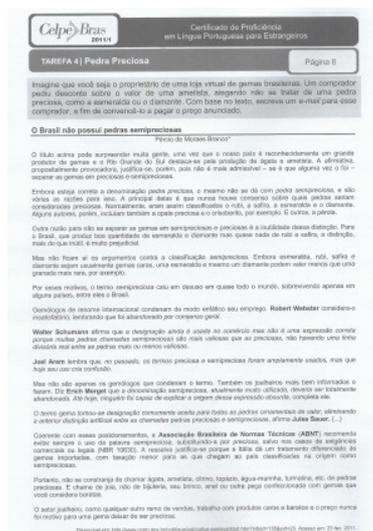
Os dados também revelaram que os homens americanos estão mais preocupados com sua aparência do que os homens de outros países. Isso pode ser devido a uma série de fatores, incluindo o aumento da concorrência no mercado de cosméticos para homens e o aumento da conscientização sobre a importância da aparência masculina.

Esses dados mostram que os homens americanos estão mais preocupados com sua aparência do que os homens de outros países. Isso pode ser devido a uma série de fatores, incluindo o aumento da concorrência no mercado de cosméticos para homens e o aumento da conscientização sobre a importância da aparência masculina.

Esses dados mostram que os homens americanos estão mais preocupados com sua aparência do que os homens de outros países. Isso pode ser devido a uma série de fatores, incluindo o aumento da concorrência no mercado de cosméticos para homens e o aumento da conscientização sobre a importância da aparência masculina.

O texto 4-11/1 (Tarefa 4 da edição de 2011/1) é uma reportagem retirada da página eletrônica do Serviço Geológico do Brasil (www.cprm.gov.br). *O Brasil não possui pedras semipreciosas* versa a respeito do uso do termo semipreciosa para as gemas. O texto não apresenta nenhuma ilustração e sua disposição pode ser visualizada a seguir:

Figura 4.10.: Texto 4-11/1



O texto 3-11/2 (Tarefa 3 da edição de 2011/2) é uma reportagem recontextualizada da seção Economia da Revista ISTOÉ de 11 de novembro de 2009. Trata-se de uma reportagem, cujo título é *A vez dos idosos*, que versa sobre idosos/as brasileiros/as que voltam ao mercado de trabalho após aposentarem-se. A imagem traz em primeiro plano um rapaz branco e com cabelos escuros de costas para a câmera e uma senhora, também de pele branca, direcionada para a câmera. A senhora representa a participante principal e dirige o olhar diretamente ao/à leitor/a, *imagem de demanda*, e traz a representação conceitual de *processo analítico*, uma vez que relaciona-se com o atributo possuído – emprego – no papel de portadora – ‘porta um emprego’.

Figura 4.11.: Texto 3-11/2

Colpe! **Tarefa 3 | Mercado de Trabalho** Página 6

A empresa na qual você trabalha quer incentivar a contratação de pessoas com mais de 60 anos. Sua chefe lhe solicitou um texto para explicar as vantagens dessa contratação de idosos, bem como a situação da Previdência Social em relação ao assunto e descrever as implicações dessa medida para os idosos, as empresas e o país.



Economia
A VEZ DOS IDOSOS
Trabalhadores com mais de 60 anos são beneficiados pela retomada do emprego e ampliam sua participação no mercado.

Carlos Domingos

Os dados da Pesquisa Nacional de Emprego e Desemprego (PNE) mostram que a taxa de desemprego entre os idosos (60 anos ou mais) caiu de 15,4% em maio de 2010 para 11,4% em maio de 2011. Isso indica que o mercado de trabalho está se abrindo para essa faixa etária. Segundo o IBGE, a população brasileira com 60 anos ou mais cresceu 1,5 milhão de pessoas em 2010, chegando a 17 milhões. Isso representa 10% da população total do país.

FORÇA DA TERCEIRA IDADE

País	Força de Trabalho (em milhões)	Terceira Idade (em milhões)	Porcentagem
Brasil	111,3	11,4	10,2%
Estados Unidos	158,5	35,5	22,4%
Japão	75,5	22,4	29,7%

Fonte: IBGE, 2010. Cálculos do autor.

O texto 4-11/2 (Tarefa 4 da edição de 2011/2) é uma reportagem retirada da seção Saúde & Bem-estar da revista Época, veiculada em 21 de fevereiro de 2011. *Mão pesada* apresenta uma discussão a respeito dos impactos da proibição da venda de inibidores de apetite pela Anvisa. A imagem ilustrativa apresenta uma pessoa magra, de pele clara, da cintura para baixo, de perfil, com uma bermuda curta, em cima de uma balança. A ilustração possui demarcação vertical, *ideal/real*, com perspectiva *subjetiva*, pois o/a participante pode ser visto apenas por um ângulo específico, de lado. A representação conceitual é *processo classificacional* por apresentar uma relação de subordinação pelo tema apresentado, sendo assim, a balança é subordinada ao peso da pessoa.

Figura 4.12.: Texto 4-11/2

Colpe! **Tarefa 4 | Mão Pesada** Página 8

Você é membro de um grupo de apoio às pessoas com obesidade e conversa com suas ações. Discorra um texto para o blog do grupo, com base nas informações das reportagens, apresentando opinião ou levantamento à margem da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA de proibir a venda de inibidores de apetite.

Mão Pesada
A obesidade que pode a maioria da população de adultos. O que os obesos pensam com isso?

Obesidade
Quem tem esse tipo de condição física não tem culpa. A obesidade é uma doença crônica e complexa, causada por uma combinação de fatores genéticos, ambientais e comportamentais. Segundo a OMS, a obesidade é a principal causa de morte e incapacidade no mundo. No Brasil, a prevalência de obesidade entre adultos atingiu 17,8% em 2010, com um aumento de 1,5 ponto percentual em relação a 2008.

Não existe milagre
A dieta e o exercício físico são os únicos meios de combater a obesidade. Não há medicamentos que possam eliminar a gordura acumulada no corpo. A perda de peso deve ser feita de forma gradual e sustentável, com acompanhamento médico.



21 de fevereiro de 2011, ÉPOCA, p.95

O texto 3-12/1 (Tarefa 3 da edição de 2012/1) é uma reportagem recontextualizada da revista *National Geographic* em julho de 2010. Trata-se de uma reportagem, cujo título é *Faxina no céu*, que discute a possibilidade de eliminação de veículos descartados e fragmentos metálicos no espaço. A ilustração na parte de cima do texto apresenta o planeta Terra envolta com uma espécie de nuvem, que o texto sugere ser objetos maiores que 10 centímetros. A ilustração na parte de baixo representa a colisão acidental de dois satélites artificiais, o Iridium 33 e o Kosmos 2251, ocorrida em 2009. O valor da informação de ambas imagens é *saliência* por haver elementos destacados que outros apresentados.

Figura 4.13.: Texto 3-12/1



O último texto que compõe o *corpus* principal desta pesquisa, identificado como 4-12/1 (Tarefa 4 da edição de 201a/1), é uma reportagem retirada da seção *Polêmica* da revista *Superinteressante*, veiculada em fevereiro de 2011. O título do texto é *Anuncie no samba-enredo e salve o Carnaval*, que apresenta a possibilidade de inclusão de publicidade de empresas no samba-enredo de escolas de samba. A imagem ilustrativa traz um homem negro vestindo roupas claras e usando acessórios de sambista (chapéu, óculos e sapato com detalhe). As roupas trazem imagens, que podem ser interpretadas pela leitura do texto, como marcas de empresas patrocinadoras. O homem toca pandeiro enquanto há moedas douradas caindo, o que lembra confetes usados no carnaval. A contextualização é *modalidade tecnológica*, pelo uso prático e explicativo da imagem, e a perspectiva é *objetiva* por revelar tudo o que existe para ser visto.

Figura 4.14: Texto 4-12/1



Os 12 textos que compõem o *corpus* principal desta pesquisa correspondem a 11 reportagens e 1 carta/crônica e foram recontextualizados de revistas e jornais veiculados no Brasil entre 2009 e 2011, o que é coerente com a proposta de trabalho do exame Celpe-Bras, por meio de tarefas e utilização de textos autênticos. As imagens que ilustram os textos do *corpus* principal alternam entre desenhos e fotografias e relacionam-se à temática tratada em cada texto. Parte das imagens foi classificada quanto à contextualização de *modalidade tecnológica* por serem práticas e explicativas, o que contribui com a leitura do texto. O texto 4-11/2 (*Mão pesada*) indica um *processo classificacional*, quanto à representação conceitual, por apresentar a balança subordinada ao peso da pessoa, o que também favorece a leitura do texto.

Um destaque relevante é a perspectiva *subjetiva* da imagem do texto 3-10/1 (*Banho de lua*), na qual apresenta a mulher em primeiro plano de costas usando biquíni e o foco da ilustração é as nádegas da mulher. As análises das imagens também mostraram outra realidade relevante: as pessoas representadas são, em sua maioria, brancas. Houve uma única representação de pessoas negras no texto identificado como 4-12/1 (*Anuncie no samba-enredo e salve o carnaval*), no qual o homem era sambista e estava caracterizado com roupas de carnaval. Estas duas representações dos textos 3-10/1 e 4-12/1 podem ser apoiadas na percepção de um/a colaborador/a em relação à representação do Brasil:

Exemplo (1)

Não. Entendo que em algumas edições do Celpe a seleção de textos poderia ter sido mais bem realizada. Em edições recentes encontram-se estereótipos culturais reforçados, com textos sobre a feijoada, a

caipirinha, o carnaval, e outros temas gerais, como a obesidade, que não se vinculam necessariamente com a cultura brasileira. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 3 à pergunta 2 do questionário)

A relevância das duas imagens dos textos 3-10/1 e 4-12/1 como representações do Brasil se destaca porque os/as colaboradores/as parecem perceber a importância do exame Celpe-Bras como veículo de representação cultural:

Exemplo (2)

Não saberia dizer se ele é importante, mas sem dúvida é um veículo de representação do Brasil para os candidatos do Celpe. Entendo que os candidatos leem os textos do exame e (re)construem as representações de Brasil. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 3 à pergunta 1 do questionário)

Exemplo (3)

Considero, sim, o Celpe-Bras um importante veículo de representação do Brasil para os estrangeiros que realizam o exame, uma vez que as tarefas que compõem a prova têm como ponto de partida textos (escritos e orais) que circulam em diversas esferas sociais da sociedade brasileira e, portanto, espelham nossa cultura. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 4 à pergunta 1 do questionário)

Exemplo (4)

Sim. O Celpe-Bras representa o Brasil pelo fato de diagnosticar a competência linguística do examinando na variante brasileira da língua-cultura portuguesa. Entendo língua-cultura como o espaço onde se dará a mediação intercultural (MENDES:2011) entre os estrangeiros examinandos e as questões propostas no exame. Assim, a língua-cultura portuguesa aqui é mais do que estrutura, símbolos e códigos. A língua-cultura portuguesa no Celpe-Bras é a vitrine do Brasil para o examinando. Tal representação veiculada pela língua é apenas um recorte de alguma situação comunicativa supostamente produzida em território brasileiro e que tentará ser materializada pela produção escrita ou oral do examinando estrangeiro. Para tal diagnóstico, são utilizadas tarefas em língua-cultura portuguesa, cujos propósitos comunicativos são bem definidos e que demandam do examinando a compreensão e a habilidade de lidar com uma situação real e contextualizada de uso da língua portuguesa. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 8 à pergunta 1 do questionário)

4.3. Representação do/a jovem brasileiro/a

O/A jovem brasileiro/a é representado como ligado/a à tecnologia em dois textos do *corpus* principal: *Torpedomania*, texto 3-09/2, e *Carta a um jovem internauta*, texto 4-10/1, sendo estas as duas únicas representações de jovens brasileiros/as no *corpus* principal. Em ambos, há interdiscursividade com o discurso neoliberal com sugestão ao consumismo, como observado nos exemplos abaixo:

Exemplo (5)

Há alguns meses, Isabela gastou mais do que o pai e a mãe juntos, sendo 90¢ do valor em mensagens. Hoje, tem um aparelho que não envia torpedos. (...) (Grifo meu) (Texto 3-09/2)

Exemplo (6)

Mesmo quando não evolui para problemas médicos, a dependência incomoda quem cerca o adolescente. Evanise Espíndola Lemos, mãe de Tamara, 15 anos, conta que é quase impossível desviar a atenção da menina do aparelho. “Ela não se concentra, fica esperando notícias do namorado e das amigas.” Mas a mãe se mantém vigilante. “Estou sempre alerta para não deixar que isso atrapalhe os estudos.” Tamara assume o exagero. “Levo o celular na mão para não perder nenhuma mensagem”, diz. A adolescente

confessa que usa o telefone para colar em provas, gasta em dois dias o cartão pré-pago que a mãe compra para durar um mês e iniciou a paquera com o atual namorado graças às mensagens. Ninguém desconhece os benefícios dessa forma de comunicação. Ela é mais barata do que uma ligação e permite um contato instantâneo com um grupo de pessoas. Só não se deve se tornar escravo dela. (Grifo meu) (Texto 3-09/2)

Exemplo (7)

E preste atenção: não existe almoço grátis. Não se iluda com a idéia de que o computador lhe custa apenas a taxa de consumo de energia elétrica, as mensalidades do provedor e do acesso á internet. O que mantém em funcionamento esta máquina na qual eu redijo este artigo é a publicidade. Repare como há anúncios por todos os cantos! São eles que bancam o Google, as notícias, a Wikipédia etc. É a poluição consumista mordiscando o nosso inconsciente. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

A crítica em relação aos excessos quanto ao uso da tecnologia também está presente com a ideia pressuposta (8):

Exemplo (8)

Nas mãos dos adolescentes, os celulares parecem uma extensão do corpo. Mas o uso excessivo dos chamados torpedos ou SMS (...) tem chamado a atenção por prejudicar o rendimento escolar (...) (Grifo meu) (Texto 3-09/2)

E de maneira explícita, como nos Exemplos 9, 10 e 11. O grifo no Exemplo 10 também indica uma pressuposição de que atualmente não existem mais novidades, assim como parece trazer uma avaliação positiva de antigamente e, conseqüentemente, avaliação negativa dos dias de hoje:

Exemplo (9)

Sei que você passa longas horas no computador navegando a bordo de todas as ferramentas disponíveis. Não lhe invejo a adolescência. Na sua idade, eu me iniciava na militância estudantil e injetava utopia na veia. Já tinha lido todo o Monteiro Lobato e me adentrava pelas obras de Jorge Amado guiado pelos “Capitães de areia”. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

Exemplo (10)

A TV não me atraía e, após o jantar, eu me juntava à turma de rua, entregue às emoções de flertes juvenis ou sentar com meus amigos à mesa de uma lanchonete para falar de Cinema Novo, bossa nova porque tudo era novo ou das obras de Jean Paul Sartre. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

Exemplo (11)

Nas duas hipóteses você está sendo canibalizado pelo computador. E, aos poucos, se transformará num ser meramente virtual. O que não é uma virtude. Antes, é a comprovação de que já sofre de uma doença grave: a síndrome do onanismo eletrônico. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

No texto 4-10/1 (*Carta a um jovem internauta*), os Exemplos 9a e 10a são os dois parágrafos iniciais, respectivamente. Nesta construção textual, parece que o autor Frei Betto está colocando-se acima do jovem atual em uma situação que aparenta certa superioridade, uma vez que, na visão do autor, o/a jovem pode ser reduzido a passar

horas no computador, enquanto Frei Betto fazia parte da militância estudantil, “injetava utopia na veia” e já tinha lido muitas obras literárias:

Exemplo (9a)

Sei que você passa longas horas no computador navegando a bordo de todas as ferramentas disponíveis. Não lhe invejo a adolescência. Na sua idade, eu me iniciava na militância estudantil e injetava utopia na veia. Já tinha lido todo o Monteiro Lobato e me adentrava pelas obras de Jorge Amado guiado pelos “Capitães de areia”. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

Exemplo (10a)

A TV não me atraía e, após o jantar, eu me juntava à turma de rua, entregue às emoções de flertes juvenis ou sentar com meus amigos à mesa de uma lanchonete para falar de Cinema Novo, bossa nova porque tudo era novo ou das obras de Jean Paul Sartre. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

O Exemplo 12 apresenta uma ideia pressuposta de que o/a jovem não sabe conversar:

Exemplo (12)

Quanto tempo você perde percorrendo nichos de conversa fiada? Sim, é bom trocar mensagens com os amigos. Mas, no mínimo, convém ter o que dizer e perguntar. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

As relações semânticas e gramaticais (Exemplo 13) e as relações lexicais, no encadeamento de palavras (ou sintagmas) negativas (Exemplo 6a), também fornecem elementos para a interpretação de que a tecnologia é prejudicial:

Exemplo (13)

Se [CONDICIONAL] você prefere a máquina às pessoas e [ADITIVA] a usa como refúgio de sua aversão à sociabilidade, trate de procurar um médico. Porque [EXPLICATIVA] sua auto-estima está lá embaixo e [ADITIVA] o computador não haverá de encará-lo como se fosse um verme. Ou [ALTERNATIVA] sua auto-estima atingiu os píncaros e [ADITIVA] você acredita que não existem pessoas à sua altura, melhor ficar sozinho. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

Exemplo (6a)

Mesmo quando não evolui para problemas médicos, a dependência incomoda quem cerca o adolescente. Evanise Espíndola Lemos, mãe de Tamara, 15 anos, conta que é quase impossível desviar a atenção da menina do aparelho. “Ela não se concentra, fica esperando notícias do namorado e das amigas.” Mas a mãe se mantém vigilante. “Estou sempre alerta para não deixar que isso atrapalhe os estudos.” Tamara assume o exagero. “Levo o celular na mão para não perder nenhuma mensagem”, diz. A adolescente confessa que usa o telefone para colar em provas, gasta em dois dias o cartão pré-pago que a mãe compra para durar um mês e iniciou a paquera com o atual namorado graças às mensagens. Ninguém desconhece os benefícios dessa forma de comunicação. Ela é mais barata do que uma ligação e permite um contato instantâneo com um grupo de pessoas. Só não se deve se tornar escravo dela. (Grifo meu) (Texto 3-09/2)

Pelo destaque no Exemplo 11a, no Exemplo 12a e no Exemplo 6b, há certa valorização negativa em maior ou menor intensidade do que a tecnologia pode fazer com pessoas que a usam excessivamente:

Exemplo (11a)

Nas duas hipóteses você está sendo canibalizado pelo computador. E, aos poucos, se transformará num ser meramente virtual. O que não é uma virtude. Antes, é a comprovação de que já sofre de uma doença grave: a síndrome do onanismo eletrônico. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

Exemplo (12a)

Quanto tempo você perde percorrendo nichos de conversa fiada? Sim, é bom trocar mensagens com os amigos. Mas, no mínimo, convém ter o que dizer e perguntar. (Grifo meu) (Texto 4-10/1)

Exemplo (6b)

Mesmo quando não evolui para problemas médicos, a dependência incomoda quem cerca o adolescente. Evanise Espíndola Lemos, mãe de Tamara, 15 anos, conta que é quase impossível desviar a atenção da menina do aparelho. “Ela não se concentra, fica esperando notícias do namorado e das amigas.” Mas a mãe se mantém vigilante. “Estou sempre alerta para não deixar que isso atrapalhe os estudos.” Tamara assume o exagero. “Levo o celular na mão para não perder nenhuma mensagem”, diz. A adolescente confessa que usa o telefone para colar em provas, gasta em dois dias o cartão pré-pago que a mãe compra para durar um mês e iniciou a paquera com o atual namorado graças às mensagens. Ninguém desconhece os benefícios dessa forma de comunicação. Ela é mais barata do que uma ligação e permite um contato instantâneo com um grupo de pessoas. Só não se deve se tornar escravo dela. (Grifo meu) (Texto 3-09/2)

No texto 3-09/2 (*Torpedomania*), a presença da voz de uma adolescente estadunidense, ao ‘aconselhar’ pais a deixarem os filhos digitarem “durante o jantar e na escola”, parece naturalizar essa prática e também estabelece interdiscursividade com a ordem do discurso do consumismo/lucro por ser seguida da informação de que a adolescente ganhou dinheiro devido a esse hábito:

Exemplo (14)

A americana Kate Moore, 15 anos, envia cerca de 14 mil mensagens mensais. A habilidade lhe rendeu até um prêmio no mês passado. Ela embolsou US\$ 50 mil por ser a mais rápida competidora a digitar mensagens sem erros de ortografia. E aproveitou para fazer um apelo aos pais: “Deixe seu filho digitar durante o jantar e na escola. Vale a pena.” (Grifo meu) (Texto 3-09/2)

Em suma, as análises apontam que os/As jovens brasileiros/as representados/as nos textos do *corpus* principal pertencem a uma parcela da população brasileira: têm a pele branca e acesso fácil à tecnologia. Além disso, a representação dos/as jovens parece mostrar que eles/as são consumistas, e têm dinheiro para gastar, e aparentam não se preocupar muito com as consequências negativas que o uso excessivo da tecnologia pode causar. Isso se relaciona aos cinco níveis distintos da globalização tratados por Jameson (2001), em particular, à ligação do nível econômico aos níveis cultural e tecnológico. Ou seja, é cultural no sentido em que se percebe uma economia para a cultura e uma cultura para a economia, a cultura do consumo mercadológico, e tecnológico. Essa ligação é materializada pela facilidade às novas tecnologias proporcionada pela rede global simultânea e aberta.

4.4. Representação da estética e saúde

Os textos 3-10/2 (*Movimento contra o botox*) e 3-11/1 (*Beleza é fundamental (para eles)*) estabelecem interdiscursividade com as ordens do discurso da estética e beleza. O texto 3-11/1 traz em seu título uma pressuposição de que a beleza é fundamental também para as mulheres ao apresentar a voz vagamente atribuída do poeta Vinicius de Moraes (Exemplo 15), que há atualmente uma ‘cultura da beleza’ (Exemplo 16) e a pressuposição de que antes a preocupação com a estética era exclusivamente feminina (Exemplo 16a e 17):

Exemplo (15)

Beleza é fundamental (para eles). (Grifo meu) (Texto 3-11/1)

Exemplo (16)

A tendência é que os desleixados tornem-se minoria. Afinal, a preocupação com estética não é mais exclusivamente feminina – o estudo da Kantar mostrou que, se o assunto mobiliza 91% das mulheres, também afeta 85% dos homens. É natural. Existe hoje uma cultura da beleza que não obedece barreiras de sexo, idade ou nível socioeconômico. (Grifo meu) (Texto 3-11/1)

Exemplo (16a)

A tendência é que os desleixados tornem-se minoria. Afinal, a preocupação com estética não é mais exclusivamente feminina – o estudo da Kantar mostrou que, se o assunto mobiliza 91% das mulheres, também afeta 85% dos homens. É natural. Existe hoje uma cultura da beleza que não obedece barreiras de sexo, idade ou nível socioeconômico. (Grifo meu) (Texto 3-11/1)

Exemplo (17)

Uma pesquisa feita em 2002 nos Estados Unidos pela agência de publicidade Euro RCSG comprovou que a vaidade dos homens no começo do século 21 estava em alta. A divulgação desse trabalho popularizou uma expressão que havia sido criada alguns anos antes pelo jornalista inglês Mark Simpson para definir o novo perfil masculino – começava a era dos metrossexuais, habitantes das grandes cidades, sensíveis e ligados a temas antes exclusivamente femininos, como moda, gastronomia e decoração. (Grifo meu) (Texto 3-11/1)

O texto 3-10/2 apresenta a ideia de que artistas e mulheres têm medo de envelhecer, afirmação avaliativa de que há pressão social e que artistas preocupam-se muito com a beleza/estética, encadeada pelo recurso coesivo de realce (RESENDE & RAMALHO, 2011) *ainda assim* (Exemplo 18), pela pressuposição de que as pessoas têm medo de envelhecer e se sentem culpadas (Exemplo 19) ou pela afirmação avaliativa de que ‘ser jovem é passaporte para a aceitação social’ (Exemplo 20):

Exemplo (18)

Mas é difícil nadar contra a corrente e engrossar o movimento. “Se você tem dinheiro, é complicado resistir”, diz Denise Santanna, historiadora da pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). “A pressão pelo corpo jovem é absurda”. Ainda assim, o levante encontra eco fora do meio artístico. (Grifo meu) (Texto 3-10/2)

Exemplo (19)

A bióloga paulista Regiane de Paula, 44 anos, tem pavor de pensar na possibilidade de perder sua identidade. “O envelhecimento é um processo natural, que quero viver com dignidade”. A esperança de quem tem argumentos contra o uso da toxina é de que seu discurso influencie outras pessoas. “Para isso, só aprendendo a envelhecer sem medo e culpa”, diz Denise. (Grifo meu) (Texto 3-10/2)

Exemplo (20)

Fácil e rápida, com apenas uma agulhada a toxina botulínica apaga os tão indesejados sinais da idade. Em tempos onde ser jovem é passaporte para a aceitação social, não é unanimidade. Por razões que vão desde os riscos à saúde até a necessidade de se manter as expressões faciais, cada vez mais, artistas consagrados e gente comum tornam pública a sua aversão à substância. Agentes de atores de cinema e estúdios de Hollywood estão encampando um movimento contra a onda das estrelas retocadas. Sua principal crítica é que o uso desenfreado alterou a fisionomia e congelou a expressão dos atores. Na tela, no lugar de expressões de tristeza, raiva, felicidade e prazer, observam-se rostos esticados, lisos, estáticos e sem vida. “Não há atrizes com mais de 35 anos que consigam expressar raiva”, disparou o diretor americano Martin Scorsese. (Grifo meu) (Texto 3-10/2)

Os textos 4-11/2 e 3-10/2, ainda, estabelecem relações de interdiscursividade com a ordem de discurso da saúde, com seleção lexical com conotação avaliativa negativa (Exemplo 20a 20b, 21, 22) de medicamentos ou procedimentos estéticos que poderiam colocar a saúde em risco:

Exemplo (20a)

Fácil e rápida, com apenas uma agulhada a toxina botulínica apaga os tão indesejados sinais da idade. Em tempos onde ser jovem é passaporte para a aceitação social, não é unanimidade. Por razões que vão desde os riscos à saúde até a necessidade de se manter as expressões faciais, cada vez mais, artistas consagrados e gente comum tornam pública a sua aversão à substância. Agentes de atores de cinema e estúdios de Hollywood estão encampando um movimento contra a onda das estrelas retocadas. Sua principal crítica é que o uso desenfreado alterou a fisionomia e congelou a expressão dos atores. Na tela, no lugar de expressões de tristeza, raiva, felicidade e prazer, observam-se rostos esticados, lisos, estáticos e sem vida. “Não há atrizes com mais de 35 anos que consigam expressar raiva”, disparou o diretor americano Martin Scorsese. (Grifo meu) (Texto 3-10/2)

Exemplo (20b)

Fácil e rápida, com apenas uma agulhada a toxina botulínica apaga os tão indesejados sinais da idade. Em tempos onde ser jovem é passaporte para a aceitação social, não é unanimidade. Por razões que vão desde os riscos à saúde até a necessidade de se manter as expressões faciais, cada vez mais, artistas consagrados e gente comum tornam pública a sua aversão à substância. Agentes de atores de cinema e estúdios de Hollywood estão encampando um movimento contra a onda das estrelas retocadas. Sua principal crítica é que o uso desenfreado alterou a fisionomia e congelou a expressão dos atores. Na tela, no lugar de expressões de tristeza, raiva, felicidade e prazer, observam-se rostos esticados, lisos, estáticos e sem vida. “Não há atrizes com mais de 35 anos que consigam expressar raiva”, disparou o diretor americano Martin Scorsese. (Grifo meu) (Texto 3-10/2)

Exemplo (21)

Quem vive em luta contra a balança tem mais um problema pela frente. A Anvisa anunciou na semana passada que pretende proibir a venda de inibidores de apetite, entre eles a sibutramina, por apresentarem riscos cardíacos. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Exemplo (22)

“A decisão de retirada dos remédios é correta”, diz Raul Dias Santos Filho, do Instituto do Coração (InCor). “Não compensa tomar remédio para perder pouco peso e correr risco cardio-vascular, ainda que pequeno”. A perda média de peso com a sibutramina é de 5%. Segundo os endocrinologistas, a proibição trará problemas mais graves. “Os pacientes vão engordar mais ou recorrer a fórmulas perigosas como os hormônios tireoidianos”, diz Walmir Coutinho, presidente eleito da Associação [sic] Internacional para o Estudo da Obesidade. “Isso, sim, pode matar”. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Os textos 3-10/2 (*Movimento contra o botox*), 3-11/1 (*Beleza é fundamental (para eles)*) e 4-11/2 (*Mão pesada*) representam e articulam vozes de atores sociais de países hegemônicos e dados de pesquisas realizadas no exterior:

Exemplo (20c)

Fácil e rápida, com apenas uma agulhada a toxina botulínica apaga os tão indesejados sinais da idade. Em tempos onde ser jovem é passaporte para a aceitação social, não é unanimidade. Por razões que vão desde os riscos à saúde até a necessidade de se manter as expressões faciais, cada vez mais, artistas consagrados e gente comum tornam pública a sua aversão à substância. Agentes de atores de cinema e estúdios de Hollywood estão encampando um movimento contra a onda das estrelas retocadas. Sua principal crítica é que o uso desenfreado alterou a fisionomia e congelou a expressão dos atores. Na tela, no lugar de expressões de tristeza, raiva, felicidade e prazer, observam-se rostos esticados, lisos, estáticos e sem vida. “Não há atrizes com mais de 35 anos que consigam expressar raiva”, disparou o diretor americano Martin Scorsese. (Grifo meu) (Texto 3-10/2)

Exemplo (23)

A última a se declarar contra o uso da toxina para fins estéticos foi a atriz americana Drew Barrymore, 35 anos. “Prefiro ter a pele de um cão basset hound”, disse. Dias antes, a apresentadora Xuxa, 47 anos, disse que não recorria a ela porque temia que seu rosto ficasse igual a um tamanco. (Grifo meu) (Texto 3-10/2)

Exemplo (24)

A Fox, por sua vez, está fazendo uma série de testes de vídeo. “Estamos atrás de autenticidade”, declarou Márcia Shulman, vice-presidente de casting da Fox, ao jornal britânico “Daily Mail”. “Se o papel é de uma mãe, precisamos de uma atriz que se pareça com uma”. (Grifo meu) (Texto 3-10/2)

Exemplo (17a)

Uma pesquisa feita em 2002 nos Estados Unidos pela agência de publicidade Euro RCSG comprovou que a vaidade dos homens no começo do século 21 estava em alta. A divulgação desse trabalho popularizou uma expressão que havia sido criada alguns anos antes pelo jornalista inglês Mark Simpson para definir o novo perfil masculino – começava a era dos metrossexuais, habitantes das grandes cidades, sensíveis e ligados a temas antes exclusivamente femininos, como moda, gastronomia e decoração. (Grifo meu) (Texto 3-11/1)

Exemplo (25)

Pelo menos no que diz respeito ao Brasil, a resposta pode estar nas páginas do relatório de uma pesquisa realizada este ano pela Kantar Worldpanel. Ela revelou que nosso país ainda está polarizado entre vaidosos e desleixados quando o assunto é o cuidado com a aparência. (Grifo meu) (Texto 3-11/1)

Exemplo (26)

“Se a Anvisa seguir com essa ideia, vai causar um imenso prejuízo a milhões de brasileiros que não conseguem emagrecer de outra forma”, diz Ricardo Meirelles, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. A principal justificativa da agência a favor da proibição da subtramina é um estudo de seis anos realizado pelo próprio fabricante (o laboratório Abbott) com 10 mil pacientes, a pedido da Agência Européia de Medicamentos (Emea). Foram incluídos apenas obesos acima de 55 anos, com diabetes e histórico de problemas cardiovasculares. No grupo que recebeu placebo (comprimidos sem efeito), o índice de infarto, AVC ou outros problemas cardiovasculares foi de 10%. No grupo que tomou subtramina, o índice foi de 11,6%. Ou seja: o risco aumentou 16%. Nenhuma morte foi registrada. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Exemplo (27)

Agora, além deles, a Anvisa pretende banir outros inibidores de apetite da classe dos anorexígenos anfetamínicos – anfepramona, femproporex e mazindol. Eles podem causar dependência e já não são vendidos na Europa e nos Estados Unidos. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

O texto 4-11/2 (*Mão pesada*) apresenta uma ideia relevante sobre a representação da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) em um exame

como o Celpe-Bras. A Anvisa é aparentemente deslegitimada, tanto na pressuposição presente no título de que provavelmente a Anvisa não está agindo certo (Exemplo 28), quanto nas relações semânticas e gramaticais estabelecidas no texto, em relação aos argumentos aparentemente não consistentes (Exemplos 26a e 29) e articulação de vozes que parecem abrir diferenças (FAIRCLOUGH, 2003) em relação à decisão da Anvisa de proibir inibidores de apetite (Exemplos 26b, 29a, 22a):

Exemplo (28)

Mão pesada

A Anvisa quer proibir a venda de inibidores de apetite. O que os obesos perdem com isso? (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Exemplo (26a)

“Se a Anvisa seguir com essa ideia, vai causar um imenso prejuízo a milhões de brasileiros que não conseguem emagrecer de outra forma”, diz Ricardo Meirelles, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. A principal justificativa da agência a favor da proibição da subtramina é um estudo de seis anos realizado pelo próprio fabricante (o laboratório Abbott) com 10 mil pacientes, a pedido da Agência Europeia de Medicamentos (Ema). Foram incluídos apenas obesos acima de 55 anos, com diabetes e histórico de problemas cardiovasculares. No grupo que recebeu placebo (comprimidos sem efeito), o índice de infarto, AVC ou outros problemas cardiovasculares foi de 10%. No grupo que tomou subtramina, o índice foi de 11,6%. Ou seja: o risco aumentou 16%. Nenhuma morte foi registrada. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Exemplo (29)

Embora o estudo tenha sido realizado com um grupo de alto risco, as autoridades europeias estenderam as conclusões para a população geral e proibiram a venda do remédio em janeiro de 2010. “Esse caso é um exemplo grave de má interpretação da evidência científica pelas autoridades regulatórias. A agência europeia errou”, afirma Meirelles. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Exemplo (26b)

“Se a Anvisa seguir com essa ideia, vai causar um imenso prejuízo a milhões de brasileiros que não conseguem emagrecer de outra forma”, diz Ricardo Meirelles, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. A principal justificativa da agência a favor da proibição da subtramina é um estudo de seis anos realizado pelo próprio fabricante (o laboratório Abbott) com 10 mil pacientes, a pedido da Agência Europeia de Medicamentos (Ema). Foram incluídos apenas obesos acima de 55 anos, com diabetes e histórico de problemas cardiovasculares. No grupo que recebeu placebo (comprimidos sem efeito), o índice de infarto, AVC ou outros problemas cardiovasculares foi de 10%. No grupo que tomou subtramina, o índice foi de 11,6%. Ou seja: o risco aumentou 16%. Nenhuma morte foi registrada. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Exemplo (29a)

Embora o estudo tenha sido realizado com um grupo de alto risco, as autoridades europeias estenderam as conclusões para a população geral e proibiram a venda do remédio em janeiro de 2010. “Esse caso é um exemplo grave de má interpretação da evidência científica pelas autoridades regulatórias. A agência europeia errou”, afirma Meirelles. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Exemplo (22a)

“A decisão de retirada dos remédios é correta”, diz Raul Dias Santos Filho, do Instituto do Coração (InCor). “Não compensa tomar remédio para perder pouco peso e correr risco cardio-vascular, ainda que pequeno”. A perda média de peso com a subtramina é de 5%. Segundo os endocrinologistas, a proibição trará problemas mais graves. “Os pacientes vão engordar mais ou recorrer a fórmulas perigosas como os hormônios tireoidianos”, diz Walmir Coutinho, presidente eleito da Associação [sic] Internacional para o Estudo da Obesidade. “Isso, sim, pode matar”. (Grifo meu) (Texto 4-11/2)

Em relação à estética e saúde, os textos 3-10/2 (*Movimento contra o botox*), 3-11/1 (*Beleza é fundamental (para elas)*) e 4-11/2 (*Mão pesada*) do *corpus* principal analisado articulam as ordens de discurso da estética, da beleza e da saúde. A ‘cultura da beleza’ parece ser apresentada como exclusivamente feminina há alguns anos e hoje partilhada por várias pessoas ‘sem barreiras de sexo, idade ou nível socioeconômico’, fazendo com que as pessoas sintam medo e culpa por envelhecer. Os textos 3-10/2, 3-11/1 e 4-11/2 trazem estratégias, na representação e articulam vozes de pessoas de países hegemônicos e dados de pesquisas realizadas no exterior, de construção discursiva de legitimação por autorização (FAIRCLOUGH, 2003), modo de operação de ideologia de Thompson (2009). No texto 4-11/2, a Anvisa parece ser deslegitimada, o que pode ser questionável para um exame de alcance internacional.

4.5. Construção discursiva dos *rituais* e da *rua*

Os textos analisados nesta seção foram distribuídos nos discursos *rituais* e *rua* (Tabela 4, Anexo 3) e correspondem às identificações 4-09/2 (*Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones*), 3-10/1 (*Banho de lua*) e 4-12/1 (*Anuncie no samba-enredo e salve o carnaval*) (Tabela 6, seção 4.2.3. deste Capítulo).

O texto 4-09/2 apresenta em seu título *Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones* uma abertura para a diferença entre pessoas que frequentam bares, restaurantes e lanchonetes em Porto Alegre e que estão satisfeitas com a notícia de ampliação do horário da permissão de mesas nas calçadas em alguns dias da semana, e pessoas que moram perto desses estabelecimentos e estão incomodadas com o projeto de lei.

O texto 3-10/1 apresenta intertextualidade à voz de Celly Campelo em uma música popularmente conhecida no Brasil (Exemplo 30).

Exemplo (30)
BANHO DE LUA
(Texto 3-10/1)

Pelo lide, pressupõe-se que o calor é bom e isso indica uma avaliação positiva (Exemplo 30a).

Exemplo (30a)
BANHO DE LUA
Com um verão de 40 graus, a praia noturna vira o grande programa da temporada (Grifo meu) (Texto 3-10/1)

As relações semânticas estabelecidas no primeiro parágrafo do texto (Exemplo 31) constroem uma avaliação aparentemente positiva sobre a cor da água do mar (Exemplo 31a) e é concluída com uma avaliação positiva (Exemplo 31b) de uma frequentadora noturna assídua da praia, o que contribui para legitimar a aparência da água do mar do Rio de Janeiro pela autorização (FAIRCLOUGH, 2003), ou seja, a água do mar do Brasil é comparada à água do mar do Caribe de modo que isso representa ‘autoridade’ em relação à cor da e limpeza da água.

Exemplo (31)

Quando o sol começa a se pôr [TEMPORAL], por voltas das 19h45, e [ADITIVA] a areia já não queima os pés, a orla ganha um segundo turno de frequentadores: moradores e turistas ávidos por refrescar o corpo ao fim do dia, [FINALIDADE] aproveitando o ar mais ameno e [ADITIVA] o espelho d’água iluminado pelos holofotes do calçadão. [ADITIVA] Não é preciso protetor solar, [ADITIVA] não há disputa feroz por vaga para estacionar o carro e [ADITIVA] a pouca luz deixa todo mundo mais à vontade. O banho noturno tem como points o Arpoador, na ponta de Ipanema, e o Leme, na outra ponta, só que de Copacabana, escolhidos por serem bem iluminados e, portanto, mais seguros. No clima de descontração, há família, grupos de amigos tocando violão, namorados trocando carícias e solitários caminhando à beira d’água. Para completar o cenário, a água está límpida e azul, por causa da falta de chuva. “Parece o mar do Caribe”, descreve a psicóloga Andréa Sena, 42 anos, que frequenta as noites do Arpoador quatro vezes por semana. (Grifo meu) (Texto 3-10/1)

Exemplo (31a)

Quando o sol começa a se pôr, por voltas das 19h45, e a areia já não queima os pés, a orla ganha um segundo turno de frequentadores: moradores e turistas ávidos por refrescar o corpo ao fim do dia, aproveitando o ar mais ameno e o espelho d’água iluminado pelos holofotes do calçadão. Não é preciso protetor solar, não há disputa feroz por vaga para estacionar o carro e a pouca luz deixa todo mundo mais à vontade. O banho noturno tem como points o Arpoador, na ponta de Ipanema, e o Leme, na outra ponta, só que de Copacabana, escolhidos por serem bem iluminados e, portanto, mais seguros. No clima de descontração, há família, grupos de amigos tocando violão, namorados trocando carícias e solitários caminhando à beira d’água. Para completar o cenário, a água está límpida e azul, por causa da falta de chuva. “Parece o mar do Caribe”, descreve a psicóloga Andréa Sena, 42 anos, que frequenta as noites do Arpoador quatro vezes por semana. (Grifo meu) (Texto 3-10/1)

Exemplo (31b)

Quando o sol começa a se pôr, por voltas das 19h45, e a areia já não queima os pés, a orla ganha um segundo turno de frequentadores: moradores e turistas ávidos por refrescar o corpo ao fim do dia, aproveitando o ar mais ameno e o espelho d’água iluminado pelos holofotes do calçadão. Não é preciso protetor solar, não há disputa feroz por vaga para estacionar o carro e a pouca luz deixa todo mundo mais à vontade. O banho noturno tem como points o Arpoador, na ponta de Ipanema, e o Leme, na outra ponta, só que de Copacabana, escolhidos por serem bem iluminados e, portanto, mais seguros. No clima de descontração, há família, grupos de amigos tocando violão, namorados trocando carícias e solitários caminhando à beira d’água. Para completar o cenário, a água está límpida e azul, por causa da falta de chuva. “Parece o mar do Caribe”, descreve a psicóloga Andréa Sena, 42 anos, que frequenta as noites do Arpoador quatro vezes por semana. (Grifo meu) (Texto 3-10/1)

O texto 4-12/1 (*Anuncie no samba-enredo e salve o carnaval*) (Tabela 4.1., seção 4.2.3. deste Capítulo) estabelece uma relação semântica em alto nível constituída de problema-solução (Exemplo 32, 33).

Exemplo (32)

Mesmo assim falta dinheiro. É aí que entra o marketing. Ou, como chamo, o “Carnaval corporativo”. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (33)

Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

O problema diz respeito ao carnaval estar sem dinheiro (Exemplo 32a, 33a) e precisar de ajuda para ‘sobreviver’ (Exemplo 33b, 34).

Exemplo (32a)

Mesmo assim falta dinheiro. É aí que entra o marketing. Ou, como chamo, o “Carnaval corporativo”. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (33a)

Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (33b)

Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (34)

Anuncie no samba-enredo e salve o Carnaval.

Incluir publicidade no samba é o jeito que as escolas encontraram para fugir do financiamento ilegal. E de manter o espetáculo vivo por muitos Carnavais. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Dessa forma, o texto apresenta várias avaliações aparentemente positivas do carnaval (Exemplos 34a, 35, 36, 37 e 38) e usa o argumento de que esta festa popular era financiada por fontes ilegais, por pressuposição (Exemplo 33c e 37a).

Exemplo (34a)

Anuncie no samba-enredo e salve o Carnaval.

Incluir publicidade no samba é o jeito que as escolas encontraram para fugir do financiamento ilegal. E de manter o espetáculo vivo por muitos Carnavais. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (35)

O Carnaval da escola, patrocinado pela companhia aérea, teve um resultado sensacional: o Salgueiro ficou em 3º lugar. Em 2010, a Portela também aceitou a ideia. Levou à passarela um Carnaval que mostrava como a inclusão social passa pela inclusão digital. A Positivo Informática foi a empresa que investiu na escola. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (36)

Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (37)

É um grande negócio para todos os envolvidos. As escolas de samba não precisam mais buscar dinheiro “frio”. O patrocinador associa sua marca à mais pura manifestação cultural brasileira, com direito a convidar contatos de empresas parceiras para assistir aos desfiles. Em geral, a expectativa é de que o retorno conseguido pelas companhias seja o dobro do valor investido no Carnaval. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (38)

Com criatividade e pertinência, o Carnaval continuará um espetáculo saudável sem perder a sua essência. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (33c)

Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (37a)

É um grande negócio para todos os envolvidos. As escolas de samba não precisam mais buscar dinheiro “frio”. O patrocinador associa sua marca à mais pura manifestação cultural brasileira, com direito a convidar contatos de empresas parceiras para assistir aos desfiles. Em geral, a expectativa é de que o retorno conseguido pelas companhias seja o dobro do valor investido no Carnaval. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Assim, o carnaval é representado pelo discurso neoliberal, no qual tudo é transformado em lucro, como parece ser nos Exemplos 33d e 37b, e indica uma pressuposição (Exemplos 33e e 37c) de que ‘o carnaval está sendo vendido’.

Exemplo (33d)

Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (37b)

É um grande negócio para todos os envolvidos. As escolas de samba não precisam mais buscar dinheiro “frio”. O patrocinador associa sua marca à mais pura manifestação cultural brasileira, com direito a convidar contatos de empresas parceiras para assistir aos desfiles. Em geral, a expectativa é de que o retorno conseguido pelas companhias seja o dobro do valor investido no Carnaval. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (33e)

Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o

jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Exemplo (37c)

É um grande negócio para todos os envolvidos. As escolas de samba não precisam mais buscar dinheiro “frio”. O patrocinador associa sua marca à mais pura manifestação cultural brasileira, com direito a convidar contatos de empresas parceiras para assistir aos desfiles. Em geral, a expectativa é de que o retorno conseguido pelas companhias seja o dobro do valor investido no Carnaval. (Grifo meu) (Texto 4-12/1)

Os textos que representam *rituais* e *rua* parecem trazer avaliações negativas em relação a um grupo de brasileiros/as – pessoas que frequentam bares, restaurantes e lanchonetes em Porto Alegre – e avaliações positivas quanto ao calor e carnaval do Rio de Janeiro. Ou seja, estabelece a relação que paira no imaginário a respeito dos/as brasileiros/as *boemia-praia-carnaval*, “caracterização de algumas imagens identitárias cariocas, como a frequência à praia e a corporeidade, os modos de vida alternativos e a preocupação com a saúde física e mental, a musicalidade, o ciclo festivo do verão e o carnaval” (GONTIJO, 2007: 45) no sentido de que “o que se escreve sobre o Rio de Janeiro é generalizado e tido como representativo de todo o Brasil” (GOLDENBERG, 2007: 11). Isso vai ao encontro da apropriação de discursos de grupos particulares pelo Estado na ‘venda’ de uma identidade nacional (ORTIZ, 2003) em que a cultura nacional – e os sentidos de nação e de unidade – é, de fato, uma identidade imaginada que, em partes, por meio dos discursos, permite a construção dessa unificação identitária (HALL, 2006).

O texto 4-12/1 (*Anuncie no samba-enredo e salve o carnaval*) se relaciona à constituição do imaginário coletivo do que seja o Brasil representado pelos rituais (DAMATTA, 1997b). O carnaval, segundo DaMatta (1997b), é um ritual nacional que mobiliza a sociedade brasileira ao mesmo tempo que demonstra um ‘desdobramento’ da sociedade por ela mesma por meio da dramatização de valores globais, críticos e abrangentes. Ou seja, o carnaval é orientado para toda ordem nacional e ajuda a construir e cristalizar uma identidade nacional (DAMATTA, 1997b). O texto 4-12/1, ainda, estabelece uma relação semântica em alto nível constituída de problema-solução, na qual o carnaval aproxima-se do discurso do capitalismo tardio, pertencente à globalização neoliberal: tudo é transformado em lucro.

4.6. Construção discursiva da ‘economia’

Os textos 4-10/2 (*Gratos pela preferência!*) e 3-11/2 (*A vez dos idosos*) estabelecem relações de interdiscursividade com o discurso neoliberal. O texto 4-10/2 atualiza e articula o discurso empresarial enquanto o texto 3-11/2 traz o discurso da economia.

Em 4-10/2, há relação semântica em alto nível ao estabelecer um problema-solução, como destacado nos Exemplos 39 e 40.

Exemplo (39)

Muitas empresas já sabem que quando surgem problemas no relacionamento com os clientes elas devem ficar do lado deles, e não adotar uma postura do tipo você aí e eu aqui. “Esse problema é seu e vou ver se posso ajudar em alguma coisa”. As organizações que sabem do valor do relacionamento evitam, nessa hora, palavras ou frases tais como: as regras não permitem; isto são normas da casa; impossível; não pode; isso é o máximo que podemos fazer; e outras que somente servem para destruir relacionamentos, que, em muitos casos, demoraram anos para ser construídos ou podem impedir processos de fidelização que deveriam durar longos anos. (Grifo meu) (Texto 4-10/2)

Exemplo (40)

Os clientes esperam que o vendedor, o atendente, o técnico, o instalador, os profissionais do telemarketing façam tudo para ajudá-lo, sinceramente, a resolver aquilo que o aflige. Quando esse processo é bem conduzido e há a percepção de que realmente está se trabalhando para isso, ele se torna mais flexível e cordato. E o processo de relacionamento continua e fortalece. (Grifo meu) (Texto 4-10/2)

Assim, as avaliações negativas (Exemplo 39a) representam o problema e as avaliações positivas (Exemplos 40a e 41) representam a solução.

Exemplo (39a)

Muitas empresas já sabem que quando surgem problemas no relacionamento com os clientes elas devem ficar do lado deles, e não adotar uma postura do tipo você aí e eu aqui. “Esse problema é seu e vou ver se posso ajudar em alguma coisa”. As organizações que sabem do valor do relacionamento evitam, nessa hora, palavras ou frases tais como: as regras não permitem; isto são normas da casa; impossível; não pode; isso é o máximo que podemos fazer; e outras que somente servem para destruir relacionamentos, que, em muitos casos, demoraram anos para ser construídos ou podem impedir processos de fidelização que deveriam durar longos anos. (Grifo meu) (Texto 4-10/2)

Exemplo (40a)

Os clientes esperam que o vendedor, o atendente, o técnico, o instalador, os profissionais do telemarketing façam tudo para ajudá-lo, sinceramente, a resolver aquilo que o aflige. Quando esse processo é bem conduzido e há a percepção de que realmente está se trabalhando para isso, ele se torna mais flexível e cordato. E o processo de relacionamento continua e fortalece. (Grifo meu) (Texto 4-10/2)

Exemplo (41)

É comum os empresários apresentarem dúvidas sobre como podem conquistar novos clientes e manter os atuais. Continuamente, recomendo que a confiança do consumidor deva ser conquistada no primeiro momento. Creio fortemente que ainda seja possível chamar as pessoas pelo nome. É imprescindível mostrar boa-fé, oferecer produtos e serviços que realmente vão levar uma solução a eles. Confiança não se conquista com observações e detalhes colocados em letras miúdas, deixando para o novo comprador o ônus das restrições e limitações do uso do produto ou serviço. (Grifo meu) (Texto 4-10/2)

A solução é apresentada pela relação semântica estabelecida na relação entre frases e orações (Exemplo 42).

Exemplo (42)

Deve-se investi no cliente. [ADITIVA] Criar meios para aumentar o controle deles nas compras, para [FINALIDADE] facilitar a sua vida com o produto ou [ALTERNATIVA] o serviço adquirido. [EXPLICATIVA] É importante fazê-lo ganhar tempo. (Grifo meu) (Texto 4-10/2)

O discurso da economia neoliberal está presente no texto 3-11/2 (*A vez dos idosos*) (Exemplo 43).

Exemplo (43)

O maior desafio do envelhecimento da população é manter o trabalhador por maior tempo possível no mercado de trabalho. O número de idosos brasileiros alcançou 11,1% do total da população e deve se aproximar os 14% - quando uma sociedade é considerada envelhecida – nos próximos 20 anos. Esse fenômeno impõe entraves econômicos, sobretudo na sustentação dos sistemas de saúde e previdência. Mas a boa notícia é que o Brasil está conseguindo ampliar o número de trabalhadores idosos. (Grifo meu) (Texto 3-11/2)

Devido a esse discurso econômico, voltado ao lucro, há uma avaliação aparentemente negativa quando é mencionado o envelhecimento da população (Exemplo 43a), na qual parece estabelecer uma dúvida razoável pressuposta (Exemplo 43b): talvez se os/as idosos/as fossem economicamente ativos/as a avaliação seria positiva?

Exemplo (43a)

O maior desafio do envelhecimento da população é manter o trabalhador por maior tempo possível no mercado de trabalho. O número de idosos brasileiros alcançou 11,1% do total da população e deve se aproximar os 14% - quando uma sociedade é considerada envelhecida – nos próximos 20 anos. Esse fenômeno impõe entraves econômicos, sobretudo na sustentação dos sistemas de saúde e previdência. Mas a boa notícia é que o Brasil está conseguindo ampliar o número de trabalhadores idosos. (Grifo meu) (Texto 3-11/2)

Exemplo (43b)

O maior desafio do envelhecimento da população é manter o trabalhador por maior tempo possível no mercado de trabalho. O número de idosos brasileiros alcançou 11,1% do total da população e deve se aproximar os 14% - quando uma sociedade é considerada envelhecida – nos próximos 20 anos. Esse fenômeno impõe entraves econômicos, sobretudo na sustentação dos sistemas de saúde e previdência. Mas a boa notícia é que o Brasil está conseguindo ampliar o número de trabalhadores idosos. (Grifo meu) (Texto 3-11/2)

O Exemplo 44 indica uma possível resposta a essa pergunta com a avaliação aparentemente positiva do/a idoso/a pelo motivo da retomada do emprego e participação no mercado de trabalho.

Exemplo (44)

A VEZ DOS IDOSOS

Trabalhadores com mais de 60 nos são beneficiados [CAUSAL] pela retomada do emprego e [ADITIVA] ampliam sua participação no mercado (Grifo meu) (Texto 3-11/2)

O discurso econômico neoliberal é relevante no texto ao trazer pressuposições (Exemplos 44a e 45) e relações semânticas e gramaticais (Exemplo 45a) que parecem

‘revelar’ a ideia de que, em época anterior, os/as idosos/as não precisavam permanecer economicamente ativos/as.

Exemplo (44a)

A VEZ DOS IDOSOS

Trabalhadores com mais de 60 nos são beneficiados pela retomada do emprego e ampliam sua participação no mercado (Grifo meu) (Texto 3-11/2)

Exemplo (45)

No entanto, não é somente pela motivação econômica que a terceira idade procura emprego. Os idosos querem se sentir mais produtivos. “O perfil do idoso de hoje é permanecer economicamente ativo. Eles possuem melhor saúde e disposição e brigam mais pelos seus direitos e cidadania”, disse Lúcia Cunha, da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE. (Grifo meu) (Texto 3-11/2)

Exemplo (45a)

No entanto, não é somente pela motivação econômica que a terceira idade procura emprego. Os idosos querem se sentir mais produtivos. “O perfil do idoso de hoje é permanecer economicamente ativo. [EXPLICATIVA] Eles possuem melhor saúde e [ADITIVA] disposição e [ADITIVA] brigam mais pelos seus direitos e [ADITIVA] cidadania”, disse Lúcia Cunha, da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE. (Grifo meu) (Texto 3-11/2)

O discurso político também está presente no texto 3-11/2 (*A vez dos idosos*). O Estado brasileiro representado refere-se ao Estado como fonte dos males (ALMEIDA, 2007) em uma ideia pressuposta de que os/as idosos/as deveriam ser economicamente ativos/as – mesmo que tenham contribuído durante toda sua faixa etária economicamente ativa (Exemplo 46) – e do Estado possuidor das soluções para os problemas (ALMEIDA, 2007), como no Exemplo 43c.

Exemplo (46)

Os fatores que levam a população da terceira idade a procurar emprego vão desde a ocupação de tempo até a complementação da renda familiar. **Em 53% dos lares brasileiros, os idosos contribuem com pelo menos metade da despesa da família.** Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2007. 45% dos idosos viviam com seus filhos na condição de chefe de família. (Destaque do original) (Texto 3-11/2)

Exemplo (43c)

O maior desafio do envelhecimento da população é manter o trabalhador por maior tempo possível no mercado de trabalho. O número de idosos brasileiros alcançou 11,1% do total da população e deve se aproximar os 14% - quando uma sociedade é considerada envelhecida – nos próximos 20 anos. Esse fenômeno impõe entraves econômicos, sobretudo na sustentação dos sistemas de saúde e previdência. Mas a boa notícia é que o Brasil está conseguindo ampliar o número de trabalhadores idosos. (Grifo meu) (Texto 3-11/2)

Os textos 4-10/2 (*Gratos pela preferência!*) e 3-11/2 (*A vez dos idosos*) estabelecem interdiscursividade com o discurso neoliberal ao atualizarem e articularem os discursos da economia e empresarial. Essa interdiscursividade vai ao encontro do que foi discutido no Capítulo 1 em relação à característica de ordem social moldada à lógica do desejo imediato e do interesse transformado em lucro da globalização neoliberal (BORDIEU, 2001). Sendo assim, as ações políticas nas quais os/as consumidores/as são

reconhecidos/as como cidadãos/ãs envolvem a relação do mercado não como simples mecanismos de compra e venda, mas como “interações socioculturais mais complexas” (CANCLINI, 2006: 70). O discurso político também se faz presente no texto 3-11/2 e apresenta o Estado brasileiro como fonte dos males e possuidor das soluções para os problemas, discussão apresentada por Almeida (2007) no Capítulo 2.

4.7. Acesso discursivo: ciência e tecnologia

Os discursos de ciência e tecnologia foram investigados, neste trabalho, de acordo as questões discutidas a respeito das transformações do capitalismo tardio e da globalização neoliberal (Capítulo 1). Ciência e tecnologia relacionam-se ao nível tecnológico da globalização neoliberal (JAMESON, 2001), no qual traz impactos também na produção e organização industriais e comercialização de produtos. Segundo Castells (1999), a tecnologia também tem importância na constituição de novos sistemas de comunicação, que proporcionaram transformação da economia mundial.

Os textos 4-11/1 (*O Brasil não possui pedras semipreciosas*) e 3-12/1 (*Faxina no céu*) permitem algumas interpretações quanto à intertextualidade pelo levantamento das vozes particulares representadas. O texto 4-11/1 mitiga/dissimula a importância do Brasil no que se refere à produção de pedras preciosas (Exemplo 47).

Exemplo (47)

O Brasil não possui pedras semipreciosas (Grifo meu) (Texto 4-11/1)

O primeiro parágrafo (Exemplo 48) traz avaliações aparentemente positivas em relação à produção de gemas brasileiras. Porém, as vozes articuladas abaixo no texto não autorizam o Brasil quando o assunto é pedras preciosas.

Exemplo (48)

O título acima pode surpreender muita gente, uma vez que o nosso país é reconhecidamente um grande produtor de gemas e o Rio Grande do Sul destaca-se pela produção de ágata e ametista. A afirmativa, propositalmente provocadora, justifica-se, porém, pois não é mais admissível – se é que alguma vez o foi – separar as gemas em preciosas e semipreciosas. (Grifo meu) (Texto 4-11/1)

Há atribuição vagamente dada a ‘gemólogos de renome internacional’ (Exemplo 49), mas as vozes articuladas posteriormente não pertencem a brasileiros/as (Exemplos 49a, 50, 51, 52, 53).

Exemplo (49)

Gemólogos de renome internacional condenam de modo enfático seu emprego [termo semipreciosa]. **Robert Webster** considera-o *insatisfatório*, lembrando que foi abandonado por consenso geral. (Sublinhado grifo meu) (Negrito e itálico do original) (Texto 4-11/1)

Exemplo (49a)

Gemólogos de renome internacional condenam de modo enfático seu emprego [termo semipreciosa]. **Robert Webster** considera-o *insatisfatório*, lembrando que foi abandonado por consenso geral. (Destaque do original) (Texto 4-11/1)

Exemplo (50)

Walter Schumann afirma que a *designação ainda é usada no comércio mas não é uma expressão correta porque muitas pedras chamadas semipreciosas são mais valiosas que as preciosas*, não havendo uma linha divisória real entre as pedras mais ou menos valiosas. (Destaque do original) (Texto 4-11/1)

Exemplo (51)

Joel Arem lembra que, *no passado, os termos preciosa e semipreciosa foram amplamente usados*, mas que *hoje seu uso cria confusão*. (Destaque do original) (Texto 4-11/1)

Exemplo (52)

Mas não são apenas os gemólogos que condenam o termo. Também os joalheiros mais bem informados o fazem. Diz **Erich Merget** que a *denominação semipreciosa, atualmente muito utilizada, deveria ser totalmente abandonada. Até hoje, ninguém foi capaz de explicar a origem dessa expressão absurda*, completa ele. (Destaque do original) (Texto 4-11/1)

Exemplo (53)

O termo gema tornou-se designação comumente aceita para todas as pedras ornamentais de valor, eliminando a anterior distinção artificial entre as chamadas pedras preciosas e semipreciosas, afirma **Jules Sauer**. (...) (Destaque do original) (Texto 4-11/1)

Ainda, das 6 vezes atribuídas, somente uma é de instituição/pessoa brasileira (Exemplo 54).

Exemplo (54)

Coerente com esses posicionamentos, a **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)** recomenda evitar sempre o uso da palavra *semipreciosa*, substituindo-a por *preciosa*, salvo nos casos de exigências comerciais ou legais (NBR 10630). A ressalva justifica-se porque a Itália dá um tratamento diferenciado às gemas importadas, com taxação menor para as que chegam ao país classificadas na origem como semipreciosas. (Destaque do original) (Texto 4-11/1)

O Exemplo 54a indica a presença estratégia de construção discursiva de legitimação (FAIRCLOUGH, 2003; THOMPSON, 2009) ao trazer a voz da ABNT logo após a afirmação de que a ABNT é “coerente com esses posicionamentos”, assim como o aparecimento da voz brasileira em segundo plano com os posicionamentos que indicam certa autorização de pessoas estrangeiras – nas quais têm algum tipo de autoridade investida – e seguida pelo aparecimento, também aparentemente legitimado, da justificativa de uma ressalva na recomendação da ABNT por um país da Europa.

Exemplo (54a)

Coerente com esses posicionamentos, a **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)** recomenda evitar sempre o uso da palavra *semipreciosa*, substituindo-a por *preciosa*, salvo nos casos de exigências comerciais ou legais (NBR 10630). A ressalva justifica-se porque a Itália dá um tratamento diferenciado

às gemas importadas, com taxaço menor para as que chegam ao país classificadas na origem como semipreciosas. (Sublinhado grifo meu) (Negrito e itálico do original) (Texto 4-11/1)

O texto 3-12/1 (*Faxina no céu*) não traz nenhuma articulação de voz brasileira ou referência ao Brasil. Há um completo apagamento do Brasil neste texto. Dois/duas colaboradores/as indicaram essa postura possível e esperada ao escolher os textos que podem compor as edições do exame Celpe-Bras:

Exemplo (55)

O Celpe-Bras pode ser visto como um instrumento de representação do Brasil para os examinandos que o realizam, uma vez que nesse exame, muitas vezes, estão presentes temáticas que retratam o Brasil sob diversos aspectos (cultura, sociedade, mercado de trabalho, etc). Porém, sendo um instrumento que tem como foco medir a proficiência dos examinandos por meio de tarefas comunicativas, o Celpe-Bras não aborda exclusivamente questões que tenham o Brasil como foco. Além disso, quando falamos em "representação do Brasil", que Brasil estaríamos retratando, já que nossa cultura é tão diversa e mesmo nossa língua apresenta tantas variantes? Há no Celpe-Bras representações do Brasil, mas não sei se poderíamos considerá-lo um "veículo", já que não é esse o foco do exame. Acredito que as imagens de Brasil criadas ou transmitidas pelo exame sejam um efeito gerado pela própria natureza do exame, que exige a seleção de temas atuais e que permitam ao examinando conhecer e se manifestar em relação às situações de comunicação que lhe são apresentadas nas tarefas. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 6 à pergunta 1 do questionário)

Exemplo (56)

Já tive a oportunidade de participar da elaboração do Exame Celpe-Bras e devo dizer que foi uma experiência bastante enriquecedora, produtiva e prazerosa. Sobre esse aspecto, cabe salientar que uma das minhas preocupações ao participar da elaboração das provas do Celpe-Bras é a de selecionar materiais que sirvam aos propósitos pedagógicos e metodológicos do exame (o que está de acordo com os objetivos gerais do Celpe-Bras). Além disso, creio que é sempre interessante reunir materiais que estejam relacionados à cultura de diversas regiões, aos costumes e hábitos dos brasileiros, à história e à sociedade brasileira, dentre outros assuntos que acabam contribuindo para passar um retrato panorâmico do país. Cabe pontuar que também posso escolher materiais abordando assuntos mais universais, que podem fazer parte de outras culturas e nações, e isso pode influenciar positivamente no desempenho dos candidatos nas provas. Porém, ao buscar textos e outros materiais que poderão compor as provas do Celpe-Bras, penso muito em temas que remetam a aspectos relacionados à cultura, aos costumes, ao cotidiano, as tendências comportamentais dos brasileiros. Desse modo, acredito que as provas unirão os aspectos pedagógicos, metodológicos, sociais e culturais, levando os estrangeiros a aprender um pouco sobre a sociedade brasileira, e não somente fazer uma avaliação mecânica e desvinculada da realidade. (Grifo meu) (Resposta do/a colaborador/a 2 à pergunta 3 do questionário)

As discussões presentes no Capítulo 1 também apoiaram as análises dos outros textos do *corpus* principal – como exemplo, os textos analisados nas seções 4.4., 4.6., 4.7. Porém, nota-se que as análises das seções anteriores versaram a respeito da ordem de discurso do capitalismo tardio limitando-se à preocupação da política econômica voltada para o lucro (BORDIEU, 2001) enquanto a discussão desta seção refere-se ao apagamento da voz brasileira ao tratar de assuntos que necessitam de autorização (FAIRCLOUGH, 2003). Ou seja, o apagamento da voz brasileira ao tratar de assunto dominado pelos grupos hegemônicos construídos a partir da globalização neoliberal

indica que o Brasil não possui *autorização* (FAIRCLOUGH, 2003) e *acesso discursivo* (VAN DIJK, 2010) no que se refere a esses assuntos, mesmo que o fato de o Celpe-Bras não “abordar exclusivamente questões que tenham o Brasil como foco” seja previsto por colaboradores/as responsáveis na composição do exame.

4.8. As análises e a problematização pelas tarefas

Pelas análises interacionais realizadas neste capítulo nas seções 4.2., 4.3., 4.4., 4.5., 4.6. e 4.7., compreende-se que os textos que compõem o *corpus* principal desta pesquisa veiculam representações potencialmente ideológicas do Brasil voltadas, em sua maioria, para as transformações do capitalismo tardio e da globalização neoliberal, discutidas no Capítulo 1. As análises da estrutura visual e as representações dos/as jovens brasileiros/as não contemplam a diversidade cultural do nosso país e, quando o tema se relaciona à ciência e à tecnologia, as análises indicam que o Brasil não possui acesso discursivo (VAN DIJK, 2010) e autorização (FAIRCLOUGH, 2003) para discutir tais assuntos.

As análises, de um modo geral, apontam para representação de brasileiros/as que não fazem jus à realidade heterogênea do Brasil. As pessoas negras, os/as idosos/as e os/as jovens têm uma só representação cada, ou seja, não há valorização das identidades várias do povo brasileiro. Essa conclusão se relaciona à construção da ideia de nação como ‘bloco cultural’ em que “o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre numa interpretação” (ORTIZ, 2003:139). Isso vai ao encontro do conceito de acesso discursivo de Van Dijk (2010) de uma medida de poder. Ou seja, quem tem acesso ao discurso e a eventos comunicativos e quais são os padrões de acesso para participantes diferenciados. No *corpus* principal, o negro é representado de uma maneira diferenciada dos/as outros/as participantes, associado a uma ideia estereotipada pela sua caracterização.

Um dos pontos possíveis a ser levantado em relação a essa representação do Brasil seria se as Tarefas propostas problematizassem estas questões para que os/as candidatos/as do exame Celpe-Bras pudessem refletir a respeito dessas representações. Embora esta pesquisa não tenha contemplado análises dos enunciados das Tarefas, embasei-me em algumas análises-piloto para a tomada de decisão de não incluir as Tarefas neste trabalho. Sendo assim, outros trabalhos seriam necessários para que uma

discussão em relação à possível problematização das questões levantadas por esta pesquisa fosse aprofundada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investiguei representações do Brasil em textos escritos do exame Celpe-Bras das edições de 2009/2 a 2012/1. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Crítica, parti do problema social parcialmente discursivo focado nesta pesquisa, que diz respeito a representações do Brasil potencialmente ideológicas em textos escritos do exame Celpe-Bras, para buscar respostas às questões de pesquisa.

Em relação aos aspectos da conjuntura social situada e da prática particular de elaboração, aplicação e avaliação envolvidos na construção do exame Celpe-Bras, pude verificar, pela análise da conjuntura (Capítulo 1), que o exame Celpe-Bras está inserido no contexto que se relaciona à idealização e implantações das instituições do capitalismo tardio no cenário internacional da globalização neoliberal. Pela análise da prática particular (Capítulo 1), verifiquei que a prática exame Celpe-Bras está articulada com as redes de práticas que envolvem a constituição de um exame desta natureza e relaciona-se à constituição de produção, aplicação e avaliação desse exame na análise do/as profissionais selecionados/as para os eventos de elaboração, das pessoas envolvidas na aplicação de cada edição do exame nos Postos Aplicadores e do INEP, MEC, quanto órgão responsável pela organização macro e realização do exame.

A análise dos elementos estruturais interdiscursivos (gêneros, discursos e estilos de diferentes ordens do discurso) implicados na composição dos textos do exame Celpe-Bras que compõem o *corpus* principal da pesquisa, evidenciaram as ordens do discurso do ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) no Brasil e do Jornalismo, na qual há a articulação/recontextualização da (rede de) prática do jornalismo, característica do capitalismo tardio: economia, política, ciência, saúde e beleza/estética. O levantamento das ordens de discurso apoiado em respostas aos questionários indicou que há certa homogeneidade de representação cultural do Brasil. Ainda, indicou que os/as colaboradores/as do exame Celpe-Bras, em geral, percebem a importância e influência quanto à diversidade regional entre as pessoas participantes do nível da produção do exame.

Em relação aos aspectos interacionais e composicionais que materializam o gênero situado 'exame Celpe-Bras', foram analisadas a atividade social implicada na prática particular em estudo, as relações sociais e a tecnologia de informação. Em termos de atividade, o exame Celpe-Bras focaliza o discurso, no qual os eventos sociais

envolvidos nesta atividade são essencialmente discursivos por trazerem os textos, escritos e orais, como primeiro plano. As relações sociais implicadas neste exame referem-se às três instâncias de produção do discurso: produção, composição e recepção, nas quais a composição foi o foco desta pesquisa, que contou com o apoio no nível da produção. Em termos de tecnologia de informação, o nível da composição do gênero situado exame Celpe-Bras é unidirecional não mediada devido ao fato da não participação do/a candidato/a em relação aos textos aos quais ele/a será submetido/a.

As análises interacionais (Capítulo 4) apresentam as maneiras pelas quais os discursos/representações são articulados, como se dá a recontextualização/articulação de vozes na composição das relações semânticas estabelecidas e as avaliações e presunções valorativas sobre o Brasil presentes nos textos. Pelas análises interacionais realizadas, compreende-se que os textos que compõem o *corpus* principal desta pesquisa veiculam representações potencialmente ideológicas do Brasil voltadas, em sua maioria, para as transformações do capitalismo tardio e da globalização neoliberal, discussões apresentadas no Capítulo 1. As análises da estrutura visual e as representações dos/as jovens brasileiros/as não contemplam a diversidade cultural do nosso país e, quando o tema se relaciona à ciência e à tecnologia, as análises indicam que o Brasil não possui acesso discursivo (VAN DIJK, 2010) e autorização (FAIRCLOUGH, 2003) para discutir tais assuntos. Contudo, vale ressaltar que os textos que compõem o *corpus* principal desta pesquisa foram veiculados em 5 edições diferentes do exame Celpe-Bras. Portanto, mesmo que as análises tenham direcionado para representações potencialmente ideológicas do Brasil, os/as candidatos/as estrangeiros/as submetidos/as a cada edição do exame não tiveram contato com todas as representações abordadas neste trabalho.

Esse tipo de discurso/representação disseminado em gêneros/inter-ações e com potencial para ser inculcada em estilos/identidades pode contribuir para a sustentação e instauração de crenças e valores ideológicos a respeito do Brasil. Thompson (2009) trata dos modos de operação de ideologia, ligados a estratégias típicas de construção simbólica, apresentados no Capítulo 2 deste trabalho. Nesta pesquisa, a legitimação é o principal modo de operação de ideologia verificado, uma vez que os textos apresentam relações de dominação como legítimas por meio da universalização ao apresentar interesses específicos como interesses gerais ao exemplo da representação do/a idoso/a que precisa (e gosta de) ser ainda economicamente ativo/a.

Como já exposto anteriormente, esta pesquisa teve como foco o nível da composição do exame Celpe-Bras e contou com o apoio de respostas aos questionários abertos autoadministrados que procurou contemplar, em alguma medida, o nível da produção. Sendo assim, faz-se necessário que mais pesquisas sejam desenvolvidas e que contemplem não só a composição e produção, mas também a recepção deste exame pelos/as candidatos/as estrangeiros/as. A contribuição social desta pesquisa versa sobre a preocupação quanto as representações do Brasil – cultura e povo – veiculadas no exterior.

Em relação ao exame Celpe-Bras, pretende-se contribuir em eventos de elaboração e avaliação do exame. Não proponho, com este trabalho, que os/as colaboradores/as do exame Celpe-Bras sejam taxativos na escolha dos textos e elaboração das Tarefas no sentido de evitar assuntos ou problematizar todas as questões relacionadas às conclusões apresentadas nesta pesquisa. A proposta que trago com este trabalho se relaciona a reflexões individuais e conjuntas nos eventos de elaboração, avaliação, eventos acadêmicos como congressos, simpósios, seminários e grupos de pesquisa, entre outros, dos/as colaboradores/as a respeito das representações veiculadas do Brasil – de sua cultura e povo – nos textos do exame Celpe-Bras. Mais pesquisas envolvendo representações – principalmente no nível da recepção – são necessárias para que possíveis medidas sejam tomadas na tentativa de promover uma representação mais adequada do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. C. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record: 2007.
- ANDERSON, B. R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRIGHETTI, G. H.; SCHOFFEN, J. R. Vivenciando língua e cultura: sugestões para práticas pedagógicas em Português como Língua Adicional. In: SCHOFFEN, J.R. et. al. (Orgs) *Português como Língua Adicional: reflexões para a prática docente*. Porto Alegre: Bem Brasil, 2012. pp. 17 – 44.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUDRILLARD, J. *Senhas*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOURDIEU, P. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRASIL. *Manual do Candidato ao Exame Celpe-Bras*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), MEC, 2010.
- _____, Ministério da Educação (MEC). *Celpe-Bras é realizado por 3.474 estrangeiros*. Rede de Comunicadores Governo Federal. 26 de abril de 2012. Disponível em: http://redecominicadores.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3851:celpe-bras-e-realizado-por-3474estrangeiros&catid=93:noticiasrede&Itemid=232. Acesso em 2 de dez. de 2012.
- _____, Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). *Autorizações para estrangeiros trabalharem no Brasil crescem 30% em 2010*. Portal MTE. 10 de março de 2011. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/imprensa/autorizacoes-para-estrangeiros-trabalharem-no-brasil-crescem-30-em-2010.htm>. Acesso em 13 de junho 2012.
- BRITO, R. C. L.; PIMENTA, S. M. O. A Gramática do *Design Visual*. In: LIMA, C. H. P. et. al. (Orgs) *Incursões Semióticas: teoria e prática de gramática sistêmico-funcional, multimodalidade, semiótica social e análise crítica do discurso*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009. pp. 87 – 117.
- CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos*. Trad. Maurício Santana Dias. 6ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ: 2006.
- CASTELLI, R. *Should our kids be learning Brazilian Portuguese?* Vancouver Sun. 12 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.cinpr.org.br/english/FreeComponent14528content153707.shtml>. Acesso em 20 de abril de 2012.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer, Klauss Brandini Gerhardt. v. 1. São Paulo: Paz e Terra S.A., 1999.

- CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinbourg: Edinbourg University, 1999.
- COURA-SOBRINHO, J. O sistema de avaliação Celpe-Bras: o processo de correção e a certificação. In: HORA, D. (Org.) *Língua(s) e Povo: Unidade e Diversidade*. João Pessoa: Ideia, 2006. pp. 127 – 132.
- CUNHA, M. J.; SANTOS, P. O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras): a possibilidade de um diagnóstico na Universidade de Brasília. In: _____. (Org.) *Ensino e pesquisa em português para estrangeiros*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999. pp. 113 – 122.
- DAMATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil?* 11ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. *A casa & a rua*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.
- _____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.
- DAMAZO, L. O. *A modalização na produção de textos em português como língua estrangeira*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2012.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre, RS: Artmed; Bookman, 2006. pp. 15 – 47.
- DUCROT, O. *Princípios de semântica linguística – dizer, não dizer*. Trad. Carlos Vogt, Rodolfo Ilari, Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- EL UNIVERSAL. *Brasil es ya la sexta economia mundial, confirman*. 06 de março de 2012. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/notas/834282.html>. Acesso em 22 de abril de 2012.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.
- _____. Critical discourse analysis in transdisciplinary research. In : WODAK, R.; CHILTON, P. (eds.). *A new agenda in (Critical) Discourse Analysis: theory, methodology and interdisciplinarity*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. pp. 53-70.
- _____. *Language and globalization*. New York: Routledge, 2006.
- _____. *Discurso e mudança social*. Trad.Coord. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- FAIRCLOUGH, N.; JESSOP, B.; SAYER, A. Critical realism and semiosis. In: *Journal of Critical Realism (incorporating Alethia)*. 5 (1), 2002. pp. 2 – 10.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2010 [1970].

- FOREQUE, F. *Crescimento do Brasil leva estrangeiros a aprenderem português*. Folha de São Paulo. 16 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/991439-crescimento-do-brasil-leva-estrangeiros-a-aprenderem-portugues.shtml>. Acesso em 16 de out. de 2011.
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- _____. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.
- GOLDENBERG, M. *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GONTIJO, F. Carioquice ou carioquicidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, M. *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. pp. 41 – 77.
- GUERREIRO, C.; JUNIOR, L. C. P. *Crescimento e valorização do português no mundo acompanham atual destaque econômico e cultural do Brasil*. Revista Língua Portuguesa. Abril de 2012. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/72/o-valor-do-idioma-249210-1.asp>. Acesso em 22 de abril de 2012.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALLIDAY, M. K. *Introduction to Functional Grammar*. London: Hodder Arnold, 2004.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna – Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- ILARI, R. *Introdução à semântica – brincando com a gramática*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- JAMESON, F. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Trad. Maria Elisa Cevasco, Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JOYCE, H. *Brazilian Portuguese is the best language*. More Intelligent Life. 06 de março de 2012. Disponível em: <http://moreintelligentlife.com/content/ideas/helen-joyce/brazilian-portuguese-best-language>. Acesso em 22 de abril de 2012.
- KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. New York: Routledge, 2006.
- LIMA, R. A. *Representações do Brasil em textos do exame CELPE-BRAS*. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre, RS: Artmed; Bookman, 2006. pp. 169 – 192.

MARSHALL, L. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus, 2003.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PARDO ABRIL, N. Estratégias analítico-descriptivas para el ACD. In: PARDO ABRIL, N. *Cómo hacer análisis crítico del discurso*. Santiago: Frasis, 2007. pp. 103 – 164.

RAMALHO, V. Ensino de língua materna e Análise de Discurso Crítica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v.7, 2012, p.178 – 198.

_____. *Discurso e ideologia na propaganda de medicamentos: um estudo crítico sobre mudanças sociais e discursivas*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

_____. Diálogos teórico-metodológicos: análise de discurso crítica e realismo crítico. In: RESENDE, V. M.; RIOS, G. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 8. Brasília: Thesaurus, 2007. pp. 78 – 104.

_____. *O discurso da imprensa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

RAMALHO, V. RIBEIRO; ORMEZINDA M.; RODRIGUES, U. R. Práticas de extensão na formação do/a professor/a de Português como língua materna: uma experiência de pesquisa-ação. *Participação*, v.20, 2011, p.16 - 25.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Coleção: Linguagem e Sociedade. v. 1. Campinas: Pontes, 2011.

RAMOS, M. C. Diásporas, culturas e coesão social. In: BIZARRO, R. *Eu e outro – estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Didático, 2007. pp. 78 – 95.

RAMOS, N. Interculturalidade, educação e desenvolvimento – o caso das crianças migrantes. In: BIZARRO, R. *Eu e outro – estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Didático, 2007. pp. 367 – 375.

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, D. *Teoria do Brasil: os brasileiros*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

RODRIGUES, J. N. *A língua portuguesa pode ser alavanca de globalização*. Expresso. 29 de janeiro de 2012. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/a-lingua-portuguesa-pode-ser-alavanca-de-globalizacao=f701906>. Acesso em 22 de abril de 2012.

SANTOS, P. M. *Território, língua e sangue: recursos estratégicos na construção do Eu vs o Outro – uma desconstrução*. In: BIZARRO, R. *Eu e outro – estudos*

multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais. Porto: Areal Didático, 2007. pp. 112 – 118.

SCARAMUCCI, M. V. R. CELPE-Bras: um exame comunicativo. In: CUNHA, M. J.; SANTOS, P. (Org.) *Ensino e pesquisa em português para estrangeiros*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999. pp. 105 – 112.

SCARAMUCCI, M. V. R. O projeto Celpe-Bras no âmbito do MERCOSUL: contribuições para uma definição de proficiência comunicativa. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2001. pp. 77 – 90.

SCHLATTER, M. CELPE-Bras: Certificado de Língua Portuguesa para Estrangeiros – breve histórico. In: CUNHA, M. J.; SANTOS, P. (Org.) *Ensino e pesquisa em português para estrangeiros*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999. pp. 97 – 104.

SCHLATTER, M. ET AL. CELPE-BRAS e CELU: impactos da construção de parâmetros comuns de avaliação de proficiência em português e em espanhol. In: FONTANA, Mónica Zoppi (org.) *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: 2009.

SCHOFFEN, J. R. *Gêneros do discurso e parâmetros de avaliação de proficiência em português como língua estrangeira no exame Celpe-Bras*. Tese de doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SERAFIM, A. *4,6% do PIB mundial fala português*. Sol. 08 de abril de 2012. Disponível em: http://sol.sapo.pt/inicio/Economia/Interior.aspx?content_id=46181#.T4Rlmz-HybU.facebook. Acesso em 22 de abril de 2012.

SOUZA, R. L. *Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 73 – 102.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e representações sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PURCS. Petrópolis: Vozes, 2009.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. Org. Judith Hoffnagel, Karina Falcone. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VANNUCCHI, A. *Cultura brasileira: o que é, como se faz*. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da, (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pp. 7 – 72.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário aberto autoadministrado

Prezado(a) professor(a),

O/A Sr./a está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Inter-ação, representação e identificação do Brasil em textos escritos do exame Celpe-Bras** de responsabilidade de Ailana Assis Cota, mestranda em Linguística pela Universidade de Brasília (Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/UnB). O objetivo geral dessa pesquisa é investigar (inter)ações, representações e identificações do Brasil em textos do Celpe-Bras que compuseram as aplicações de 2009/2 a 2012/1. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

A geração de dados será realizada por meio deste **questionário**, composto de **4 perguntas, bem gerais e bem breves**. É para este procedimento que você está sendo convidado(a) a participar. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Asseguro-lhe que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa – respostas a este questionário – ficarão sob a minha responsabilidade. Ainda, afirmo o compromisso de enviar-lhe uma cópia digital da dissertação, quando o trabalho já estiver concluído e aprovado.

Agradeço antecipadamente pela sua colaboração.

Atenciosamente,

Ailana Cota.

Questionário

- 5- Para você, o Celpe-Bras é um importante veículo de representação do Brasil para os(as) estrangeiros(as) que realizam o exame?
- 6- Você considera o exame Celpe-Bras como um bom veiculador de representações do Brasil, ou seja, de nossos elementos culturais, sociais, políticos, identitários? Por quê?
- 7- Caso você já tenha participado de algum evento de elaboração das provas do Celpe-Bras, comente um pouco a respeito do que influencia você a escolher determinado texto para ser levado para o evento de elaboração em vez de outros textos possíveis.
- 8- Você percebe a influência da carga cultural particular das pessoas que elaboram o exame na composição final de cada edição do Celpe-Bras? De que maneira?

ANEXO 2 – Tabela A2: Distribuição dos textos por discurso articulado

TABELA A2 - DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS POR DISCURSO ARTICULADO					
DISCURSO	QTD	DISCURSO	QTD	TEXTOS	EDIÇÃO
Rituais	11	-	8	Dia do trabalhador*	2010/1
				Time vence por 3 a 0 e torcida pede Evair	1998A
				Campeão passeia no parque	1998A
				Festa de Iemanjá*	2001/1
				Santos Dumont *	2004/2
				Banho de lua	2010/1
				Festa Popular*	2011/2
				Ecomoda*	2012/1
		Carnaval	3	Anuncie no samba-enredo e salve o carnaval	2012/1
				Acessibilidade*	2011/2
				Rio ou Salvador?	2009/1
Casa	7	-	7	Tradição dos arturos é mantida por 600 pessoas	2004/2
				Verdes contra as árvores	2005/1
				Tabuleiro popular	2005/1
				Cuidar da casa agora é trabalho de consultor	2003/1
				A convivência na república	1999A
				Como fazer sua terra produzir mais	1998A
				Os bikeboys	2003/2
Rua	11	-	11	Desmatamento*	1998A
				Antena*	2003/1
				Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones	2009/2
				A natureza humana e o trânsito	2004/1
				Quem roubou o menino	2002/1
				A solidão mata	2001/2
				Crime na Amazônia	2001/2
				O sanfoneiro do ônibus*	2000/1
				Jogos de azar	1999A
				Jogos de azar	1998C
				Primo dos homens da caverna	2003/1
Comida	5	-	5	Feijão com arroz *	2010/1
				Academia da cachaça*	2009/1
				Culinária Regional*	2008/1
				Médico "receita" meio litro de café por dia	2004/2
				Chocolate*	2003/2
Família	4	-	4	Mais histórias de verão	2005/2
				Do mês que vem não passa	2002/2
				Entrevista com Borys Casoy *	1999A
				Famílias acolhedoras*	2006/1
Religião	2	-	2	Crenças e superstições*	1998C
				Entrevista com Nelson Carneiro*	1998B

TABELA A2 - DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS POR DISCURSO ARTICULADO					
DISCURSO	QTD	DISCURSO	QTD	TEXTOS	EDIÇÃO
Negócios	11	-	11	Gratos pela preferência!	2010/2
				Novos produtos para a terceira idade*	2007/1
				Catálogo WEG*	2006/2
				Exportação de mangas*	2005/2
				PLANAC via internet*	2005/1
				Guia de responsabilidade social para o consumidor*	2004/2
				Aprenda a dizer não, saiba como dizer sim	2002/1
				Abrindo um negócio próprio*	2002/1
				Arquivo*	2001/2
				Big Brother corporativo	2006/1
				A vez dos idosos	2011/2
Ciência e tecnologia	12	Ciência	5	Faxina no céu	2012/1
				O Brasil não possui pedras semipreciosas	2011/1
				Transgênicos*	2008/1
				Tribo quer R\$ 25 mil por ervas medicinais	2002/2
				Meio ambiente bacias hidrográficas*	2007/2
		Tecnologia	7	O computador na prática clínica*	2000/1
				Um portal na internet	2004/2
				Cartas	2007/1
				Eles odeiam celular	2008/2 1ª aplicação
				Torpedomania	2009/2
				Carta a um jovem internauta	2010/1
				Indústria da tecnologia*	2010/2
Saúde e estética	22	Saúde	20	Mão Pesada	2011/2
				Alimentação saudável*	2011/1
				Movimento contra o BOTOX	2010/2
				Automedicação*	2009/2
				Merenda saudável	2009/1
				Gordura trans	2008/2 2ª aplicação
				Acidente doméstico*	2008/2 2ª aplicação
				Saúde do trabalhador*	2008/2 1ª aplicação
				Combate à dengue*	2008/1
				Há males que vêm para o bem	2007/2
				A prática de esporte na infância*	2007/2
				Uma ferramenta doméstica de esterilização*	2007/1
				O sal do mal	2006/2
				De bem com a vida	2004/1
				Bulas de medicamentos*	2004/1
				Esteróides anabolizantes*	2002/1
				Debate com Sílvia Popovic*	1999B
				Relógios biológicos*	1999A
				Debate com Sílvia Popovic*	1998C
				Você sabe o que está comendo	2006/1
	Estética	2	Entrevista - Ivo Pitanguy*	2007/1	
			Beleza é fundamental (para eles)	2011/1	

TABELA A2 - DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS POR DISCURSO ARTICULADO					
DISCURSO	QTD	DISCURSO	QTD	TEXTOS	EDIÇÃO
Turismo	7	-	7	Os jacarés no pantanal*	1998B
				Cidades Mineiras*	2003/2
				Museu do Tropeiro*	2005/1
				Belezas de Noronha seduzem os turistas	2006/2
				O arquipélago de Fernando de Noronha*	2008/1
				Museu da Língua Portuguesa*	2010/2
				Fundação Darcy Ribeiro*	2006/1
Educação/ Leitura	16	-	16	Paulo Freire: A leitura do mundo	1998B
				Método usa dia-a-dia para alfabetizar	1998B
				Nos bares da vida*	1999B
				A Feira do Livro deve manter o desconto de 20%	2000/1
				Oficina-escola*	2001/1
				Pesquisa de opinião "Educação e autonomia"*	2001/1
				Entrevista com Marcelo Carneiro da Cunha*	2002/2
				Recomendando um livro a um amigo*	2002/2
				Projeto escola*	2004/1
				Expedição vaga-lume*	2005/2
				Esporte na escola*	2008/2 1ª aplicação
				Ouçã o livro	2008/2 1ª aplicação
				Casa da Ciência da UFRJ*	2008/2 2ª aplicação
				Processo seletivo à mobilidade acadêmica externa 2008 Edital nº 19/2008, de 6 de outubro de 2008	2008/2 2ª aplicação
Novo livro de Boris Fausto*	2011/1				
Pescando letras*	2012/1				
Outros	16	-	5	Independência do Brasil*	2001/2
				Promoção de aniversário do JB	2001/2
				Jornais devem estimular questionamentos	1999B
				Sem medo de avião	2005/2
				Que cachorro é este?	2007/2
		Papel da mulher na sociedade	1	Entrevista com Elis Regina*	1998C
		Estrutura governamental	4	A rapaziada da justiça	1999B
				Fome Zero. Está começando o maior e mais completo programa de combate à fome já feito no Brasil	2003/2
				Os problemas na implantação do programa Fome Zero	2003/2
				Rio São Francisco*	2006/2
		Preocupação com o meio ambiente	2	500 anos de desencontros	2000/1
				Coleta seletiva de lixo*	2009/2
		Cultura brasileira	4	Entrevista com Elke Maravilha*	1998A
				Sater dedilha viola e alma na região	2001/1
				Promoção rádio estação Cultura*	2003/1
				Capoeira*	2009/1

ANEXO 3 – Tabela A3: Distribuição dos textos por discurso articulado – corpus principal

TABELA A3- DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS POR DISCURSO ARTICULADO - CORPUS PRINCIPAL									
DISCURSOS	QTD	SUBTEMAS	QTD	TEXTOS	EDIÇÃO	GÊNERO	FONTE	SEÇÃO	
Rituais	2		1	Banho de lua	2010/1	Reportagem	ISTO É	-	
		Carnaval	1	Anuncie no samba-enredo e salve o carnaval	2012/1	Reportagem	Revista Superinteressante	Polêmica	
Rua	1		1	Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones	2009/2	Reportagem	Jornal ZERO HORA - Porto Alegre	Geral	
Negócios	2		2	Gratos pela preferência!	2010/2	Reportagem	Estado de Minas	Marketing	
		-		A vez dos idosos	2011/2	Reportagem	ISTO É	Economia	
Ciência e tecnologia	4		2	Faxina no céu	2012/1	Reportagem	National Geographic	-	
				O Brasil não possui pedras semipreciosas	2011/1	Reportagem	Serviço Geológico do Brasil - internet	-	
				Torpedomania	2009/2	Reportagem	ISTO É	Comportamento	
				Carta a um jovem intemauta	2010/1	Carta	Correio Cidadania - internet	-	
Saúde e estética	3		2	Movimento contra o BOTOX	2010/2	Reportagem	ISTO É	Medicina & Bem-estar	
				Mão Pesada	2011/2	Reportagem	Época	Saúde & Bem-estar	
				Beleza é fundamental (para eles)	2011/1	Reportagem	Revista GOOL	Monitor	

ANEXO 4 – Tabela A4: Distribuição dos textos considerando edição do exame e discurso articulado

TABELA A4 - DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS CONSIDERANDO EDIÇÃO DO EXAME E DISCURSO ARTICULADO			
EDIÇÃO	QTD DE TEXTOS POR EDIÇÃO	DISCURSO ARTICULADO	QTD
1998A	5	Casa	1
		Outros	1
		Rituais	2
		Rua	1
1998B	4	Educação	2
		Religião	1
		Turismo	1
1998C	4	Outros	1
		Religião	1
		Rua	1
		Saúde e estética	1
1999A	4	Casa	1
		Família	1
		Rua	1
		Saúde e estética	1
1999B	4	Educação	1
		Outros	2
		Saúde e estética	1
2000/1	4	Ciência e Tecnologia	1
		Educação	1
		Outros	1
		Rua	1
2001/1	4	Educação	2
		Outros	1
		Rituais	1
2001/2	5	Negócios	1
		Outros	2
		Rua	2
2002/1	4	Negócios	2
		Rua	1
		Saúde e estética	1
2002/2	4	Ciência e Tecnologia	1
		Educação	2
		Família	1
2003/1	4	Casa	1
		Outros	1
		Rua	2
2003/2	5	Casa	1
		Culinária	1
		Outros	2
		Turismo	1
2004/1	4	Educação	1
		Rua	1
		Saúde e estética	2

TABELA A4 - DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS CONSIDERANDO EDIÇÃO DO EXAME E DISCURSO ARTICULADO			
EDIÇÃO	QTD DE TEXTOS POR EDIÇÃO	DISCURSO ARTICULADO	QTD
2004/2	5	Casa	1
		Ciência e Tecnologia	1
		Culinária	1
		Negócios	1
		Rituais	1
2005/1	4	Casa	2
		Negócios	1
		Turismo	1
2005/2	4	Educação	1
		Família	1
		Negócios	1
		Outros	1
2006/1	4	Família	1
		Negócios	1
		Saúde e estética	1
		Turismo	1
2006/2	4	Negócios	1
		Outros	1
		Saúde e estética	1
		Turismo	1
2007/1	4	Ciência e Tecnologia	1
		Negócios	1
		Saúde e estética	2
2007/2	4	Ciência e Tecnologia	1
		Outros	1
		Saúde e estética	2
2008/1	4	Ciência e Tecnologia	1
		Culinária	1
		Saúde e estética	1
		Turismo	1
2008/2 1ª aplicação	4	Ciência e Tecnologia	1
		Educação	2
		Saúde e estética	1
2008/2 2ª aplicação	4	Educação	2
		Saúde e estética	2
2009/1	4	Culinária	1
		Outros	1
		Rituais	1
		Saúde e estética	1

TABELA A4 - DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS CONSIDERANDO EDIÇÃO DO EXAME E DISCURSO ARTICULADO			
EDIÇÃO	QTD DE TEXTOS POR EDIÇÃO	DISCURSO ARTICULADO	QTD
2009/2	4	Ciência e Tecnologia	1
		Outros	1
		Rua	1
		Saúde e estética	1
2010/1	4	Ciência e Tecnologia	1
		Culinária	1
		Rituais	2
2010/2	4	Ciência e Tecnologia	1
		Negócios	1
		Saúde e estética	1
		Turismo	1
2011/1	4	Ciência e Tecnologia	1
		Educação	1
		Saúde e estética	2
2011/2	4	Negócios	1
		Rituais	2
		Saúde e estética	1
2012/1	4	Ciência e Tecnologia	1
		Educação	1
		Rituais	2
Total Geral			124

Como professor de uma escola de educação básica, você está preocupado com a prática excessiva de envio de mensagens pelo celular. Com o objetivo de orientar e alertar os alunos, escreva um texto para ser publicado no jornal da escola, ressaltando as consequências do uso exagerado de torpedos.



Comportamento

TORPEDOMANIA

Especialistas alertam para o risco do excesso de trocas de mensagens pelo celular

Renata Cabral

VERSÁTIL Tamara
colou nas provas
e arranjou namorado
por meio dos torpedos

Nas mãos dos adolescentes, os celulares parecem uma extensão do corpo. Mas o uso excessivo dos chamados torpedos ou SMS (serviço de mensagens curtas, na sigla em inglês) tem chamado a atenção por prejudicar o rendimento escolar e até agravar transtornos de stress, ansiedade, depressão e distúrbios do sono. Em muitas escolas, o aparelho já é proibido em salas de aula. Nos Estados Unidos, atingiu-se a marca de 2.272 mensagens trocadas por pessoa no último trimestre de 2008, quase 80 torpedos por dia, segundo pesquisa da consultoria Nielsen. E ainda há quem vá bem além dessa média. A americana Kate Moore, 15 anos, envia cerca de 14 mil mensagens mensais. A habilidade lhe rendeu até um prêmio no mês passado. Ela embolsou US\$ 50 mil por ser a mais rápida competidora a digitar mensagens sem erros de ortografia. E aproveitou para fazer um apelo aos pais: “Deixe seu filho digitar durante o jantar e na escola. Vale a pena.”

Os especialistas não concordam. O professor de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), Raphael Zaremba, destaca que é cedo para falar das consequências do uso do SMS para os jovens, mas reconhece as limitações da ferramenta. “Mais de 90% da comunicação humana se dá de forma não verbal, o que dá margem a muitas falhas para quem fala apenas por escrito, por meio de mensagens de texto”, afirma. A funcionária pública Mônica Stilben se impressiona com a capacidade da filha

Isabela, 15 anos, vivenciar experiências por SMS. “Ela briga com o namorado sem precisar falar com ele”, surpreende-se. Há alguns meses, Isabela gastou mais do que o pai e a mãe juntos, sendo 90% do valor em mensagens. Hoje, tem um aparelho que não envia torpedos.

social e testam limites o tempo todo”, afirma. “Cabe aos adultos instaurar a ordem.” **Oferecer planos com minutos controlados, deixar que o jovem pague a conta com sua mesada e conversar de forma franca e não autoritária são alternativas.**

Mesmo quando não evolui para problemas médicos, a dependência incomoda quem cerca o adolescente. Evanise Espíndola Lemos, mãe de Tamara, 15 anos, conta que é quase impossível desviar a atenção da menina do aparelho. “Ela não se concentra, fica esperando notícias do namorado e das amigas.” Mas a mãe se mantém vigilante. “Estou sempre alerta para não deixar que isso atrapalhe os estudos.” Tamara assume o exagero. “Levo o celular na mão para não perder nenhuma mensagem”, diz. A adolescente confessa que usa o telefone para colar em provas, gasta em dois dias o cartão pré-pago que a mãe compra para durar um mês e iniciou a paquera com o atual namorado graças às mensagens. Ninguém desconhece os benefícios dessa forma de comunicação. Ela é mais barata do que uma ligação e permite um contato instantâneo com um grupo de pessoas. Só não se deve tornar escravo dela. ■

LUZ AMARELA

Os pais devem se preocupar com o envio de torpedos pelos jovens quando

-  O valor da conta do celular for mais alto do que o habitual
-  A ansiedade por novas mensagens atrapalhar o sono, os estudos ou o lazer
-  A conversa com os amigos se der quase unicamente por mensagens de texto
-  Levar o aparelho para o banheiro ou consultá-lo durante as refeições também pode significar excessiva dependência do celular

Para a psicóloga Andréa Jotta, do núcleo de pesquisas de psicologia em informática da PUC-SP, a orientação dos pais é fundamental. “Os adolescentes dão uma importância extrema à vida

Você é morador da cidade de Porto Alegre e leu a reportagem “Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones”, do Jornal Zero Hora. Com base nas informações do texto, escreva um e-mail para o vereador Alceu Brasinha, posicionando-se a favor ou contra o projeto de lei apresentado por ele.

| 38 | Geral >

Porto Alegre Comerciantes e moradores aguardam decisão do prefeito Fogaça sobre ampliação dos espaços ao ar livre

Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones

Aprovado pela Câmara de Vereadores da Capital, o projeto de lei que amplia os horários para bares, restaurantes e lanchonetes manterem mesas nas calçadas da cidade virou motivo de controvérsia.

Enquanto comerciantes e usuários defendem a proposta, que estende a permissão da 0h para as 2h nas sextas, nos sábados e nas vésperas de feriados, moradores de regiões boêmias de Porto Alegre criticam a mudança na regra.

De autoria do vereador Alceu Brasinha (PTB), o projeto ainda precisa ser sancionado pelo prefeito José Fogaça para virar realidade. Apesar disso, muita gente já demonstra descontentamento em relação à possibilidade de enfrentar madrugadas insones pela frente. É o caso da empresária Jimena Acosta Korczyk, 31 anos. Ela mora perto da Rua Padre Chagas, um tradicional reduto de bares no bairro Moinhos de Vento, e diz sofrer com o barulho.

– Até a meia-noite dá para tolerar, mas até as 2h é demais, ainda mais porque é justamente no fim de semana que a gente pode descansar. Estou colocando



vidro duplo no meu apartamento para me incomodar menos – reclama Jimena.

Moradora da Rua Dinarte Ribeiro, também no Moinhos de Vento, a dona de casa Loane da Fonseca, 52 anos, é outra insatisfeita com a possível modificação:

– Minha preocupação é com as pessoas idosas e com vizinhos que precisam acordar cedo para trabalhar. Tem noites em que o barulho é penoso, só com remédio para dormir.

Para quem trabalha no ramo de bares e restaurantes, a opinião é bem diferente. Os comerciantes, segundo Eli Stürmer, da diretoria da Associação de Bares e Restaurantes da Cidade Baixa, estão satisfeitos.

– A gente lutou bastante por essa ampliação. Esperamos que o prefeito sancione o projeto o quanto antes – diz Stürmer.

Entrevista | Alceu Brasinha
AUTOR DO PROJETO DE LEI

“Recebi algumas reclamações, mas os apoios são maiores”

O vereador Alceu Brasinha (PTB), autor do projeto de lei que amplia o horário das mesas nas calçadas em alguns dias da semana, diz que a mudança beneficiará comerciantes e pessoas que saem à noite na Capital. Leia a seguir trechos da entrevista:



REPRODUÇÃO

Zero Hora – Por que o senhor fez o projeto ampliando o horário para os bares permanecerem com as mesas na rua?

Alceu Brasinha – Aos finais de semana, meia-noite é cedo para recolher as mesas. O hábito do porto-alegrense é sair mais tarde de casa, ainda mais para a juventude. Eu mesmo passei por uma situação constrangedora. Eu trabalho até meia-noite na minha loja e depois saio para jantar. Uma vez, estava na Cidade Baixa jantando e chegaram fiscais da Smic pedindo para retirar as mesas. Eu tive de pegar a comida e comer na mão.

ZH - O senhor recebeu reclamações dos moradores próximos aos bares?

Brasinha – Recebi algumas reclamações, mas os apoios são maiores. Na minha caixa de e-mail, havia seis reclamações contra o projeto. Em compensação, havia mais de cem mensagens me dando os parabéns.

Proprietária do Café do Porto, no bairro Moinhos de Vento, Ana Cláudia Bestetti acredita que o novo horário não trará maiores problemas, porque vale apenas para dois dias da semana: - Me parece que esse critério é razoável. Não sinto que vá interferir tanto na vida dos moradores da cidade. Eu acho que essa discussão agora, às portas de uma Copa do Mundo que Porto Alegre certamente sediará, é um retrocesso.

Você gosta de viajar e costuma postar em seu *blog* informações sobre lazer e diversão em todo o mundo. Ao ler a reportagem “Banho de Lua”, na *Revista Isto É*, você decidiu escrever uma mensagem em seu *blog*, a partir das informações do texto, incentivando os internautas a praticarem essa nova modalidade de banho de mar.



À NOITE
Areia morna,
água límpida,
clima ameno.
E a orla torna-se
irresistível

BANHO DE LUA

Com um verão de 40 graus no Rio, a praia noturna vira o grande programa da temporada
Maira Magro

Com o calor batendo recorde no Rio de Janeiro a temperatura média de fevereiro beira os 40 graus, frequentar a praia à noite virou o grande programa deste verão para os cariocas. Quando o sol começa a se pôr, por volta das 19h45, e a areia já não queima os pés, a orla ganha um segundo turno de frequentadores: moradores e turistas ávidos por refrescar o corpo ao fim do dia, aproveitando o ar mais ameno e o espelho d'água iluminado pelos holofotes do calçadão. Não é preciso protetor solar, não há disputa feroz por vaga para estacionar o carro e a pouca luz deixa todo mundo mais à vontade. O banho noturno tem como points o Arpoador, na ponta de Ipanema, e o Leme, na outra ponta, só que de Copacabana, escolhidos por serem bem iluminados e, portanto, mais seguros. No clima de descontração, há famílias, grupos de amigos tocando violão, namorados trocando carícias e solitários caminhando à beira d'água. Para completar o cenário, a água está límpida e azul, por causa da falta de chuva. “Parece o mar do Caribe”, descreve a psicóloga Andréa Sena, 42 anos, que frequenta as noites do Arpoador quatro vezes por semana.

A publicitária Mariana Campos, 27 anos, chega à praia às 20h com amigos e não sai antes da meia-noite. “Levamos biscoitos, bebidas... Fazemos uma farofada”,

**40
graus**

é a temperatura
média da cidade do
Rio de Janeiro neste
mês de fevereiro

assume. Algumas vezes, mergulham até as duas da manhã. “Não faz frio”, garante. Outro que gostou da proposta foi o ator Alexandre Borges, que, de seu apartamento em Ipanema, caminha até a praia para ver o pôr do sol com a esposa, a atriz Júlia Lemmertz, e o filho, Miguel, 9 anos, e depois aproveita para pular no mar. “É maravilhoso”, diz. “Mergulhar à noite traz uma sensação de aventura e mistério, como na infância.”

Mas o Corpo de Bombeiros não está gostando dessa moda. “Não recomendamos o banho de mar à noite porque não temos como garantir a segurança das pessoas”, diz o tenente-coronel Alexandre Rocha. Segundo ele, nesse horário a visibilidade da água não é boa e, além disso, os salva-vidas deixam a praia às 20h. Porém, parece que sob a lua os banhistas são mais cautelosos. Enquanto a corporação já resgatou, neste ano, duas mil pessoas em risco de afogamento durante o dia, nunca recebeu um pedido de socorro à noite. “O mar tem estado calmo”, pondera o coronel Ricardo Nunes. Só se for do ponto de vista dele. Porque, para os milhares de turistas e cariocas que vão à praia à noite, tem estado fervendo – de gente e badalação. ■

Ler jornais e revistas *online* é um dos seus hábitos. A “Carta a um jovem internauta”, publicada na versão eletrônica do Jornal Estado de Minas, chamou a sua atenção por se dirigir ao público internauta. Levando em conta os argumentos apresentados por Frei Betto, escreva para o jornal, emitindo sua opinião sobre a advertência feita pelo autor.

CARTA A UM JOVEM INTERNAUTA

Sei que você passa longas horas no computador navegando a bordo de todas as ferramentas disponíveis. Não lhe invejo a adolescência. Na sua idade, eu me iniciava na militância estudantil e injetava utopia na veia. Já tinha lido todo o Monteiro Lobato e me adentrava pelas obras de Jorge Amado guiado pelos “Capitães de areia”.

A TV não me atraía e, após o jantar, eu me juntava à turma de rua, entregue às emoções de flertes juvenis ou sentar com meus amigos à mesa de uma lanchonete para falar de Cinema Novo, bossa nova porque tudo era novo ou das obras de Jean Paul Sartre.

Sei que a internet é uma imensa janela para o mundo e a história, e costume parafrasear que o Google é meu pastor, nada me há de faltar...

O que me preocupa em você é a falta de síntese cognitiva. Ao se postar diante do computador, você recebe uma avalanche de informações e imagens, como as lavas de um vulcão se precipitam sobre uma aldeia. Sem clareza do que realmente suscita o seu interesse, você não consegue transformar informação em conhecimento e entretenimento em cultura. Você borboleteia por inúmeros nichos, enquanto sua mente navega à deriva qual bote sem remos jogado ao sabor das ondas.

Quanto tempo você perde percorrendo nichos de conversa fiada? Sim, é bom trocar mensagens com os amigos. Mas, no mínimo, convém ter o que dizer e perguntar. É excitante enveredar-se pelos corredores virtuais de pessoas anônimas acostumadas ao jogo do esconde-esconde. Cuidado! Aquela garota que o fascina com tanto palavreado picante talvez não passe de um velho pedófilo que, acobertado pelo anonimato, se fantasia de beldade.

Desconfie de quem não tem o que fazer, exceto entrincheirar-se horas seguidas na digitação compulsiva à caça de incautos que se deixam ludibriar por mensagens eróticas.

Faça bom uso da internet. Use-a como ferramenta de pesquisa para aprofundar seus estudos; visite os nichos que emitem cultura; conheça a biografia de pessoas que você admira; saiba a história de seu time preferido; veja as incríveis imagens do Universo captadas pelo telescópio Hubble; ouça sinfonias e música pop.

Mas fique alerta à saúde! O uso prolongado do computador pode causar-lhe, nas mãos, lesão por esforço repetitivo (ler) e torná-lo sedentário, obeso, sobretudo se, ao lado do teclado, você mantém uma garrafa de refrigerante e um pacote de batatas fritas...

Cuide sua vista, aumente o corpo das letras, deixe seus olhos se distraírem periodicamente em alguma paisagem que não seja a que o monitor exibe.

Preste atenção: não existe almoço grátis. Não se iluda com a ideia de que o computador lhe custa apenas a taxa de consumo de energia elétrica, as mensalidades do provedor e do acesso à internet. O que mantém em funcionamento esta máquina na qual redijo este artigo é a publicidade. Repare como há anúncios por todos os cantos! São eles que bancam o Google, as notícias, a wikipédia etc. É a poluição consumista mordiscando o nosso inconsciente.

Não se deixe escravizar pelo computador. Não permita que ele roube seu tempo de lazer, de ler um bom livro (de papel, e não virtual), de convivência com a família e os amigos. Submeta-o à sua qualidade de vida. Saiba fazê-lo funcionar apenas em determinadas horas do dia. Vença a compulsão que ele provoca em muitas pessoas.



E não se deixe iludir. Jamais a máquina será mais inteligente que o ser humano. Ela contém milhares de informações, mas nada sabe. Ela é capaz de vencê-lo no xadrez – porque alguém semelhante a você e a mim a programou para jogar. Ela exhibe os melhores filmes e nos permite escutar as mais emocionantes músicas, mas nunca se deliciará com o amplo cardápio que nos oferece.

Se você prefere a máquina às pessoas e a usa como refúgio de sua aversão à sociabilidade, trate de procurar um médico. Porque sua auto-estima está lá embaixo e o computador não haverá de encará-lo como se fosse um verme. Ou sua auto-estima atingiu os píncaros e você acredita que não existem pessoas à sua altura, melhor ficar sozinho.

Nas duas hipóteses você está sendo canibalizado pelo computador. E, aos poucos, se transformará num ser meramente virtual. O que não é uma virtude. Antes, é a comprovação de que já sofre de uma doença grave: a síndrome do onanismo eletrônico.

Frei Betto é escritor, autor do livro de contos "Aquário Negro" (Agir), entre outras obras.

Atendendo aos apelos da indústria da estética, você havia decidido aplicar Botox. Ao ler a reportagem “Movimento contra o Botox”, você decidiu escrever para seu médico, desistindo do procedimento. Em seu texto, defenda a sua decisão, ressaltando os efeitos colaterais do uso da toxina botulínica e os riscos que a substância traz para a saúde.



Por causa dos efeitos colaterais, artistas e mulheres comuns levantam bandeira contra o produto que pode modificar as expressões faciais

Claudia Jordão

Há mais de dez anos, o botox promete felicidade instantânea a pessoas que sofrem só de imaginar o aparecimento das primeiras linhas de expressão. Fácil e rápida, com apenas uma agulhada a toxina botulínica apaga os tão indesejados sinais da idade. Em tempos onde ser jovem é passaporte para a aceitação social, não é unanimidade. Por razões que vão desde os riscos à saúde até a necessidade de se manter as expressões faciais, cada vez mais, artistas consagrados e gente comum tornam pública a sua aversão à substância. Agentes de atores, diretores de cinema e estúdios de Hollywood estão encampando um movimento contra a onda das estrelas retocadas. Sua principal crítica é que o uso desenfreado alterou a fisionomia e congelou a expressão dos atores. Na tela, no lugar de expressões de tristeza, raiva, felicidade e prazer, observam-se rostos esticados, lisos, estáticos e sem vida. “Não há atrizes com mais de 35 anos que consigam expressar raiva”, disparou o diretor americano Martin Scorsese.

A última a se declarar contra o uso da toxina para fins estéticos foi a atriz americana Drew Barrymore, 35 anos. “Prefiro ter a pele de um cão basset hound”, disse. Dias antes, a apresentadora Xuxa, 47 anos, disse que não recorria a ela porque temia

que seu rosto ficasse igual a um tamanco. A insatisfação também atinge os altos executivos da indústria de cinema americana. A Warner está privilegiando o recrutamento de artistas na Europa e no Canadá, onde a cultura do botox é menor. A Fox, por sua vez, está fazendo uma série de testes de vídeo. “Estamos atrás de autenticidade”, declarou Márcia Shulman, vice-presidente de casting da Fox, ao jornal britânico “Daily Mail”, “Se o papel é de uma mãe, precisamos de uma atriz que se pareça com uma”. O excesso de botox pode prejudicar em definitivo os movimentos da face. **“Uso exagerado ou aplicações frequentes ocasionam atrofia muscular”, diz o cirurgião plástico Sebastião Guerra,** presidente da Sociedade

Brasileira de Cirurgia Plástica. “Também há riscos de migração da substância para outras musculaturas, quando aplicada em dose excessiva”, afirma o cirurgião plástico Alexandre Senra (leia no quadro outras implicações)”.
CARA LIMPA
Maira Jung, 47, quer preservar a sua história, contada pelas rugas.

Mas é difícil em nossa sociedade nadar contra a corrente e engrossar o movimento. “Se você tem dinheiro, é complicado resistir”, diz Denise Santanna, historiadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). “A pressão pelo corpo jovem é absurda”. Ainda assim, o levante encontra eco fora do meio artístico. Aos 47 anos, a perfumista carioca Maira Jung afirma que jamais recorreria a práticas extremas em nome de uma pele lisa. “Levei tantos anos para construir minhas rugas, que acho um absurdo comprometer minha história com uma substância química.” A bióloga paulista Regiane de Paula, 44 anos, tem pavor de pensar na possibilidade de perder sua identidade. “O envelhecimento é um processo natural, que quero viver com dignidade”. A esperança de quem tem argumentos contra o uso da toxina é de que seu discurso influencie outras pessoas. “Para isso, só aprendendo a envelhecer sem medo e culpa”, diz Denise.



OS RISCOS PARA A SAÚDE

Quando aplicado em excesso e/ou em local errado, pode causar:

Perda da expressão facial

Queda da sobrancelha ou pálpebra

Migração da substância para outra musculatura

Enfraquecimento de músculos

Reação alérgica em pessoas com sensibilidade à albumina, componente presente no botox

Com o objetivo de responder a uma pesquisa de opinião sobre relacionamento entre empresa e cliente, da qual você participará como consumidor informante, complete o quadro no Caderno de Respostas, baseando-se nas informações do texto que leu. Avalie cada uma das afirmações e justifique seu ponto de vista, conforme o exemplo.

MARKETING

Rogério Tobias

Gratos pela preferência!

Muitas empresas já sabem que quando surgem problemas no relacionamento com os clientes elas devem ficar do lado deles, e não adotar uma postura do tipo você aí e eu aqui. "Esse problema é seu e vou ver se posso ajudar em alguma coisa". As organizações que sabem do valor do relacionamento evitam, nessa hora, palavras ou frases tais como: as regras não permitem; isto são normas da casa; impossível, não pode; isso é o máximo que podemos fazer; e outras que somente servem para destruir relacionamentos, que, em muitos casos, demoraram anos para ser construídos ou podem impedir processos de fidelização que deveriam durar longos anos.

Os clientes esperam que o vendedor, o atendente, o técnico, o instalador, os profissionais do *telemarketing* façam tudo para ajudá-lo, sinceramente, a resolver aquilo que o aflige. Quando esse processo é bem conduzido e há a percepção de que realmente está se trabalhando para isso, ele se torna mais flexível e cordato. E o processo de relacionamento continua e até se fortalece.

É comum os empresários apresentarem dúvidas sobre como podem conquistar novos clientes e manter os atuais. Continuamente, recomendo que a confiança do consumidor deva ser conquistada no primeiro momento. Creio fortemente que ainda seja possível chamar as pessoas pelo nome. É imprescindível mostrar boa-fé, oferecer produtos e serviços que realmente vão levar uma solução a eles. Confiança não se conquista com observações e detalhes colocados em letras miúdas, deixando para o novo comprador

o ônus das restrições e limitações do uso do produto ou serviço.

Isso dá muito trabalho e, em caso de empresas muito grande, não passa de pormenores aos quais elas nem pensam mais. Joga-se na mídia um oceano de ofertas imprecisas e colocam-se pessoas mal preparadas para ofertá-las. Impede-se, assim, um relacionamento de longo prazo, que poderia ser muito mais lucrativo do que o vender e correr. O *marketing* está cada vez precisando de profissionais competentes. Tem-se que ter muita habilidade tática e segurança para que se permita sugerir um concorrente quando não se tem aquilo que o cliente necessita. Quando o cliente sai de um ponto de venda levando um *notebook*, por exemplo, ele está na expectativa de ter tomado a decisão certa. Espera que aquela experiência de compra seja garantida pela loja e pelo fabricante. Quando um deles falha, ou ambos, vem o processo de frustração e, conseqüentemente, o abandono da loja e da marca do fabricante. O retorno que o cliente espera não é somente o funcionamento do produto, mas, de confiança e de proteção da sua decisão.

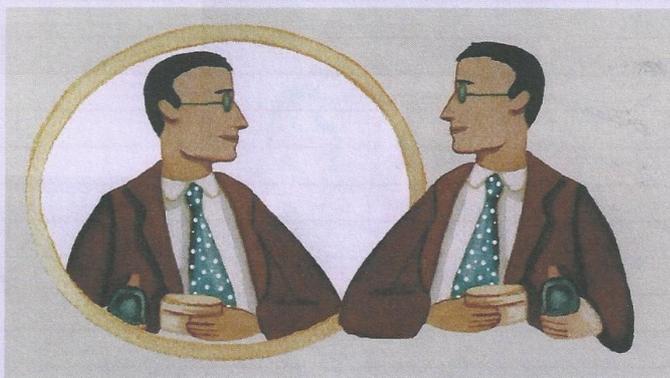
A consolidação de uma marca ou empresa depende diretamente do desenvolvimento de um elo emocional com o cliente. A qualidade física de um produto já não garante mais nada, é apenas um pré-requisito. Muitos têm qualidade técnica, mas não sabem criar uma abordagem emocional cada vez mais decisiva no processo de relacionamento. Árduo é conquistar a conexão emocional. É manter por longo tempo a credibilidade.

Empresas como as fabricantes de computadores ou aquelas ligadas à telefonia precisam urgentemente criar táticas para garantir o sentimento positivo dos clientes. A atração de compradores pelo uso massivo da mídia, sem a correspondente capacitação no atendimento ao cliente, sem a adequada distribuição e garantia e, pior, com a adoção da postura de que esse problema é seu, são falhas que podem ser fatais para a imagem da marca e, conseqüentemente, para o seu futuro, em mercados de consumidores mais exigentes.

Deve-se investir no cliente. Criar meios para aumentar o controle deles nas compras, para facilitar a sua vida com o produto ou o serviço adquirido. É importante fazê-lo ganhar tempo. Uma recomendação importante: "recompensar os clientes que dão preferência à sua empresa. Ele deve sentir-se premiado. Deve-se tornar real aquela antiga frase: gratos pela sua preferência!".

Você trabalha no departamento de *marketing* de uma empresa fabricante de cosméticos que pretende ampliar sua produção. Com base nas informações da reportagem abaixo, escreva um texto para a diretoria dessa empresa, salientando o perfil do homem contemporâneo e sugerindo a criação de uma linha completa de produtos para o público masculino.

● MONITOR ● LUIZ ALBERTO MARINHO*



Beleza é fundamental (para eles)

PESQUISA APONTA QUE 85% DOS BRASILEIROS SE PREOCUPAM COM ESTÉTICA

UMA PESQUISA feita em 2002 nos Estados Unidos pela agência de publicidade Euro RCSG comprovou que a vaidade dos homens no começo do século 21 estava em alta. A divulgação desse trabalho popularizou uma expressão que havia sido criada alguns anos antes pelo jornalista inglês Mark Simpson para definir o novo perfil masculino — começava a era dos metrosssexuais, habitantes das grandes cidades, sensíveis e ligados a temas antes exclusivamente femininos, como moda, gastronomia e decoração.

Durante muito tempo não se falou em outra coisa. Aos poucos, os machos tradicionais começaram a reagir à ideia de decadência da masculinidade. Um exemplo de tal mudança é a campanha de publicidade que ganhou o Grand Prix no Festival de Cannes deste ano: uma linha de produtos de cuidados pessoais que promete deixar homens “com cheiro de homem”. Todas essas teses sobre o comportamento dos machos modernos deixaram uma dúvida no ar: para onde caminhará, afinal, o mercado de produtos masculinos de beleza e cuidados pessoais?

Pelo menos no que diz respeito ao Brasil, a resposta pode estar nas páginas do relatório de uma pesquisa realizada este ano pela Kantar Worldpanel. Ela revelou que nosso país ainda está polarizado entre vaidosos e desleixados quando o assunto é o cuidado com a aparência. Nada menos do que 31% dos rapazes entrevistados usam o que encontram em casa.

E outros 19% delegam às suas companheiras não apenas a compra como também a escolha desses produtos. Por outro lado, já chega a 38% o percentual dos que escolhem e compram eles mesmos suas marcas. Há ainda um grupo de 13% que não vão às lojas mas deixam claro para as companheiras o que querem que elas comprem para eles.

A tendência é que os desleixados tornem-se minoria. Afinal, a preocupação com estética não é mais exclusivamente feminina — o estudo da Kantar mostrou que, se o assunto mobiliza

91% das mulheres, também afeta 85% dos homens. É natural. Existe hoje uma cultura da beleza que não obedece barreiras de sexo, idade ou nível socioeconômico. Para sermos bem-sucedidos, seja no plano social ou profissional, precisamos todos estar em forma e bem cuidados. Mas algumas diferenças persistem, é claro. Enquanto para os homens as maiores preocupações são com a aparência dos dentes, o mau hálito e a

transpiração, o que tira o sono das mulheres são, pela ordem, a obesidade, os dentes, manchas na pele, rugas e flacidez.

A conclusão da Kantar é que existirá cada vez mais espaço para produtos masculinos, desde que adequados especificamente às necessidades dos homens. Isso porque, como já previra o poeta Vinicius de Moraes, beleza é fundamental.

*Luiz Alberto Marinho é consultor em marketing de varejo. Mande seus comentários para o e-mail: gol@trip.com.br

“Produtos para homens terão cada vez mais espaço, desde que adequados ao consumidor”

Imagine que você seja o proprietário de uma loja virtual de gemas brasileiras. Um comprador pediu desconto sobre o valor de uma ametista, alegando não se tratar de uma pedra preciosa, como a esmeralda ou o diamante. Com base no texto, escreva um *e-mail* para esse comprador, a fim de convencê-lo a pagar o preço anunciado.

O Brasil não possui pedras semipreciosas

Pércio de Moraes Branco*

O título acima pode surpreender muita gente, uma vez que o nosso país é reconhecidamente um grande produtor de gemas e o Rio Grande do Sul destaca-se pela produção de ágata e ametista. A afirmativa, propositalmente provocadora, justifica-se, porém, pois não é mais admissível – se é que alguma vez o foi – separar as gemas em preciosas e semipreciosas.

Embora esteja correta a denominação *pedra preciosa*, o mesmo não se dá com *pedra semipreciosa*, e são várias as razões para isso. A principal delas é que nunca houve consenso sobre quais pedras seriam consideradas preciosas. Normalmente, eram assim classificados o rubi, a safira, a esmeralda e o diamante. Alguns autores, porém, incluíam também a opala preciosa e o crisoberilo, por exemplo. E outros, a pérola.

Outra razão para não se separar as gemas em semipreciosas e preciosas é a inutilidade dessa distinção. Para o Brasil, que produz boa quantidade de esmeralda e diamante mas quase nada de rubi e safira, a distinção, mais do que inútil, é muito prejudicial.

Mas não ficam aí os argumentos contra a classificação *semipreciosa*. Embora esmeralda, rubi, safira e diamante sejam usualmente gemas caras, uma esmeralda e mesmo um diamante podem valer menos que uma granada mais rara, por exemplo.

Por esses motivos, o termo *semipreciosa* caiu em desuso em quase todo o mundo, sobrevivendo apenas em alguns países, entre eles o Brasil.

Gemólogos de renome internacional condenam de modo enfático seu emprego. **Robert Webster** considera-o *insatisfatório*, lembrando que foi *abandonado por consenso geral*.

Walter Schumann afirma que *a designação ainda é usada no comércio mas não é uma expressão correta porque muitas pedras chamadas semipreciosas são mais valiosas que as preciosas, não havendo uma linha divisória real entre as pedras mais ou menos valiosas*.

Joel Arem lembra que, *no passado, os termos preciosa e semipreciosa foram amplamente usados, mas que hoje seu uso cria confusão*.

Mas não são apenas os gemólogos que condenam o termo. Também os joalheiros mais bem informados o fazem. Diz **Erich Merget** que *a denominação semipreciosa, atualmente muito utilizada, deveria ser totalmente abandonada. Até hoje, ninguém foi capaz de explicar a origem dessa expressão absurda, completa ele*.

O termo gema tornou-se designação comumente aceita para todas as pedras ornamentais de valor, eliminando a anterior distinção artificial entre as chamadas pedras preciosas e semipreciosas, afirma Jules Sauer. (...)

Coerente com esses posicionamentos, a **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)** recomenda evitar sempre o uso da palavra *semipreciosa*, substituindo-a por *preciosa*, salvo nos casos de exigências comerciais ou legais (NBR 10630). A ressalva justifica-se porque a Itália dá um tratamento diferenciado às gemas importadas, com taxação menor para as que chegam ao país classificadas na origem como semipreciosas.

Portanto, não se constranja de chamar ágata, ametista, citrino, topázio, água-marinha, turmalina, etc. de pedras preciosas. E chame de joia, não de bijuteria, seu brinco, anel ou outra peça confeccionada com gemas que você considera baratas.

O setor joalheiro, como qualquer outro ramo de vendas, trabalha com produtos caros e baratos e o preço nunca foi motivo para uma gema deixar de ser preciosa.

A empresa na qual você trabalha quer incentivar a contratação de pessoas com mais de 60 anos. Seu chefe lhe solicitou um texto para subsidiar as discussões sobre a contratação de idosos, tema na pauta de uma próxima reunião. A partir da matéria da Revista Istoé de 11/11/2009, seu texto deverá mostrar a situação do Brasil em relação ao assunto e destacar as implicações dessa iniciativa para os idosos, as empresas e o país.



Na ativa, Arlete, 66 anos, na lanchonete onde trabalha: “Não quero parar enquanto tiver saúde”.

Economia

A VEZ DOS IDOSOS

Trabalhadores com mais de 60 anos são beneficiados pela retomada do emprego e ampliam sua participação no mercado

Larissa Domingos

O maior desafio do envelhecimento da população é manter o trabalhador por maior tempo possível no mercado de trabalho. O número de idosos brasileiros alcançou 11,1% do total da população e deve se aproximar dos 14% – quando uma sociedade é considerada envelhecida – nos próximos 20 anos. Esse fenômeno impõe entraves econômicos, sobretudo na sustentação dos sistemas de saúde e previdência. Mas a boa notícia é que o Brasil está conseguindo ampliar o número de trabalhadores idosos. Na recuperação econômica verificada sobretudo no segundo semestre, com ampliação do emprego na indústria, setor mais atingido pela crise, o grupo que vem aproveitando melhor essa retomada é a chamada terceira idade. Na última década, a População Economicamente Ativa (PEA) de 60 anos ou mais avançou 56% e chegou a 770 mil pessoas em 2008 em cinco regiões metropolitanas e no Distrito

Federal, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa elevação coloca o crescimento do número de trabalhadores idosos 25% acima do total de pessoas que ingressaram no mercado de trabalho no mesmo período. No ano passado, apenas quatro entre 100 idosos estavam desempregados, segundo levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), feito a pedido de ISTOÉ. O IBGE confirma os dados positivos.

A FORÇA DA TERCEIRA IDADE

Crescimento de 1998 a 2008



FOTO: MURILLO CONSTANTINO

134 ISTOÉ 2007, 11/11/2009.

Você é membro de um grupo de apoio às pessoas com obesidade e colabora com suas ações. Escreva um texto para o *blog* do grupo, com base nas informações da reportagem, argumentando contrária ou favoravelmente à intenção da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA de proibir a venda de inibidores de apetite.

SAÚDE & BEM-ESTAR OBESIDADE

Mão Pesada

A Anvisa quer proibir a venda de inibidores de apetite. O que os obesos perdem com isso?

Cristiane Segatto

Quem vive em luta contra a balança tem mais um problema pela frente. A Anvisa anunciou na semana passada que pretende proibir a venda de inibidores de apetite, entre eles a sibutramina, por apresentarem riscos cardíacos. O medicamento, que atua no cérebro e aumenta a sensação de saciedade, é a principal escolha dos médicos que prescrevem drogas contra a obesidade. O tratamento é barato (R\$ 20 por mês), mas o sucesso é incerto. Alguns pacientes não emagrecem nada. Outros chegam a perder 20 quilos. Nesta quarta-feira, a possível proibição será debatida numa audiência pública em Brasília, mas, desde já, desperta uma questão: será que a agência regulatória brasileira está exagerando?

“Se a Anvisa seguir com essa ideia, vai causar um imenso prejuízo a milhões de brasileiros que não conseguem emagrecer de outra forma”, diz Ricardo Meirelles, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. A principal justificativa da agência a favor da proibição da sibutramina é um estudo de seis anos realizado pelo próprio fabricante (o laboratório Abbott) com 10 mil pacientes, a pedido da Agência Europeia de Medicamentos (Ema). Foram incluídos apenas obesos acima de 55 anos, com diabetes e histórico de problemas cardiovasculares. No grupo que recebeu placebo (comprimidos sem efeito), o índice de infarto, AVC ou outros problemas cardiovasculares foi de 10%. No grupo que tomou sibutramina, o índice foi de 11,6%. Ou seja: o risco aumentou 16%. Nenhuma morte foi registrada.

Embora o estudo tenha sido realizado com um grupo de alto risco, as autoridades europeias estenderam as conclusões para a população geral e proibiram a venda do remédio em janeiro de 2010.

“Esse caso é um exemplo grave de má interpretação da evidência científica pelas autoridades regulatórias. A agência europeia errou”, afirma Meirelles. A decisão provocou um efeito cascata. A Abbott foi pressionada pela agência americana FDA e decidiu retirar a droga dos Estados Unidos. O mesmo ocorreu no Brasil no final de 2010, mas a sibutramina continuou disponível na forma de produtos genéricos ou similares. Agora, além deles, a Anvisa pretende banir outros inibidores de apetite da classe dos anorexígenos anfetamínicos – anfepramona, femproporex e mazindol. Eles podem causar dependência e já não são vendidos na Europa e nos Estados Unidos. Restaria nas farmácias apenas o orlistat, conhecido pela marca Xenical. Ele não atua no cérebro e tem efeito emagrecedor menor. “Esses remédios precisam ser banidos. Não vamos esperar alguém morrer para tomar uma atitude”, diz Maria Eugênia Cury, chefe do núcleo de investigação em vigilância sanitária da Anvisa. A sibutramina não pode ser usada por pessoas que têm ou tiveram arritmias ou insuficiência cardíaca, AVC, doença arterial periférica, hipertensão fora de controle, infarto, angina. “A decisão de retirada dos remédios é correta”, diz Raul Dias Santos Filho, do Instituto do Coração (InCor). “Não compensa tomar remédio para perder pouco peso e correr risco cardiovascular, ainda que pequeno”. A perda média de peso com a sibutramina é de 5%. Segundo os endocrinologistas, a proibição trará problemas mais graves. “Os pacientes vão engordar mais ou recorrer a fórmulas perigosas como os hormônios tireoidianos”, diz Walmir Coutinho, presidente eleito da Associação Internacional para o Estudo da Obesidade. “Isso, sim, pode matar”.



Não existe milagre

Outros métodos de emagrecimento também têm desvantagens. Os principais:

- **DIETA E EXERCÍCIOS**

Metade dos obesos não consegue emagrecer e manter o peso por muito tempo

- **ORLISTAT**

Emagrece menos que a sibutramina, causa diarreia, flatulência e inchaço

- **CIRURGIA**

É indicada apenas aos muito obesos (IMC acima de 35). Pode causar problemas neurológicos e perda óssea

Preocupado com a situação do lixo abandonado na órbita da Terra, você decidiu escrever para o Greenpeace, solicitando que a instituição inclua essa discussão em sua agenda de reivindicações. No seu texto, você deverá apresentar a origem do problema e seus possíveis desdobramentos, bem como sugerir algumas soluções.

Faxina no céu

O espaço está cheio de veículos descartados e fragmentos metálicos girando em alta velocidade. Como eliminar esses detritos?

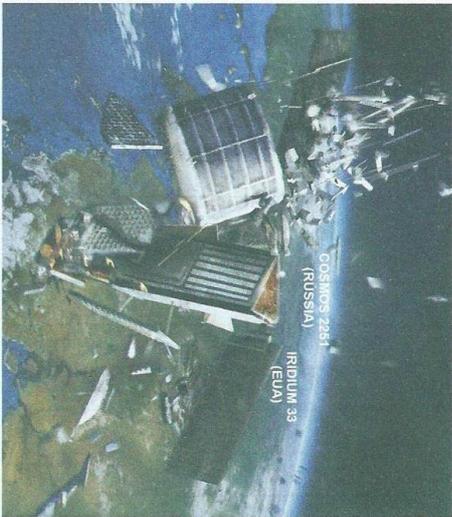
OUTROS CIENTISTAS DA NASA estão empenhados em levar astronautas ao espaço ou enviar sondas interplanetárias a Plutão, mas o que preocupa Nicholas Johnson é um cenário de pesadelo chamado “síndrome de Kessler”, em homenagem a seu colega Donald Kessler, o cientista que a descreveu pela primeira vez, na década de 1970. O cenário básico é uma órbita atulhada de objetos. Dias

peças de equipamentos enormes — como satélites ou foguetes de lançamento — colidem a uma velocidade superior a 32 mil quilômetros por hora, e ambas se transformam em centenas de fragmentos. Um desses fragmentos em seguida

choca-se com outro objeto volumoso, que por sua vez se desfaz em centenas de pedaços — e assim por diante, em uma reação em cadeia que culmina na formação de um anel de detritos espaciais densos demais para ser atravessado em segurança.

Até o ano passado, diz Johnson, o responsável pelo Departamento do Programa de Detritos Orbitais da Nasa,

“tal perigo era apenas uma questão acadêmica”. Mas, em 10 de fevereiro de 2009, foi registrado o primeiro choque direto entre objetos em hipervelocidade, acima de 10 mil quilômetros por hora. Um satélite da Iridium colidiu com um satélite russo obsoleto à altitude de 800 quilômetros sobre a Sibéria. Esse único acidente acrescentou cerca de 2 mil grandes fragmentos à nuvem de detritos que gira em torno da Terra.



Cerca de 11,5 mil objetos maiores que 10 centímetros flutuam em órbitas próximas à Terra. Outros 10 mil estão em órbitas mais distantes.



National Geographic, jul. 2010.

Agências espaciais de todo o mundo monitoram os fragmentos maiores, evitando que haja colisões entre eles e os veículos espaciais, sobretudo os tripulados. E, em 2007, a ONU pediu a adoção de medidas preventivas, como o esgotamento do combustível dos foguetes utilizados para que não explodam, e a recomendação de que não se usem satélites desativados como alvos para testes de mísseis — o que a China havia feito no ano anterior.

Tais regras básicas, contudo, não vão impedir colisões acidentais. “Nos próximos 50 anos”, diz Johnson, “é razoável que haja uma colisão de dois grandes objetos a cada cinco anos.” É provável que isso não seja suficiente para desencadear o pesadelo de Kessler. Por outro lado, tampouco se vê no horizonte algum esquema de faxina viável. Estão sendo discutidas várias maneiras de lidar com o lixo espacial. Um cabo comprido e capaz de conduzir eletricidade poderia ser

ILUSTRAÇÃO DE SEAN MOWAT/GETTY IMAGES
FONTE: DEPARTAMENTO DO PROGRAMA DE DETRITOS ORBITAIS DA NASA

Você é o gerente financeiro de uma escola de samba do Rio de Janeiro. Com base em informações do texto “Anuncie no samba-enredo e salve o Carnaval”, redija uma carta a empresas brasileiras ou estrangeiras, solicitando patrocínio para sua escola. Explícite as vantagens que o patrocínio poderá trazer para a empresa, relacionando-as ao valor cultural e social do investimento no Carnaval.

POLÊMICA

Anuncie no samba-enredo e salve o Carnaval

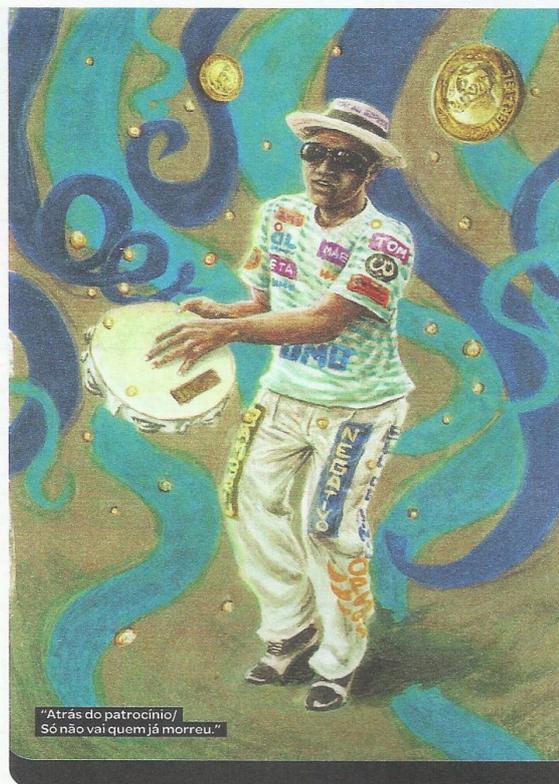
Incluir publicidade no samba é o jeito que as escolas encontraram para fugir do financiamento ilegal. E de manter o espetáculo vivo por muitos Carnavais.

— TEXTO CARLOS PERRONE*

Disputar o título de Campeã do Carnaval carioca exige um investimento e tanto. Em dinheiro, mais de R\$ 5 milhões. Em pessoas, mais de 3 mil. E, mal acaba um Carnaval, já começa a preparação para outro. Quem banca tudo? Para começar, a Rede Globo, que paga milhões para a liga das escolas de samba pelo direito de transmitir os desfiles ao vivo para mais de 150 países. Há também uma verba repassada às escolas pela prefeitura do Rio, pelo estado do Rio e pelo governo federal, além da bilheteria – nos 3 dias de desfile de 2010, as escolas de samba do Grupo Especial conseguiram arrecadar R\$ 42 milhões com os ingressos. Tudo isso é dividido entre as 12 escolas do grupo.

Mesmo assim falta dinheiro. É aí que entra o marketing. Ou, como chamo, o “Carnaval corporativo”. Em 2002, propus à escola de samba Salgueiro o primeiro enredo patrocinado por uma marca privada. A ideia era falar da história da aviação, do sonho de voar, desde Icaro até hoje. Virou o enredo *Asas de um Sonho, Viajando com o Salgueiro, o Orgulho de Ser Brasileiro...* Não era esse o tema do marketing da TAM? Sim, era. O Carnaval da escola, patrocinado pela companhia aérea, teve um resultado sensacional: o Salgueiro ficou em 3º lugar. Em 2010, a Portela também aceitou a ideia. Levou à passarela um Carnaval que mostrava como a inclusão social passa pela inclusão digital. A Positivo Informática foi a empresa que investiu na escola.

Não se trata de vender o samba, e sim de viabilizá-lo. Comecei a trabalhar com marketing no Carnaval há mais de 20 anos. Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do Rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E



“Atrás do patrocínio/Só não vai quem já morreu.”

precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso.

É um grande negócio para todos os envolvidos. As escolas de samba não precisam mais buscar dinheiro “frio”. O patrocinador associa sua marca à mais pura manifestação cultural brasileira, com direito a convidar contatos de empresas parceiras para assistir aos desfiles. Em geral, a expectativa é de que o retorno conseguido pelas companhias seja o dobro do valor investido no Carnaval.

A questão está em como aliar patrocínio e samba. Cantar “Salve o Bombril aí, gente!” seria ridículo. O que vale é bom senso: é preciso trabalhar com um contexto. Lata de leite, sabão em pó, o que não tiver uma história por trás não vira enredo. Com criatividade e pertinência, o Carnaval continuará um espetáculo saudável, sem perder a sua essência. 5

“Há 20 anos o Carnaval era quase 100% pago com recursos ‘não declarados’. De lá para cá, o espetáculo se profissionalizou. Sem patrocínio, corremos o risco de voltar ao dinheiro de fonte duvidosa.”

*Carlos Perrone é presidente da agência de publicidade Pepper. Os artigos aqui publicados não representam necessariamente a opinião da SUPER. Ilustração Felipe Gonzalez

Anexo 17 – Respostas dos/as colaboradores/as ao questionário aberto autoadministrado

1 *Para você, o Celpe-Bras é um importante veículo de representação do Brasil para os(as) estrangeiros(as) que realizam o exame?*

C1 Certamente que sim! Tem estrangeiro que idealiza o Brasil e, a partir do momento em que tem um contato mais próximo, tal qual lhe é permitido ao fazer o exame, passa a ver coisas que não imaginava que existissem. Ouve pessoas de diferentes regiões brasileiras. Tem contato com a diversidade deste nosso imenso país.

C2 Sim. E não somente para os que fazem o exame, mas também para outros estrangeiros que desejam vir ao Brasil, seja para conhecer ou para estabelecer relações profissionais, acadêmicas e de outra ordem. O Celpe-Bras sempre teve uma importância cultural, social, e também político-econômica aqui no Brasil. Ele serve como um instrumento capaz de consolidar a vinda e permanência de diversas pessoas, oriundas de vários países, que têm interesse em promover o intercâmbio cultural e as relações sociais, profissionais e intelectuais. E através do Celpe-Bras os estrangeiros estabelecem um contato com a cultura, os costumes, e diversos outros aspectos constituintes do Brasil.

C3 Não saberia dizer se ele é importante, mas sem dúvida é um veículo de representação do Brasil para os candidatos do Celpe. Entendo que os candidatos leem os textos do exame e (re)constróem as representações de Brasil.

C4 Considero, sim, o Celpe-Bras um importante veículo de representação do Brasil para os estrangeiros que realizam o exame, uma vez que as tarefas que compõem a prova têm como ponto de partida textos (escritos e orais) que circulam em diversas esferas sociais da sociedade brasileira e, portanto, espelham nossa cultura.

C5 Sim. No entanto, devemos ter sempre em mente que essa representação expressa as concepções de um grupo específico (professores, pesquisadores em LA), o que se reflete principalmente na elaboração e correção das tarefas propostas. Por outro lado, acho interessante observar que a concepção de uso da linguagem permeada nessas tarefas parece ir ao encontro de uma visão geral (ou estereótipo?) do Brasil como um lugar de informalidade, regras menos rígidas... – o que quase nunca é observado em outras provas de proficiência de outros países (com controle específico de regras gramaticais em diferentes questões das provas ou entrevistas estruturadas para o desenvolvimento de determinado tópico gramatical).

C6 O Celpe-Bras pode ser visto como um instrumento de representação do Brasil para os examinandos que o realizam, uma vez que nesse exame, muitas vezes, estão presentes temáticas que retratam o Brasil sob diversos aspectos (cultura, sociedade, mercado de trabalho, etc). Porém, sendo um instrumento que tem como foco medir a proficiência dos examinandos por meio de tarefas comunicativas, o Celpe-Bras não aborda exclusivamente questões que tenham o Brasil como foco. Além disso, quando falamos em "representação do Brasil", que Brasil estaríamos retratando, já que nossa cultura é tão diversa e mesmo nossa língua apresenta tantas variantes? Há no Celpe-Bras representações do Brasil, mas não sei se poderíamos considerá-lo um "veículo", já que não é esse o foco do exame. Acredito que as imagens de Brasil criadas ou

transmitidas pelo exame sejam um efeito gerado pela própria natureza do exame, que exige a seleção de temas atuais e que permitam ao examinando conhecer e se manifestar em relação às situações de comunicação que lhe são apresentadas nas tarefas.

C7 Sim. O exame, não se pode negar, é elaborado a partir das representações que seus elaboradores têm do Brasil. Isso, certamente, contribui para que aqueles estrangeiros que acessam tais representações construam suas representações de Brasil, evidenciando, assim, a importância do Celpe como veículo de representação.

C8 Sim. O Celpe-Bras representa o Brasil pelo fato de diagnosticar a competência linguística do examinando na variante brasileira da língua-cultura portuguesa. Entendo língua-cultura como o espaço onde se dará a mediação intercultural (MENDES:2011) entre os estrangeiros examinandos e as questões propostas no exame. Assim, a língua-cultura portuguesa aqui é mais do que estrutura, símbolos e códigos. A língua-cultura portuguesa no Celpe-Bras é a vitrine do Brasil para o examinando. Tal representação veiculada pela língua é apenas um recorte de alguma situação comunicativa supostamente produzida em território brasileiro e que tentará ser materializada pela produção escrita ou oral do examinando estrangeiro. Para tal diagnóstico, são utilizadas tarefas em língua-cultura portuguesa, cujos propósitos comunicativos são bem definidos e que demandam do examinando a compreensão e a habilidade de lidar com uma situação real e contextualizada de uso da língua portuguesa.

2 *Você considera o exame Celpe-Bras como um bom veiculador de representações do Brasil, ou seja, de nossos elementos culturais, sociais, políticos, identitários? Por quê?*

C1 Acredito que seja, sobretudo porque os professores que compõem tanto a equipe técnica, quanto a comissão, são de diversos Estados brasileiros e, por conseguinte, veiculam as respectivas culturas regionais em todos os âmbitos do exame, incluindo-se, nesse bojo, a prova e suas tarefas, obviamente.

C2 Sim. Por ser um exame com alto grau de qualidade, tanto no processo de elaboração, como também de aplicação, o Celpe-Bras serve como um veículo de informação e divulgação de aspectos relativos à cultura, sociedade, política e outros aspectos formadores da nação brasileira. Essas não são, necessariamente, finalidades explícitas do exame, porém a forma como o Celpe-Bras foi idealizado, bem como a sua condução, ao longo dos anos, teve como consequência esses aspectos. Com isso, os estrangeiros acabam aproveitando esse instrumento para formar um breve retrato do Brasil, que será ampliado posteriormente, na medida em que eles convivem com a cultura e a sociedade brasileira, percebendo cada vez mais a formação identitária do povo brasileiro.

C3 Não. Entendo que em algumas edições do Celpe a seleção de textos poderia ter sido mais bem realizada. Em edições recentes encontram-se estereótipos culturais reforçados, com textos sobre a feijoada, a caipirinha, o carnaval, e outros temas gerais, como a obesidade, que não se vinculam necessariamente com a cultura brasileira.

C4 Não entendeu a pergunta.

C5 O exame é um bom veiculador, mas parece haver uma constância de eixos temáticos que podem empobrecer o universo cultural brasileiro. Além disso, do mesmo modo que na questão anterior, não podemos perder de vista a homogeneidade dos elaboradores (dentro do universo brasileiro), o que certamente limita essa veiculação.

C6 Como o Brasil é um país multicultural diria que o exame retrata algumas representações do país (por vezes até um pouco estereotipadas quando pensamos em alguns elementos provocadores da Parte Oral). Questões que abordam temas como alimentação, meio ambiente e comportamento, normalmente, trazem sim representações de como "aquilo é no Brasil".

C7 Não sei se eu poderia considerar o Celpe como um “bom veiculador de representações” do Brasil, pois acho complicada essa classificação. O que posso dizer é que o Celpe procura veicular boas representações de Brasil, seja no que diz respeito aos aspectos sociais, políticos ou identitários. Seguindo essa lógica, não seria equivocado afirmar que o país é representado apenas parcialmente. Isso, em minha concepção, não é positivo.

C8 Agora sim. O exame só veicula representações do Brasil em suas esferas sociais, políticas, culturais e identitárias se prezar pela diversidade regional de seus elaboradores. Penso que quanto maior a diversidade regional dos professores elaboradores, mais regiões brasileiras farão parte da vitrine brasileira que é apresentada por meio das tarefas e elementos provocadores. Assim, diferentes Brasis poderão ser enaltecidos em suas peculiaridades e especificidades. Essas culturas podem se complementar, uma vez que fazem parte do mesmo território nacional. E é na língua-cultura portuguesa que elas se dialogam, materializam e se intermedeiam.

3 *Caso você já tenha participado de algum evento de elaboração das provas do Celpe-Bras, comente um pouco a respeito do que influencia você a escolher determinado texto para ser levado para o evento de elaboração em vez de outros textos possíveis.*

C1 O que me influencia na escolha de determinado texto para submeter à coordenação dos trabalhos de elaboração é um conjugado de fatores: o texto tem que ter um conteúdo significativo em termos de língua, de cultura e ser de um gênero textual bem definido.

C2 Já tive a oportunidade de participar da elaboração do Exame Celpe-Bras e devo dizer que foi uma experiência bastante enriquecedora, produtiva e prazerosa. Sobre esse aspecto, cabe salientar que uma das minhas preocupações ao participar da elaboração das provas do Celpe-Bras é a de selecionar materiais que sirvam aos propósitos pedagógicos e metodológicos do exame (o que está de acordo com os objetivos gerais do Celpe-Bras). Além disso, creio que é sempre interessante reunir materiais que estejam relacionados à cultura de diversas regiões, aos costumes e hábitos dos brasileiros, à história e à sociedade brasileira, dentre outros assuntos que acabam contribuindo para passar um retrato panorâmico do país. Cabe pontuar que também posso escolher materiais abordando assuntos mais universais, que podem fazer parte de outras culturas e nações, e isso pode influenciar positivamente no desempenho dos candidatos nas provas. Porém, ao buscar textos e outros materiais que poderão compor as provas do Celpe-Bras, penso muito em temas que remetam a aspectos relacionados à cultura, aos costumes, ao cotidiano, as tendências comportamentais dos brasileiros. Desse modo, acredito que as provas unirão os aspectos pedagógicos, metodológicos,

sociais e culturais, levando os estrangeiros a aprender um pouco sobre a sociedade brasileira, e não somente fazer uma avaliação mecânica e desvinculada da realidade.

C3 O que mais me influencia é o tratamento dado a determinado aspecto da cultura brasileira. Busco especialmente textos que interpretam um dado da cultura brasileira e acrescentam algo e que, por vezes, quebram nossas expectativas positivamente. Quando selecionei o texto sobre pedras preciosas, por exemplo, considerei a visão interessante, não tão conhecida e divertida do texto.

C4 Para a seleção de textos que farão parte das tarefas do Exame, sempre tento buscar textos que possibilitem a elaboração de tarefas plausíveis, ou seja, textos que permitam a elaboração de enunciados que propiciem um propósito de leitura de acordo com o gênero discursivo do texto em questão e que solicitem ao candidato a produção escrita de outros textos possíveis no “mundo real”. Quando lemos e escrevemos um texto, sempre temos um propósito, um objetivo, e é nesse sentido que procuro selecionar os textos que poderão fazer parte do exame.

C5 A escolha de um determinado material passa, em primeiro lugar, por um interesse pessoal, seguido do levantamento de possíveis “diálogos” que possa gerar. Confesso que não me preocupo com a diversidade temática, mas sim em levantar materiais que acredito que rendam algo na entrevista ou na realização de tarefas escritas. Por fim, observo se o universo selecionado pode ser representativos de diferentes culturas.

C6 Na seleção dos textos selecionados para o exame, considero aspectos como: a natureza do exame, a variante linguística presente nesses textos, as possibilidades de exploração que eles oferecem e também a abrangência dos temas neles retratados, uma vez que o exame será realizados por estrangeiros de diversas culturas.

C7 Acredito que a escolha dos textos passa pela questão das representações que os elaboradores do Celpe têm de Brasil. Em meu caso, essa realidade não é diferente. Portanto, as escolhas que faço são orientadas por pelas representações que tenho acerca de meu país.

C8 Não posso deixar de incorporar a minha região de origem, isto é, Minas Gerais, na elaboração. Se eu penso a língua como língua-cultura, penso logo em uma reportagem, anúncio, crônica, vídeo, áudio etc que tente representar o que acontece na sociedade, na cultura, na economia, na história, na geografia, enfim, na conjuntura atual do Brasil. Digo minha região de origem porque é impossível dissociarmos nossa língua-cultura de nossa identidade, a começar pelo sotaque, e também porque sou leitor do jornal *Estado de Minas*. Todavia, isso não quer dizer que não posso utilizar veículos de expressão nacional como as revistas *Veja*, *Piauí*, *Concerto* e *Turma da Mônica*, por exemplo. Além desses veículos, o conteúdo a ser transmitido por eles é significativo, pois o texto tem que representar bem um determinado assunto para que, a partir dele, possamos elaborar uma tarefa com um propósito comunicativo específico (para quê?), levando sempre em conta o interlocutor (quem?) e o gênero textual a ser produzido (o quê?). Assim, o texto, seja escrito ou oral, a ser escolhido deve nos dar insumos adequados para a produção desse tipo de tarefa.

4 *Você percebe a influência da carga cultural particular das pessoas que elaboram o exame na composição final de cada edição do Celpe-Bras? De que maneira?*

C1 A minha própria carga cultural eu sempre percebi, pois antes de fazer a licenciatura e o bacharelado em Letras, na UFMG, fiz o curso de Farmácia, com Especialização em Bioquímica, resultando disso que gosto muito dos textos que exploram bem a língua, mas têm como conteúdo aspectos voltados à área de saúde. Com relação aos demais profissionais que participam da elaboração, o que mais me chamou a atenção foi a escolha de vídeos que retratam situações típicas das regiões que esse professores representam. Acho isso ótimo, pois o Brasil é uma mescla de cada uma dessas culturas regionais e se ela pode ser espelhada no exame, quanto maior e mais diversificado for o número de profissionais da área, envolvidos, estará perfeito, desde que não haja estereótipos, claro!

C2 De certo modo, sim, sem que isso comprometa a qualidade do exame. Acredito que isso ocorre porque é muito difícil se desvincular da sua realidade, das suas referências culturais, pois elas fazem parte da formação intelectual, pessoal profissional do indivíduo. Assim, ao elaborar e aplicar uma edição do Celpe-Bras, os aspectos culturais e identitários do colaborador do exame podem aparecer, de algum modo, no exame. E isso pode se refletir na escolha de determinado texto, vídeo, áudio ou mesmo nos temas que aparecem nos elementos provocadores utilizados na prova oral. Porém, como fora mencionado na resposta anterior, isso não é uma prática obrigatória, pois é interessante e adequado escolher temas e assuntos que sejam mais universais e possuam uma abrangência maior, ou seja, temas e assuntos que podem fazer parte do cotidiano de outras sociedades e culturas. Isso, de certo modo, “neutraliza” a influência da carga cultural particular de um colaborador envolvido na elaboração e aplicação do exame Celpe-Bras.

C3 Sim. É possível identificar na leitura das tarefas diferenças entre os exames e imaginar que eles foram elaborados por pessoas com pressupostos de cultura brasileira distintos.

C4 Entendo que, ao selecionar textos e elaborar enunciados para a prova, os elaboradores lançam mão de sua carga cultural como, por exemplo, quando selecionam textos de uma revista que faz parte de seu repertório de leitura ou uma reportagem que trata de um assunto que está em voga em sua comunidade. No entanto, como todos os textos e enunciados das tarefas passam por avaliações de outros elaboradores, acredito que a carga cultural seja compartilhada por todos os membros da equipe de elaboração, não havendo, portanto, temas ou questões que espelhem a visão de apenas um elaborador.

C5 As minhas respostas às perguntas anteriores confirmam a percepção dessa influência, observada especialmente na recorrência de temas e de enunciados propostos (a elaboração de e-mail para amigo, por exemplo, que muito foi solicitado em diferentes edições do exame).

C6 A equipe de elaboração do exame, selecionada em chamada pública, tem representantes de várias regiões do Brasil, havendo também colaboradores que vivem no exterior. É fato que ao selecionar os materiais para sugerir a elaboração de tarefas, muitas vezes, levamos textos que circulam em jornais locais, mas como a prova é montada em equipe aquilo que seria muito "bairrista" acaba sendo filtrado pelo grupo. A equipe elaboradora tem em mente a abrangência do exame.

C7 Não entendeu a pergunta.

C8 Sim. Quando elaboramos o exame trazemos conosco tudo aquilo que nos representa culturalmente, a começar pelas diversas línguas-culturas portuguesas existentes pelo país. Essa representatividade cultural diversificada refletirá principalmente nas tarefas elaboradas, pois somos envolvidos pelo ambiente e contexto nos quais estamos inseridos por meio da mídia. Formamos nossas opiniões, somos influenciados e coletamos nossas referências por meio da mídia, dos livros que lemos, das conversas que temos etc. Muitas vezes, esses instrumentos são regionais. Podemos recortar um assunto regional que tenha alcance nacional ou, até mesmo, internacional, como a questão das ciclovias gaúchas, ou a culinária mineira sendo representada no Congresso Internacional de Gastronomia em Madrid, ou a transposição do Rio São Francisco no nordeste. Assim, percebemos os regionalismos das tarefas pelas fontes dos veículos utilizados nas elaborações. Isso enriquece o exame, uma vez que ele tenta, dessa forma, mostrar a pluralidade existente no espectro cultural do Brasil. Citando DaMatta (1984), o Brasil é relacional e não dual. O Brasil tem uma potencialidade notável no que concerne à mistura, ao plural, ao multi, à miscigenação. Portanto, necessitamos relacionar as várias regiões brasileiras, sejam elas, longínquas, conhecidas, comentadas ou não, a fim de que possamos contemplar nas tarefas e elementos provocadores do Celpe-Bras, cada vez mais, esse rico e diverso mosaico cultural brasileiro.